

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PÓS - GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

JULIANA CRISTINA COSTA

A POESIA CONTEMPORÂNEA DE CRISTIANE SOBRAL E ANA ELISA RIBEIRO:
A IDENTIDADE RACIAL NA CONFIGURAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DO
FEMININO NA LITERATURA BRASILEIRA

Juiz de Fora - MG

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

JULIANA CRISTINA COSTA

A POESIA CONTEMPORÂNEA DE CRISTIANE SOBRAL E ANA ELISA RIBEIRO:
A IDENTIDADE RACIAL NA CONFIGURAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DO
FEMININO NA LITERATURA BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Literatura, Identidade e Outras Manifestações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Graça Faria

Coorientador: Prof. Dr. Alcione Correa Alves

Juiz de Fora- MG

2018

Dedico esta dissertação à **Miriam Aparecida Alves**, intelectual negra que me inspira e inspira muitas outras mulheres negras acadêmicas.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Alexandre Graça Faria pela liberdade epistemológica fornecida durante todo o processo de orientação, o que faz com que seja o primeiro a surgir em minhas lembranças quando eu recordar o período do mestrado;

Ao Prof. Dr. Alcione Correa Alves pela disponibilidade de coorientação apesar da distância;

A Maria Creusa Zacarias, minha mãe acadêmica;

A Renilda dos Santos, minha mãe;

A Julia Cristina Costa e Leandro Cristiano Costa pelo apoio no processo de escrita;

A Adenilde Petrina e o Vozes da Rua pela acolhida e pelos diálogos;

As amigadas maravilhosas que sempre me sustentaram mediante ao riso e estímulo, cito alguns nomes: Geisa Ramos, Franci Silva, Juliana Rosa, Máisa Alves, Ana Paula Fernandes Mendonça, Sylvia Franceschini, Silvia Priori, Tainara Campos, Fernanda Martins, Juliana Rocha, Francine Oliveira e outras tantas queridas pessoas;

A Matheus Marçal, pesquisador e ativista negro;

A Denyse Cantuária que por nossos diálogos e “brigas” sobre a literatura me despertou para a crítica de poesia;

Às professoras Doutoras Ana Beatriz Gonçalves e Prisca Agustoni pelo exemplo e ética que me fizeram entender qual a relevância de se ler intelectuais negras.

RESUMO

A presente dissertação é oriunda de várias interpelações pessoais e acadêmicas acerca da escrita feminina e sua relação com o mundo social. Diante da variada nomenclatura que esboça a especificidade de muitas produções literárias realizadas por mulheres brasileiras, surge a necessidade de observar essas produções e ver quais são as perspectivas sociais apresentadas pelas mesmas e quais são os modos como realizam a representação do feminino considerando a interferência das questões raciais. Com esta pesquisa, poderemos compreender a face ideológica da poesia brasileira contemporânea em seu caráter de reprodutora (ou não) de posicionamentos ideologicamente orientados pela posição que as poetisas ocupam na sociedade. Para isso, será de suma importância relacionar as poesias das escritoras brasileiras Cristiane Sobral e Ana Elisa Ribeiro estabelecendo uma dialética entre as escritas e perceber se a identidade racial influencia na construção do texto literário.

Palavras-chaves: Literatura Brasileira, Mulheres brasileiras, identidade racial, imaginário social.

RESUMEN

La presente disertación es oriunda de varias interpelaciones personales y académicas acerca de la escritura femenina y su relación con el mundo social. Ante la variada nomenclatura que esboza la especificidad de muchas producciones literarias realizadas por mujeres brasileñas, surge la necesidad de observar esas producciones y ver cuáles son las perspectivas sociales presentadas por las mismas y cuáles son los modos como realizan la representación del femenino considerando la interferencia de las cuestiones racial. Con esta investigación, podremos comprender el rostro ideológico de la poesía brasileña contemporánea en su carácter de reproductora (o no) de posicionamientos ideológicamente orientados por la posición que las poetisas ocupan en la sociedad. Para ello, será de suma importancia relacionar las poesías de las escritoras brasileñas Cristiane Sobral y Ana Elisa Ribeiro estableciendo una dialéctica entre las escrituras y percibir si la identidad racial influye en la construcción del texto literario.

Palabras claves: Literatura Brasileña, Mujeres brasileñas, identidad racial, imaginario social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 LITERATURA BRASILEIRA: AS FACES OCULTAS DE UM CONCEITO	13
1.1 Literatura e mundo social: Fronteiras do imaginário e distância social	14
1.2 Literatura brasileira: A identidade cultural branca versus uma identidade nacional heterogênea	26
2 UNIVERSALIDADES OCULTADAS: MULHERES E RACISMO	40
2.1 Mulheres que oprimem mulheres relações: relação intragênero e racismo	41
2.2 Quando a escrita de mulheres passa em branco não existe entrelinhas	50
3 A POESIA DE MULHERES: REALIDADE EM TONS LÍRICOS	56
3.1 Cristiane Sobral: O fio crespado do poema	57
3.2 Ana Elisa Ribeiro: Entre “Cacos”, “estilhaços” há o “anzol”	87
3.3 O Eu- lírico racializado: Do invisível ao visível	108
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

Nem vem como quem quer fazer de mim ninguém
Eu sou uma mulher
livre da sina e da obsessão
eu sou o que eu quiser
Decisão é consequência
e se te assusta a minha aparência
Boto fogo no olhar
e acendo minha consciência
Jogo pra ganhar!
Não sou cliente da anulação
não consumo veneno não transo ilusão
Me abasteço de argumento
Conteúdo é munição
Miro e sigo

Larissa Luz

Minhas mãos estão doloridas, bastantes doloridas, devido ao processo de escrita desta dissertação. Fico a pensar nas mulheres negras escritoras e/ou intelectuais ao longo da história brasileira, se são poucos os nomes que chegam ao (re) conhecimento público, são muitas as que foram atingidas pelo processo de invisibilidade o qual não sei dizer se é acadêmico e/ou social. Quando penso na minha trajetória de intelectual negra em formação - as barreiras, as amarguras e as poucas delícias – percebo que é recorrente o racismo. No mestrado não foi diferente, enquanto sujeito negro tive que lidar com o racismo, aquele sutil, que muitas pessoas brancas afirmam ser coisas das cabeças pretas. Tive inicialmente duas orientadoras, mulheres brancas, com as quais não foi possível estabelecer diálogos que envolvessem trocas de conhecimento, mas pude compreender que a relação orientanda e orientadoras era uma relação de poder racializada.

Percebi que existe no ambiente acadêmico uma arena discursiva e é onde conflitos simbólicos são travados constantemente e nisto a hegemonia da produção do discurso acadêmico vem sendo abalada paulatinamente. Em relação aos sujeitos negros, a partir de alguns relatos que eu ouvi de colegas pós-graduandos de diferentes universidades brasileiras, constatei que o corpo negro dentro do ambiente acadêmico é como um corpo estranho em um ambiente que se considera saudável, a nossa presença incomoda o sistema inteiro.

Pude perceber que discursos são pequenas dinamites que lançamos nos outros se nosso objetivo na comunicação é apenas a dominação. Somos lidos o tempo todo e a “leitura social” ao invés de mobilizar a autocrítica ainda mobiliza crenças hegemônicas, as leituras envolvem a subjetividade de quem lê para “julgar” o que é lido, é interessante realizar uma profunda reflexão acerca de como são percebidos os textos cuja temática é sobre racismo ou questões que tratam de uma identidade racial diferente da que vem sendo representada em grande parte das produções literárias brasileiras e que são inseridas nos materiais didáticos de língua portuguesa ou que compõe a ementa dos cursos. Ao pensar a literatura brasileira vejo que, como outras esferas discursivas existentes na sociedade, a falta de representatividade não corresponde algo “natural”, mas é consequência dos processos de desigualdades, principalmente a de gênero e a racial, na sociedade brasileira.

O campo teórico não é um campo discursivo isento das concepções ideológicas e culturais que permeiam o mundo social. As teorias que o racismo se mistura à fundamentação teórica sempre me causaram incômodo. Durante a leitura dos artigos “Branquitude e crítica literária” (2011) e “Racismo y critica literária” (2015) do pesquisador Uruguay Cortazzo pude ver que as percepções que eu tinha durante as leituras teóricas não eram exageros como alguns colegas me diziam quando eu comentava acerca do discurso teórico que nos era apresentado. Ainda dividia com as(os) colegas pós-graduandas(os) negras(os) o fato de as pesquisas desenvolvidas por nós e que tratavam da questão racial serem consideradas menos “acadêmica” e mero ativismo político - naquela mesma lógica que considera a literatura negra como panfletária e sem trabalho estético quando tematiza a desigualdade racial.

Diferente de pesquisadores brancos que estudam as mesmas coisas que nós, pesquisadores negros, independente de serem ativistas ou não, temos nossa capacidade acadêmica questionada frequentemente. Como toda linguagem, discurso, esta introdução é política. Esta dissertação é político-acadêmica como qualquer outro texto produzido dentro do espaço acadêmico, entretanto tem como enunciadora uma mulher negra, gorda, periférica, acadêmica e escritora. E cada um destes lugares identitários tem seus próprios esquemas de pensamento e percepção, transito neles, não consigo ficar presa em nenhum destes lugares enquanto exerço a minha intelectualidade, mas não posso desconsiderá-los.

A literatura enquanto um espaço ainda restrito de representações pode ser considerada nacional? No ensaio de 1873, Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade, Machado de Assis expressou que a literatura brasileira naquele momento não existia. Passados 145 anos desde a publicação do referido ensaio, não se pode afirmar ainda a existência de uma literatura nacional, já que ainda a própria noção de nacionalidade também se manifesta complexa no Brasil. Outro texto machadiano publicado no “Diário do Rio de Janeiro” em 1861 intitulado “comentários da semana” refere-se à existência de um “Brasil real” e de um “Brasil oficial”, penso que com a literatura ocorre a mesma coisa, há uma “literatura real” e há a “literatura oficial”, a última é determinada pelo poder hegemônico e penso que é a que ocupa o lugar de “Literatura brasileira”, enquanto a “real” tem sua visibilidade e reconhecimento comprometidos pelas relações de poder.

Esta pesquisa consiste na análise da escrita contemporânea de mulheres cujas identidades raciais são diferentes, entretanto o gênero é o mesmo. Enquanto refletia acerca da produção literária das escritoras, percebi que algo presente na escrita das mesmas revelava uma vivência social distinta, ou seja, o texto literário feminino possui marcas referentes à experiência do sujeito social que o escreve. O objetivo inicial da pesquisa era analisar como eram representadas as reivindicações sociais de mulheres nos poemas de Cristiane Sobral e Ana Elisa Ribeiro, entretanto comecei a observar o que ocorria em minha volta, as relações, e constatei que à medida que eu escrevia tinha a minha disposição vários acontecimentos que fomentavam mais ainda minha reflexão.

Depois de duas orientadoras que não deram certo, tive o contato com o meu atual orientador, homem branco, originário como eu da periferia. Senti medo, mas não sabia por que sentia medo (hoje sei que é devido ao que chamo de “leituras sociais”), este homem era minha única possibilidade de conclusão dessa dissertação. O contato começou tímido, as conversas repletas de silêncio, a escrita se fazia urgente, a leitura mais urgente ainda. Abandonei o medo, depois percebi que o orientador sentia também. Surgiram bloqueios de escrita, crises de ansiedades, o corpo reagia, panes frequentes, a resistência era uma fênix negra que renascia todos os dias. Tempos depois, tive contato com o coorientador, homem negro, com a experiência social em uma sociedade racista me ajudaria a desenvolver a minha escrita, porém eram duas perspectivas masculinas acerca da pesquisa que trata de mulheres. As contribuições de ambos os professores foram

positivas na construção deste trabalho e as perspectivas distintas dos mesmos me fizeram ter mais certeza de que a identidade racial tem uma relevância enorme no modo como percebemos o mundo. Depois de muita escuta e observação, o primeiro capítulo saiu. Só para registro, isto realmente é uma introdução, embora pareça ficção.

O primeiro capítulo “Literatura brasileira: as faces ocultas do conceito” - dividido nos subcapítulos “Literatura e mundo social: Fronteiras do imaginário e distância social” e “Literatura brasileira: A identidade cultural branca versus uma identidade heterogênea” - é feita a reflexão sobre a noção de literatura brasileira relacionando-a com os conceitos de identidade cultural e identidade nacional por um viés das relações étnico-raciais, explanando como as relações de poder podem moldar o modo como se compreende a identidade nacional. O espaço literário contemporâneo ainda não reflete uma identidade nacional heterogênea, ao contrário, está marcada pela força das relações de poder, esta questão é levantada pela pesquisadora Regina Dalcastagnè em seu artigo “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea” (2008) também expressa sobre o “pretense realismo” na literatura que oculta o fato do escritor também lidar com outras representações ao invés de lidar diretamente com a realidade. Ainda é interessante observar que as várias adjetivações dadas à literatura a fim de esboçar suas especificidades, tais como literatura negra, literatura feminina, literatura indígena, por exemplo, seriam desnecessárias se a construção do social fosse mesmo de uma consciência de coletividade heterogênea. Desse modo, as literaturas “afro-brasileiras” e “indígenas”, por exemplo, poderiam ser tratadas apenas com o termo literatura brasileira.

No segundo capítulo “Universalidades ocultadas: Mulheres e racismo” cujos subcapítulos são “Mulheres que oprimem mulheres: Relação intragênero e racismo” e “Quando a escrita de mulheres passa em branco não existe entrelinhas” é realizada a reflexão acerca de teorias literárias feministas e as teorias sobre a questão racial. Durante o capítulo é feita a reflexão sobre o domínio da crítica por uma perspectiva brancocêntrica e também a questão da “disputa de teorias”, conceito de Barbara Christian, intelectual negra estadunidense, que esboça o fato de as teorias também envolverem relações de poder, explicitando assim como que as teorias sobre as mulheres não contemplam todas nós, além das teorias de intelectuais negras não alcançarem facilmente o espaço acadêmico. Neste capítulo

também é feita a discussão sobre a relação intragênero e o racismo, embora as teorias feministas tratem da relação entre homens e mulheres, a mesma não trata da relação intragênero que é também uma relação que envolve relações de poder e outros marcadores de diferença social.

No último capítulo “A poesia de mulheres: realidades em tons líricos” dividido em três subcapítulos: o primeiro “Ana Elisa Ribeiro: entre “cacos”, “estilhaços” há o “anzol”” é feita a análise da obra *Anzol de pescar infernos (2013)* de Ana Elisa Ribeiro, escritora contemporânea brasileira e mineira, o título desta subcapítulo é motivado pelas próprias metáforas que a autora faz da própria obra na apresentação. O segundo “Cristiane Sobral: O fio crespo do poema” se realiza a análise da obra *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz (2014)* de Cristiane Sobral, poeta carioca que reside desde 1990 em Brasília, cujos poemas tratam da estética corporal negra, principalmente o cabelo, como alvo de estereótipos racistas e também como símbolos de resistência aos mesmos e a todo o sistema racista.

Nas considerações finais apresento as observações feitas das obras a partir das semelhanças e diferenças da representação do feminino feita pelas autoras, também ponderando acerca da categoria eu-lírico, a qual trato neste trabalho como sujeito lírico, como racializada e sobre os temas que as autoras retratam. Reconhecer que a categoria mulheres enquanto plural possibilita grandes avanços para os estudos feministas ou qualquer estudo que tenha como foco as mulheres e as diversas experiências na sociedade a partir do gênero, raça e outros fatores relacionados a suas identidades sociais. Na epígrafe desta introdução utilizo do trecho da música “Território conquistado” da cantora baiana Larissa Luz que afirma o gênero da mulher negra muitas vezes negligenciado pelos discursos racistas e também expressa o conhecimento como forma de poder, “conteúdo é munição”. Enfim, “Miro e sigo”.

1 LITERATURA BRASILEIRA: AS FACES OCULTAS DO CONCEITO

Na historiografia literária consta como início do pensamento nacional o período do romantismo brasileiro, escola literária, na qual o símbolo da nacionalidade era o indígena, cuja imagem era representada sobre uma ótica europeia em textos literários da época¹. A construção discursiva do índio era incompatível com o perfil real - vale lembrar que a carta de Pero Vaz de Caminha, documento oficial direcionado a colônia, fornece um discurso investido ideologicamente pelo olhar do colonizador, uma alegoria do ocidente sobre as terras recém-exploradas e sobre os sujeitos que nelas habitavam pode-se considerar que a imagem indígena foi utilizada como manobra para a veiculação de um discurso de nacionalidade ainda pautado pelas ideologias oriundas da colônia. A identidade brasileira é fruto do processo de colonização, abrange uma mistura de identidades culturais e raciais, porém o que vem sendo reconhecido no âmbito da representação literária e também no imaginário é o universo simbólico de uma identidade de origem eurocêntrica.

Este capítulo visa refletir sobre o conceito de literatura brasileira a partir de uma perspectiva étnico-racial, relacionando-a com as questões que envolvem as relações de poder. A identidade nacional é permeada pelo racial, Darcy Ribeiro em *O povo Brasileiro: A formação e sentido do Brasil (1995)* fornece uma reflexão sobre como foi gerado o Brasil. Na introdução da referida obra é manifestado que “surgimos da confluência, do entrelaçamento e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos” (RIBEIRO, 1995, p.19). O antropólogo ainda expressa que esta confluência se dá pelo controle dos portugueses no período colonial. Sendo assim, visa-se à reflexão sobre as consequências sociais e simbólicas deste controle e a influência na literatura, vista neste trabalho como um sistema simbólico que segundo Antonio Candido (2000) é “por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam como elementos de contato entre homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade”, entretanto não se pode esquecer

¹Tem-se como principais escritores deste período literário e que realizam uma representação do indígena através de uma ótica europeia, Gonçalves Dias, com as obras *Canção do Exílio (1846)* e *Juca Pirama (1851)*; e também José de Alencar, com as obras *O guarani (1857)* e *Iracema (1865)* que ainda fornece ao indígena um protagonismo submisso, embora os personagens indígenas sejam os que dão nome ao título das referidas obras de Alencar.

que o individual é perpassado pelo social já que os indivíduos interagem entre si diariamente.

1.1 Literatura e mundo social: Fronteiras do imaginário e distância social

O mundo social é composto por relações de poder, isto é, relações sociais assimétricas em que um segmento ou indivíduos exercem um controle simbólico e até mesmo material da sociedade. Na introdução de *Microfísica do poder* (1979), obra de Michael Foucault, Roberto Machado explicita a partir de seu entendimento acerca da teoria do filósofo francês, que o poder é “uma prática social constituída historicamente” (MACHADO, 1979, p.x). Em sua análise do poder, Foucault expressa:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 1979, p.8)

Desfazendo a noção negativa sobre o poder, Foucault apresenta como se dá a mecânica do poder na sociedade e também como pode ser exercido de diferentes modos, como através do discurso, por exemplo. Na referida obra, o autor também formula o conceito de *micro-poder* que consiste no “poder penetrando na vida cotidiana”, isto é, o poder como instância constitutiva das interações sociais.

De modo suplementar à teoria foucaultiana, outro estudioso francês reflete sobre o *poder simbólico* que estabelece uma ordem gnoseológica e também configura a visão de mundo, os modos de percepção e crença da maioria dos indivíduos (BOURDIEU, 1989). Pode-se considerar que a sociedade é mediada por textos, verbal ou não, e que através deles é possível interagir com diversas ideologias, as quais podem ser naturalizadas e aceitas como também podem ser questionadas. O espaço da textualidade, sendo literário ou não, é um espaço conflituoso, onde se estabelecem jogos enunciativos que provocam no leitor/expectador um efeito, uma reconfiguração do modo como se percebe ou como percebe o que está em torno.

Como um universo simbólico, a língua é um instrumento de produção de consciência, historicamente, através delas são consolidados sentidos. Embora seja uma construção coletiva, faz-se necessário refletir que esta construção não se dá de modo colaborativa, mas como consequência das relações assimétricas de poder em que segmento(s) que detêm o poder manipulam e provocam a adesão social de determinadas construções semânticas através da língua.

Por meio de um olhar funcionalista, a linguagem pode ser compreendida como um recurso usado pelos indivíduos em suas vidas diárias para interagir, relacionar e representar o mundo e também para se construir enquanto identidade dialeticamente ligada aos outros (RESENDE & RAMALHO, 2011). Na perspectiva da análise do discurso crítica (ADC), o texto é considerado como relacionado à prática social. No excerto abaixo é apresentada uma definição de texto a partir da ADC:

Por ora, cabe entender que, como **evento discursivo** ligado às práticas sociais, **o texto** traz em si traços da ação individual e social que lhe deu origem e de que fez parte; da interação possibilitada também por ele; das relações sociais, mais ou menos assimétricas, entre as pessoas envolvidas na interação; de suas crenças, valores histórias; do contexto sócio-histórico específico num mundo material particular, com mais ou menos recurso. (RESENDE & RAMALHO, 2011, p.22)²

A partir disso é preciso estabelecer reflexões acerca da ideologia, elemento textual e discursivo. Segundo Bourdieu (1989) as ideologias apresentam como interesse universal o que é particular, considerando que o controle ideológico da sociedade se estabelece mediante produções simbólicas que são utilizadas como instrumento de dominação. Em consonância com o pensamento bourdiano, podemos considerar o livro e a literatura como produções simbólicas ou, na perspectiva de John. B. Thompson, como “formas simbólicas”. Segundo Thompson faz-se necessário uma reflexão acerca do processo de produção e recepção de formas simbólicas que é mediado por uma rede complexa de interesses institucionais, além de se pensar sua natureza e relação com os contextos sociais em que surgem (THOMPSON, 2002, p.12).

Para a ADC, a ideologia é definida como “um instrumento semiótico de lutas de poder” (RAMALHO&RESENDE, 2011, p.25), sendo assim é através dela que se

² Os grifos são das autoras, Viviane Ramalho e Viviane de Melo Resende.

mantém ou se invalida a estrutura de dominação. Em outras palavras, quando os sujeitos concebem como natural determinada ideologia não a questionam e nem refletem acerca de todas as ações que surgem a partir dela ou quando adquirem consciência de que as mesmas têm um teor ilusório para controle de seu imaginário particular, sendo assim, buscam de algum modo contestá-la ou bloquear seus efeitos em seu cotidiano.

Thompson (2002) busca reformular o conceito de ideologia com base no levantamento histórico de como este conceito foi compreendido. O autor apresenta duas concepções de ideologia, a primeira, nomeada como “concepção neutra” reconhece a ideologia como sendo “sistemas de pensamento”, “sistema de crença” ou “sistemas simbólicos”, que se referem à ação social ou prática política (p.14), entretanto não considera adequada esta concepção, pois não abrange as diversidades de ações e projetos que a ideologia possa promover. A segunda, “concepção crítica da ideologia”, considera a ideologia como sendo “sentido a serviço do poder” (p.15), isto é, como ligada as práticas de poder, remetendo ao fato de que há uma relação dialética entre sentido e poder.

Em se tratando das ideologias, Pierre Bourdieu (1989) explana que elas são *duplamente determinadas*, pois são caracterizadas não somente pelos interesses de classes como também pelos interesses específicos de quem a (re) produz.

O campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção. (BOURDIEU, 1989, p.12)

Ao relacionar o campo de produção simbólica com o campo de produção econômica, o autor corrobora as ideias de Foucault de que o poder está presente em todas as esferas sociais. Sendo que as relações sociais - que são relações de poder – mobilizam, difundem e impõem as ideologias hegemônicas. Em *Language and Power (1989)*, Fairclough considera que a ideologia é eficiente quando sua ação é sutil. Embora o conceito de ideologia esteja historicamente ancorado na ideia de “ilusão”, os estudiosos já citados buscam demonstrar o quanto a ideologia é um instrumento de construção da realidade e controle do imaginário, dando-a uma condição real.

Para Giddens (2003), entre a estrutura e a ação, têm-se as práticas sociais, que, segundo Fairclough (2003), se constituem de: *discurso, atividade material, fenômeno mental e relações sociais*, sendo assim, os indivíduos se constituem por meio da linguagem nas práticas sociais e é por meio dela que reproduzem e produzem discursos potencialmente investidos de ideologias. Nos fenômenos mentais, há as crenças, valores, ideias e atitudes acerca das realidades do mundo, dos conhecimentos/saberes.

Portanto, as ideologias podem ser produzidas tanto no âmbito das práticas sociais, pensando no caráter dialético entre estrutura, prática e ação, como também podem ser produzidas pelas estruturas, a partir dos seus ordenamentos de valores. A fim de exemplificação, pode-se considerar que a literatura por muito tempo propalou a partir de uma perspectiva de classe, gênero e racial os interesses e visões de mundo de um segmento dominante: burgueses, homens e brancos. Acerca da literatura contemporânea, uma pesquisa coordenada pela professora Regina Dalcastagnè a qual se analisaram 258 romances, foi possível perceber através do perfil dos personagens e também dos escritores que publicaram em editoras de grande referência nacional que há a ausência de pluralidade de perspectivas sociais, sendo o romance contemporâneo constituído por um imaginário branco que ainda nutre ideologias coloniais acerca do Outro. Sobre estas ausências, Dalcastagnè (2008) manifesta que

A literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira. É o caso da população negra, que séculos de racismo estrutural afastam dos espaços de poder e de produção de discurso. Na literatura não é diferente. (DALCASTAGNÈ, 2008, p.87)

Vale a pena retomar neste trabalho as reflexões feitas por Machado de Assis em 1873 acerca da literatura brasileira. Em seu famoso ensaio “Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade” o escritor, e fundador da academia brasileira de letras, promove de modo pioneiro reflexões acerca da relação literatura e nacionalidade. Também considerava que naquele momento a literatura brasileira não existia, argumentava sobre a existência apenas de um instinto de nacionalidade, isto é, “o desejo de criar uma literatura mais independente”. Ainda, no referido ensaio, o autor manifesta que uma literatura deve utilizar dos assuntos locais, entretanto sem estabelecer doutrinas absolutas, e que ao escritor deve ser exigido

certo “sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trata de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Assis também apresenta no referido ensaio sobre o processo longo da literatura para se tornar de fato uma literatura nacional.

A partir das considerações feitas por Machado de Assis no século XIX juntamente com a pesquisa recente coordenada por Regina Dalcastagnè é permitido questionar sobre o caráter nacional da literatura dita brasileira. Pode-se indagar a respeito de como se dá o processo de reconhecimento de obras literárias, levando em consideração as *ordens do discurso*³, seria possível relacionar o reconhecimento literário como algo pertencente às relações de poder racializadas? Sendo que o reconhecimento envolve a manifestação de um “ponto de vista autorizado de um agente autorizado”, implicando uma luta simbólica em que está em jogo o poder de nomeação, que consiste na legitimação de taxinomias ou pontos de vista de portavozes autorizados (BOURDIEU, 1989, p.146). Há na sociedade brasileira a presença de conflitos étnico-raciais, velados ou não, que ainda demonstram que os esquemas de pensamento estão impregnados de ideologias coloniais cujo modelo ideal de tudo é pautado nos valores disseminados pela cultura branca europeia.

Deve-se considerar que a escritora ou escritor ocupam na sociedade um lugar *racializado*, sendo que há diferenciações no modo como percebem a sociedade e a ficcionalizam, além deste lugar ser constituído por crenças coletivas, as quais podem rejeitá-las ao percebê-las ou, ao contrário, internalizá-las e difundi-las como naturais. O mundo social é marcado historicamente por conflitos de gênero, raça⁴, classe social, por exemplo; a desigualdade imperativa faz com que o grupo dominante promova subterfúgios para que a dominação seja vista como algo imutável. Na obra *O poder simbólico* (1989), Bourdieu expressa:

3 A ordem do discurso é um conceito de Michael Foucault que consiste em um eixo que estrutura a produção e divulgação dos discursos com as relações de poder.

4 Utilizo aqui o termo raça em sua concepção sociológica. A raça é um termo oriundo da biologia que inicialmente foi usado para caracterizar espécimes de plantas, mas posteriormente é adotada pelos eugenistas para designar diferenças fenotípicas humanas, entretanto para a difusão da noção de supremacia do branco. Segundo Antônio Sérgio Alfredo Guimarães as raças “são discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicos, etc, pelo sangue” (GUIMARÃENS, 2008, p. 67). Sendo que este aspecto discursivo que tange a identidade racial permite compreendê-la enquanto construção social.

O mundo social está assim povoado de instituições que ninguém concebeu nem quis, cujos “responsáveis” aparentes não só sabem dizer – nem mesmo mais tarde graças à ilusão retrospectiva – como se “inventou a fórmula”, - como também se surpreendem que elas possam existir como existem tão bem adaptadas a fins nunca formulados expressamente pelos seus fundadores (BOURDIEU, 1989, p.92-93).

A literatura brasileira vem sendo tecida ao longo da história da nação, não se pode considerá-la um espaço neutro das influências das instituições sociais, como família, igreja, escola, por exemplo. Através do acesso à educação, a oportunidade ou o privilégio de ler e escrever pode-se compreender que o berço do surgimento da literatura na sociedade brasileira é a classe dominante e também colonizadora. Em *O destino dos negros após a abolição (2011)* Gilberto Maringoni manifesta que na abolição da escravatura a população negra recém-liberta constituía uma multidão de pessoas sem domínio da escrita e leitura que aos poucos eram inseridos na sociedade a partir de trabalhos que não exigiam instrução escolar. Outro segmento social, as mulheres brancas, tardou a ter espaço na escrita pública na sociedade brasileira, mas mesmo assim sua escrita tinha que ser comprometida com as questões do lar ou que envolvesse o universo feminino, marcado pelas ideologias patriarcais que ainda as restringia ao espaço privado e doméstico. Por isto eram comuns em determinadas épocas escolas específicas para meninas.

O texto literário é constituído por diversas ideologias; durante a época em que o cientificismo era vigente, a literatura utilizava de certos elementos lexicais como também de certas ideologias cientificistas para compor representações que expressavam o imaginário social do século XIX. No Brasil, o grande representante da literatura naturalista é Aluísio de Azevedo em cujas obras se pode observar a presença de ideologias deterministas, dentre elas a de que o meio determinava a conduta e o caráter dos sujeitos. A obra mais conhecida do autor, o *Cortiço (1890)*, tem como foco principal o próprio lugar que dá título a obra. Sendo que também a questão racial é bem presente como determinante do perfil ético e moral das personagens, Rita Baiana, representada dentro dos moldes estereotipados da mulata, e Bertoleza, mulher negra que é representada de forma inferior: animalizada, desprovida de beleza e suja.

Segundo Bourdieu (1989), o mundo social é composto por categorias de pensamento, estas que são “instrumentos de construção do objeto”. Considerar a identidade, coletiva e individual, como também alvo de representações permite

perceber a presença histórica nas sociedades de “lutas de representações”, conceito bourdiano que remete aos conflitos entre imagens mentais pela determinação do real, isto é, “a inclusão no real de *uma* representação do real”. Ao ter contato com a literatura, o leitor interage com uma representação mental, ato de percepção e de apreciação, do autor.

Autores que possuem perfis sociais distintos tendem a realizar representações mentais diferentes. Em relação à questão étnico-racial, o pesquisador Eduardo de Assis Duarte define literatura como discursividade e também esboça que a cor da pele do escritor é uma questão relevante e se dá enquanto “tradução textual de uma história própria ou coletiva” (DUARTE, 2011, p. 389). A história nacional é marcada pelo processo de miscigenação, o brasileiro é dito como um sujeito fruto desse processo, entretanto observa-se que a identidade nacional é afetada ainda pelo projeto de branqueamento cuja teoria surge por coincidência com o início da industrialização no Brasil, questão que é teorizada pela pesquisadora Maria Aparecida da Silva Bento em seus estudos acerca do branqueamento no país. Outra pesquisadora, Iray Carone expressa em seu texto “Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira” o seguinte excerto:

Forjada pelas elites brancas de meados do século XIX e começos do XX, a ideologia de branqueamento foi sofrendo importantes alterações de função e de sentido no imaginário social. Se nos períodos pré e pós-abolicionistas ela parecia corresponder às necessidades, anseios, preocupações e medos das elites brancas, hoje ganhou outras conotações - é um tipo de discurso que atribui aos negros o desejo de branquear ou de alcançar os privilégios da branquitude por inveja, imitação e falta de identidade étnica positiva. O principal elemento conotativo dessas representações dos negros construídas pelos brancos é o de que o branqueamento é uma doença ou patologia peculiar a eles. (CARONE, 2003.p.17)

A partir disso, a ideologia do branqueamento pode ser considerada como um mecanismo ideológico que foi criado com um teor etnocêntrico de domínio social e simbólico na sociedade brasileira. Sobre o processo sociocultural do Brasil, Darcy Ribeiro explana em sua obra *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido no Brasil* (1995) que:

Às vezes se diz que nossa característica essencial é a cordialidade, que faria de nós um povo por excelência gentil e pacífico. Será assim? A feia verdade é que conflitos de toda a ordem dilaceraram a história brasileira,

étnicos, sociais, econômicos, religiosos, raciais, etc. O mais assinalável é que nunca são conflitos puros. Cada um se pinta com as cores dos outros (RIBEIRO, 1995, p.168)

E mediante um contexto histórico conflituoso que a identidade nacional brasileira foi sendo construída. No excerto acima, Ribeiro compreendia a questão étnica diferente da racial, entretanto vale ressaltar a junção das influências que um conflito gera no outro, sendo que nenhum conflito social era dissociado das relações étnico-raciais, religiosas ou econômicas. Esta tensão social em alguns momentos históricos poderia integrar o texto literário, pois podia provocar reflexos na subjetividade do escritor.

Outro elemento a ser considerado neste trabalho é a distância social, isto é, “as diferenças de posições sociais entre indivíduos e grupos”⁵. Considerar a classe social e a posição do sujeito, escritor, na estratificação social permite compreender as interferências ou influências das questões externas no fazer artístico na construção da literatura. Carlos Hasenbalg em sua obra *Discriminação e desigualdades no Brasil (2005)* explana sobre o que constitui a classe e a estratificação social. Para a primeira, o autor expressa o surgimento do termo “classes sociais”, oriunda da tradição marxista da teoria de classe, nesta perspectiva, classes são “posições estruturais às quais os indivíduos são alocados pelo sistema” (HASENBALG, 2005, p.97), sendo a propriedade privada dos meios de produção como fator de alocação no sistema de classes.

A estratificação social consiste nas palavras de Hasenbalg como referente “à distribuição diferenciada de recompensas e privilégios e o processo individual de obtenção de status” (HASENBALG, 2005, p.97). O sociólogo argentino considera que na obra já citada há uma relação entre a estrutura de classes e o sistema de estratificação social. Além de ponderar acerca do sistema social ser modelado pelo mercado. Pode-se compreender que a estrutura de classe tem efeitos materiais na sociedade e que o sistema de estratificação promove os efeitos simbólicos.

O autor considera as relações sociais fruto do sistema de estratificação e estrutura de classe, define-as como sendo o lugar “onde operam as lutas sociais e

⁵ Definição presente no dicionário Porto editora, disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$distancia-social](https://www.infopedia.pt/$distancia-social).

as relações políticas e ideológicas de dominação” (HASENBALG, 2005, p.106). Nesta perspectiva, reconhecendo que a sociedade também é um campo ideológico onde ideologias são veiculadas através da interação alcançando ou não o senso comum, pode-se reconhecer no sistema literário um sistema também ideológico. Compreendendo a literatura enquanto sistema, Antonio Candido faz a seguinte definição:

Um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifesta historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico de civilização (CANDIDO, 2000, p.23)

O teórico considera que este sistema é composto por elementos de ordem social e psíquica, o que vale considerar a figura do (a) escritor (a) como fundamental para compreender o sistema literário. Ao considerar a literatura como “aspecto orgânico de civilização” fomenta uma série de reflexões acerca das bases civilizatórias da nação brasileira ou no que consista a civilização brasileira.

Além de pensar a relação sujeito autoral e meio social, faz-se relevante pensar se há alguma fronteira entre o imaginário social e o imaginário literário, este último como sendo o conjunto de representações mentais e imagens que o texto literário produz e fortalece no imaginário individual do leitor. O imaginário social pode ser considerado como sendo aquele em que uma comunidade compartilha de ideologias comuns que configuram suas crenças e valores.

Em *A instituição imaginária da sociedade* (1982), Cornelius Castoriadis considera que o imaginário é o componente essencial e decisivo do simbólico, este último considerado pelo autor como sendo “a maneira de ser sob a qual se constitui a instituição”. As instituições são estruturas sociais construídas historicamente e que ditam padrões de conduta e esquemas de pensamento e percepção e também exercem o controle social, embora em alguns períodos da história, não só da brasileira, mas mundial, as instituições tinham um poder de controle social maior do que tem hoje.

Castoriadis (1982) também explana que o simbólico se encontra igualmente tanto na linguagem como na instituição. Outro estudioso, o filólogo americano William Dwight Whitney, um século antes, conceituou a língua como sendo uma

instituição social. Estas duas postulações dos referidos teóricos dialogam com o que esboça Wolfgang Iser na obra *O Fictício e o Imaginário* (2013) sobre o imaginário juntamente com o fictício ser condição constitutiva do texto literário. A partir dessas noções pode-se afirmar que o elemento essencial para compreender a relação mundo social e a literatura é o simbólico

O discurso literário em consonância com os interesses da Igreja Católica já foi em um dado momento da historiografia literária elemento primordial para a “reconfiguração” do imaginário indígena, para exemplificação, têm-se os autos (peças de teatro) do Padre José de Anchieta que foram usados na catequização dos sujeitos autóctones, pois “o projeto de transpor para a fala do índio a mensagem católica demandava um esforço de penetrar no imaginário do outro” (BOSI, 1992, p.64). Nesta situação, também se pode considerar a literatura como instrumento de “violência simbólica”, conceito cunhado por Bourdieu para designar a imposição de crenças e valores.

O imaginário não pode ser considerado como algo que seja manifestado apenas na escrita, pois não se limita ao textual, exerce influência em tudo que envolve o social, presente nas interações sociais e se manifestando nas condutas individuais e coletivas. A relação entre o fictício, o imaginário e o simbólico possibilita pensar sobre a funcionalidade da arte, da literatura, na sociedade e também como o escritor enquanto ser social deve ser observado, não a fim de restringir a análise aos aspectos biográficos de quem escreve, mas de considerar a posição social do escritor (posição econômica, étnico-racial, gênero, por exemplo) como um dado relevante para compreensão da simbologia que envolve também o sistema literário.

A complexidade da relação literatura e mundo social é considerada neste trabalho. Observa-se o papel da literatura nas relações sociais, como instrumento comunicativo de manutenção do imaginário social ou como, em alguns casos, contestador do mesmo. A literatura contemporânea apresenta uma diversidade de vozes que enunciam por meio da escrita literária visões de mundo - como na pesquisa já citada de Regina Dalcastagnè - embora haja uma heterogeneidade sócio-cultural, o romance contemporâneo é representativamente homogêneo. Esta homogeneidade pode ser compreendida como sendo fruto do processo histórico de branqueamento social.

O Branqueamento constitui “um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira” (BENTO, 2002, p.25), envolve a desvalorização simbólica de tudo

que foge ao universo da “branquitude”⁶. Exemplos dessa valorização simbólica de um segmento social não faltam na literatura, pois é observável em muitos textos literários a presença de estereótipos raciais acerca do não branco. Pesquisadores como Cuti e Conceição Evaristo apontam em algumas obras literárias brasileiras a presença do preconceito racial. Em *Literatura negro-brasileira (2010)*, Cuti explana que a “literatura alimenta o imaginário” e que enquanto discurso é poder.

No período do romantismo brasileiro, a literatura foi instrumento de delineamento de uma identidade nacional. Em 1873, o ensaio de Machado de Assis foi o único texto crítico a afirmar que ainda não se tinha uma literatura nacional; se faz necessário reconhecer que o grupo de letrados da época a partir de sua visão de mundo buscava a criação imaginária da nacionalidade brasileira, porém era excluído o elemento de origem africana da constituição identitária nacional.

Acerca da opressão, Cuti (2010) fornece uma reflexão bastante pertinente ao afirmar que “a opressão estende-se à vida em toda a sua dimensão, e é aí, com esse amplo conteúdo, que se realiza a literatura” (CUTI, 2010, p.43). O poeta e crítico traz a opressão, um componente presente nas relações no mundo social, como algo que pode também se manifestar no texto literário. Dentro da literatura brasileira há outras manifestações literárias que são adjetivadas embasadas no perfil de quem escreve: literatura indígena, literatura feminina, literatura afro-brasileira, por exemplo. Entretanto, não se observam classificações adjetivas como “literatura euro-brasileira” ou “literatura masculina”, pois estas adjetivações no campo das relações sociais envolve o perfil hegemônico, branco e patriarcal⁷ e são ocultadas e expressas como algo neutro.

Leda Martins explana no texto “A fina lâmina da palavra” (2011) o seguinte entendimento acerca da literatura no Brasil:

6 A branquitude constitui a identidade racial branca, entretanto sabendo que nenhuma identidade deve ser definida univocamente. Historicamente, a branquitude é uma identidade racial excludente, porém estudiosos como Janet Helms (1990) expressam que é uma identidade que se desenvolve, sendo parte deste desenvolvimento o reconhecimento desta identidade como sendo uma identidade de privilégio na sociedade e também como sendo possível a desconstrução simbólica excludente da identidade branca.

7 Cuti em *Literatura negro-brasileira (2010)* traz a seguinte indagação: “Não se diz que um escritor branco-brasileiro escreve literatura euro-brasileira, nem tampouco branco-brasileira. Por que, então, destaque negro-brasileiro?” (p.41). O crítico promove uma reflexão sobre a adjetivação ser um modo de diferenciação excludente do que de reconhecimento a diversidade, pois o que é adjetivado é apenas o que é dissonante do padrão “branco e homem”.

Na literatura escrita no Brasil predomina a herança dos arquivos textuais e da tradição retórica europeia. Mesmo nos discursos que se alçaram como fundadores da nacionalidade literária brasileira no século XIX, tinha na série e dicção literárias ocidentais sua âncora e base de criação literária. A textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos de apreender e figurar o real, deixados a margem, não ecoaram em nossas letras escritas (MARTINS, 2011, p.280).

A autora dá ênfase ao vínculo profundo que a literatura desde o seu surgimento estabeleceu com a tradição europeia, embora tenha ocorrido o término histórico do domínio colonial europeu, o imaginário que foi construído durante ainda se manteve e adquiriu novas roupagens nas ideologias que surgiam, isto é, a mudança de regime econômico ou político não extinguiu esquemas de pensamentos e modos de percepção, o imaginário branco colonial se tornou “imune” ao tempo, reconfigurando-se na esfera do simbólico e internalizando-se em um novo regime.

Retomando Cuti, o poeta considera que “a literatura, em suas inúmeras tentativas de definição e conceituação, constitui uma das instâncias discursivas mais importantes, pois atua na configuração do imaginário (...)” (CUTI, 2010, p.480). A escrita literária é vista como uma escrita de poder que consegue influenciar no imaginário social, por isto seja a literatura, reconhecida, ainda imagetivamente pautada apenas na experiência do “branco”, talvez seja uma consequência o fato da maioria das pessoas associarem a imagem do escritor a um único perfil identitário, o branco, sendo que escritores que fogem deste perfil são ainda desconhecidos pela maioria do público.

A noção de que a literatura brasileira já está consolidada é incompatível com a homogeneidade que a mesma apresenta, obras de segmentos minoritários alcançam tardiamente o reconhecimento da crítica e raramente alcançam o mercado editorial das grandes editoras. A diversidade cultural brasileira ainda não é simbolicamente representada na literatura, as relações assimétricas de poder podem ser vistas como principais responsáveis por um universo representativo incompleto que é o sistema literário. Em *Polisistemas de cultura (2007/2011)*, Itamar Even-Zohar considera a existência de “sistemas literários” dentro do sistema literário, entretanto o reconhecimento de um como “ideal” ou como representativo dos demais é promover a diluição e unificar o que era para ser diverso.

Deve-se refletir que os textos literários consistem em representações particulares, sendo que estas podem contribuir com projetos específicos de dominação. Além destes textos serem veiculadores de “sentidos ideológicos”, isto é, sentidos que “servem necessariamente ao consenso, à universalização dos interesses particulares projetados para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2002 apud RAMALHO & RESENDE, 2011, p. 26). A relação escritores e leitores é também uma relação social, como afirmam as pesquisadoras do discurso Viviane Ramalho e Viviane Resende em seus estudos, sendo assim o processo de leitura se torna um processo que interagem formações ideológicas, tanto de quem escreveu a obra quando de quem a ler, neste processo pode ocorrer o choque do leitor com alguma questão, como também aceitação e naturalização de determinadas construções simbólicas. A leitura envolve dialética, o leitor e o escritor forma a ponte onde se liga o mundo social à literatura.

1.2 Literatura brasileira: A identidade cultural branca versus uma identidade nacional heterogênea.

A diversidade cultural brasileira historicamente vem sendo ocultada da maioria dos brasileiros. A cultura brasileira foi uma cultura projetada pelo sistema colonial, entretanto alguns percalços ao longo do caminho histórico de desenvolvimento impossibilitaram que o projeto de nação saísse de acordo aos interesses da metrópole portuguesa. O sistema colonial desempenhou na terra brasileira genocídio e violência simbólica em prol de consolidar os interesses econômicos e expansionistas de Portugal.

Concomitante com a dominação territorial ocorreu a dominação doutrinária dos sujeitos autóctones⁸. Houve também a inserção do negro africano como propriedade no sistema colonial e desde então muitos conflitos de cunho étnico-

⁸ Neste trabalho será usado o termo “autóctone” ao invés de “indígena”, não por ser o melhor termo, mas devido a criação histórica do último termo a partir do equívoco do colonizador. Colombo ao chegar às Américas pensou ter chegado às índias, por isto, os nativos foram chamados de “índios”. Entretanto se compreende que as culturas autóctones são compostas por muitos povos, sendo que o termo ainda é problemático e coloca em uma condição de homogêneo o que é vasto, mais de um povo ou coletividade, têm-se Guaranis, Tapajós, Tupinambás, Caiapós, Xavantes, por exemplo. Quando for necessária a utilização das expressões “índio”, “indígena” cuja semântica é reducionista, será utilizada as aspas. E o termo “autóctone” será usado no plural em uma tentativa de sinalizar a abrangência que visa enunciar.

racial marcaram a história brasileira. O sujeito branco se considerava o grande detentor, por direito, dos corpos negros e autóctones, ao utilizar do “cunhadismo” praticado entre os “índios”, assim os europeus conseguiam escravizar, pois na tradição “indígena” o parceiro da mulher tinha à disposição os familiares da mesma para exercerem atividades que lhe eram necessárias, o cunhadismo era um modo de relacionamento indígena que promovia a maior integração da tribo (RIBEIRO, 1995). Entretanto a apropriação portuguesa desse elemento cultural visava a exploração, o domínio dos “indígenas” em prol de satisfazer os interesses dos europeus.

Diante da ineficácia na exploração indígena, a escravidão do negro africano foi adotada, o regime escravocrata através da objetificação do sujeito negro o transformava em propriedade. A história da escravidão no Brasil, como no continente americano, é marcada por muita violência. Sendo que esta fase histórica deixou resquícios ideológicos que estão presentes até hoje no imaginário social. Em 1888 ocorreu a abolição da escravidão, contudo as ideias étnico-raciais pautadas na supremacia branca não foram juntamente abolidas.

Em *O povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil* (1995), Darcy Ribeiro ao explicar o processo civilizatório que originou a formação da nação, aponta o surgimento do brasileiro no que tange à dimensão étnico-cultural:

No plano étnico-cultural, essa transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentilício, os negros trazidos de África, e os europeus aqui querenciados. Era o brasileiro que surgiam, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas. (RIBEIRO, 1995, p.30)

O antropólogo brasileiro evidencia sobre a transfiguração cultural que forma a identidade brasileira, a qual envolve a junção das matrizes indígenas, africanas e portuguesa. E no plano linguístico a junção também ocorre, o que fornece certa excepcionalidade ao português brasileiro, porém é necessário refletir acerca do apagamento dos componentes linguísticos e culturais da identidade brasileira oriundo do não reconhecimento da origem cultural de determinados elementos, isto ocorre através do processo de branqueamento em curso ainda no Brasil, como exemplo, se pode observar a construção imagética distorcida de Iemanjá, orixá da religiosidade africana, apresentando-a como uma mulher branca com cabelos longos

e lisos. O mesmo ocorre com a imagem de Jesus Cristo no ocidente, que é retratado como um homem branco com cabelos lisos e olhos claros, o paradigma branco se naturaliza como universal quando começa a representar os grandes símbolos de uma sociedade.

Outro estudioso Stuart Hall discorre em *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003) acerca da identidade unívoca:

A literatura tem sobrenomes, e são muitos: homoafetiva, feminina, negra, periférica, oral. Cada um deles engendra um campo de diferenças constantemente silenciadas e caminham na contramão, pela afirmação da diferença e negação da identidade unívoca, haja vista que ela corresponde à aqueles que se pensam como o neutro, o apaziguador, o não –marcado que ao fim e ao cabo, nada mais é que uma simulação de presença pura igual a si mesmo que só admite ladear-se de outros objetos narcisicamente interiorizados, literaturas sem marcas, sem sobrenomes, mas com nomes próprios potentes o suficientes para solapar qualquer diferença. (HALL, 2003, p.88 - 89)

A partir desse excerto é possível pensar que no contexto da literatura brasileira cujo imaginário manifesta a identidade cultural branca, identidade problemática e que precisa também ser foco nos estudos sobre desigualdade racial, que é através do processo de branqueamento que esta identidade se quer unívoca, se tornando mecanismo de dominação do imaginário social. Hall ainda expressa na já referida obra:

O mundo representativo-mimético se organiza, então, a partir da invenção de paradigmas que mensuram o valor que cada elemento possui na ordem hierárquica que rege as mais mínimas relações (HALL, 2003, p.86)

Esta “invenção de paradigmas” mediante a ordem hierárquica faz com que se pensem as relações de poder e a instituição do imaginário e conseqüentemente da sociedade. Não se deve considerar como coincidência o fato de o romance contemporâneo ser predominantemente marcado pela identidade branca, a literatura não é “um lugar fora do poder” como afirmou Roland Barthes (1988), mas como afirma Foucault (1992) sobre não haver “lugar fora do poder”.

A literatura como algo nacional deve representar simbolicamente o povo, tanto no imaginário que veicula como no perfil dos escritores que utilizam dela como instrumento enunciativo, entretanto as desigualdades sociais orientam os rumos da literatura, os valores e crenças tradicionais definiram, ou ainda definem, o que

merece ser canonizado no sistema literário. O escritor, quando vivo, deve ser questionado quando o seu texto expressar questões que fomentam opressões sociais, como sexismo, racismo, homofobia, por exemplo.

Sobre o conceito de nação, a pesquisadora Terezinha Scher Pereira explana no artigo “Imagens de nação e povo na literatura brasileira” (2003):

Ao conceito de nação agregou-se o de povo, marcado desde o início pela complexidade de definição. O projeto identitário estaria sendo concebido em torno de uma negociação entre o desejo de constituir a nação e a idealização das partes componentes do projeto, inclusive a idealização de povo. Dentro do ideal iluminista, progressista, é cabível a compreensão romântica de um povo fadado a um grande e nobre destino, de acordo com a perspectiva da construção nacional sob os auspícios da civilização (PEREIRA, 2003, p.200)

A autora aponta a complexidade da definição de “nação” e também a idealização romântica, orientada por ideologias dominantes da época, dada ao termo. Enquanto projeto, a formação identitária nacional, teve nas relações de poder o modo de costura do que seria valorizado como representativo da nacionalidade, um projeto desenhado pelas mãos da classe dominante.

A construção do nacional é contraditória, sobre isto manifesta Eurídice Figueiredo e Jovita Maria Gerheim Noronha no artigo “Identidade Nacional e identidade cultural” (2010), as autoras apresentam que

O processo de criação de uma identidade nacional não deixa de ter contradições. A primeira delas provém do fato de que, ao criar sua identidade, cada nação age em nome de uma originalidade, mas se reporta a um único modelo (FIGUEIREDO & NORONHA, 2010, p.199)

A problemática acerca do nacional seria o seu caráter excludente no que tange a representação literária, embora o termo dê uma noção de coletividade, se consegue perceber inscrito na literatura predominantemente apenas a identidade cultural branca, a partir das visões de mundo que abrange o universo simbólico desta identidade. Pluralizar a coletividade em prol de solucionar os problemas de definição de nação possibilita promover a divulgação das diferenças, também promove o reconhecimento de unicidade embasado na coexistência de elementos distintos que possam ser nomeados de nacional, longe de ser uma dissolução

desses elementos em prol de criar uma condição única homogeneizante, mas criar uma unicidade heterogênea.

A identidade nacional e o seu desenvolvimento ou conquista, são condicionados pelas relações de poder, atinge um status ilusório de unicidade, já que a construção imagética desta identidade é fundida com uma identidade mais específica, a identidade cultural branca. Bourdieu considera que o mundo social é uma “realidade” que é lugar de uma luta constante para a instituição geral da realidade, através de enunciados performativos, as representações, que visam que aquilo que se enuncia se torne também prática social. (BOURDIEU, 1989, p.118). Na perspectiva da análise crítica do discurso, a linguagem é vista como componente inseparável da vida social, a literatura enquanto discursividade segue a mesma lógica, sendo também responsável para a manutenção do imaginário social.

A “realidade”, o mundo social é composto por relações de forças (objetivas, materiais e simbólicas) (BOURDIEU, 1989, p.123), através delas agentes classificam outros agentes, mas este poder de classificação envolve a posição dos indivíduos na estratificação social. A identidade, segundo Stuart Hall (2003) é um “lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada”(p.16), sendo que nas relações de poder valores e crenças são difundidas em prol de “uma identidade ideal”, cuja imagem é construída a partir do enaltecimento dos aspectos positivos próprios e da ênfase aos aspectos negativos das demais identidades, um exemplo seria a configuração da estética branca como o ideal de beleza universal, noção colonial que ainda se perpetua na sociedade.

Há um esforço histórico de configuração do imaginário brasileiro aos moldes do eurocentrismo. A compreensão da literatura a partir das relações étnico-raciais ou de gênero permite que as enunciações antes subalternizadas tenham relevância e reconhecimento no sistema literário brasileiro. No artigo “Racismo y Crítica Literária” (2015), Uruguay Cortazzo trata da relação entre literatura e racismo na América latina, informa que a análise literária deve considerar a categoria racial dentre as outras categorias que determinam as estéticas latino-americanas. (CORTAZZO, 2015, p.141). O pesquisador sobre o racismo manifesta:

Entendo o racismo como uma filosofia (um complexo de ideias fundadoras), uma política (estratégias conscientes), uma prática (atitudes e ações discriminatórias) e uma ideologia (discurso encobridores) cujo objetivo é manter o poder e o controle social e cultural da comunidade embasando-se no princípio da superioridade de um grupo sobre os outros. Essa

superioridade se encontra no branco europeu e na cultura por ele construída e disseminada. (CORTAZZO, 2015, p.142)⁹

A partir da definição do racismo, mostrando a complexidade que o envolve, Cortazzo mostra as dimensões e a relação do racismo com o poder. O que se relaciona com o que expressa Cuti (2010): “a literatura precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado”. O espaço literário necessita de ser descolonizado e para isto é necessário a descolonização do imaginário social, com este propósito sabe-se que historicamente os movimentos sociais vem lutando contra a imposição de um único modelo identitário.

A sociedade brasileira é racializada, muitos são os discursos que diante da manifestação do “orgulho negro”, a exaltação do negro da sua história e da sua estética em prol de desconstruir os estereótipos que por muitos anos foram difundidos socialmente; reagem negando a racialização como algo existente e proclamando o discurso de que a única raça que existe é a humana para deslegitimar os discursos que denunciam o mito de democracia racial e o racismo. Sobre o campo da episteme, Cuti (2010), ainda expressa que “a antropologia brasileira nasceu no Brasil sob o signo do racismo. A sociologia segue os mesmos passos, a literatura e a história também”. A negação do não branco como parte da identidade brasileira faz parte do processo de branqueamento.

O paradigma europeu desenvolveu-se no solo brasileiro, através do compartilhamento ideológico feito dos discursos que naturalizaram e universalizaram concepções particulares. A literatura alimenta o imaginário (CUTI, 2010, p.49), os esquemas de pensamento que veicula a colocam a serviço da ordem hegemônica. Na contemporaneidade, embora haja uma diversidade de perfis de escritores e escritoras, ainda percebemos que o reconhecimento sofre as influências das relações de poder. Através dos escritores que são reconhecidos e chamados para participar de eventos acadêmicos ou feiras literárias podemos perceber a visibilidade dada a um mesmo perfil de sujeitos, majoritariamente homens brancos. Um exemplo de eventos que não pautam a visibilidade do diverso na literatura foi a Festa Literária

9 Entiendo el racismo como una filosofía (un complejo de ideas fundadoras), una política (estrategias conscientes), una praxis (actitudes y acciones discriminatorias) y una ideología (discursos encubridores) cuyo objetivo es mantener el poder y el control social y cultural de una comunidad basándose en el principio de la superioridad de un grupo sobre otros. Esa superioridad se encuentra en el blanco europeo y en la cultura por él construida y diseminada.

Internacional de Paraty de 2016 em que escritoras negras e escritores negros não tiveram espaço, sobre isto muitas escritoras negras se expressaram e denominaram o evento como sendo um “Arraiá da Branquitude”. E se referindo a questão da presença de mulheres no referido evento, a pesquisadora Giovana Xavier (2016) esboça que:

Em uma Feira Literária Internacional que em 2016 traz como tema a “mulher”, sem, no entanto considerar a pauta prioritária dos movimentos transfeministas e feministas negros acerca das diversas experiências que definem o que é ser mulher, vemo-nos obrigadas a retomar a pergunta de 1851 da abolicionista afro-americana Sojourner Truth: “e não sou eu uma mulher?” Em um país em que 93,9% dos autores são brancos e 72,7% homens, a feira que podia representar um contraponto, posiciona-se na linha “mais do mesmo”, comunicando para seu público que o ato de ler e escrever não é para o nosso bico. Como uma Mulher Negra, pesquisadora da escrita e da história das Mulheres Negras, eu encerro com Esmeralda Ribeiro: “ser invisível quando não se quer ser” (...) mas “a brincadeira agora é outra”¹⁰.

A edição 2017 da FLIP conseguiu abranger de forma representativa a participação de escritores negros e ainda foi marcada pelo discurso de Diva Guimarães que ao assistir a palestra que era ministrada por Lázaro Ramos e Joana Gorjão Henriques se manifestou do público e contou um pouco sobre a sua trajetória escolar na qual o racismo estava presente. O discurso, escrito e falado, envolve também poder. Os espaços que impossibilitam a diversidade de agentes de discurso, reduzindo ao perfil hegemônico consolidado pela nossa sociedade racista e patriarcal a possibilidade de ter seu discurso reconhecido. Sobre a escrita, Leda Martins manifesta:

É no corpo mesmo da escrita que este outro Brasil se performa e se instala, e que a arte se quer também ofício de transfiguração, de rearranjo da memória e da história, figurando uma outra poética da memória (...) (MARTINS, 2011, p.288)

Ao considerar a escrita como uma possibilidade de instalação de uma memória e de uma história do “Brasil não hegemônico”, a relação escrita e poder abrange o entendimento do texto literário como uma forma simbólica que serve tanto para o questionamento quanto para a manutenção do imaginário. É necessário

¹⁰ **Carta aberta à Festa Literária de Paraty: Cadê as nossas escritoras negras na Paraty 2016?** <<https://conversadehistoriadoras.com/2016/06/27/carta-aberta-a-feira-literaria-internacional-de-parati-cade-as-nossas-escritoras-negras-na-flip-2016/>> Acesso em 30.AGO.2016

discutir a literatura que não se adjetiva, mas que manifesta em sua tessitura a perspectivização de uma identidade cultural branca.

Deve-se considerar que tanto o negro como o branco são construções sociais, identidades sócio-historicamente construída pela ótica do branco europeu. Diante do processo de homogeneização cultural centrado no imaginário branco-eurocêntrico, através da literatura, se viu surgir, principalmente mais intensamente na década de 1970, escritores negros que através da literatura põem em cheque todo o imaginário construído sobre a população negra pela literatura, denunciando também a desigualdade e o controle social que a mesma promovia, por ser um espaço dominado por um segmento da sociedade.

José D'Assunção Barros em *A construção social da cor (2009)* apresenta como se configura no pós-colonialismo a questão da cor:

A cor, na realidade brasileira pós-colonial, passou então a constituir uma diferenciação que habita o plano da essencialidade social e política. Mas a verdade é que a percepção desse tipo de diferença enfaticamente calcada na cor é uma questão cultural (embora a cor, a pigmentação da pele, constitua um aspecto natural no sentido biológico) (BARROS, 2009, p.51)

A questão cultural que envolve a questão da cor é considerada pelo autor, a identidade cultural branca como as demais identidades no plano social e político são percebidas de modos diversos. Na esfera da luta simbólica, a literatura contemporânea é palco da tensão entre a identidade cultural branca e as outras identidades, principalmente a negra. A literatura denominada afro-brasileira ou negra, devidos aos impasses conceituais da crítica literária, desnaturaliza e desconstrói o imaginário branco que perdurou por muito tempo na sociedade e na literatura.

É necessário reconhecer a diferença sem precisar marcá-la com adjetivações, pois as mesmas dão uma falsa sensação de reconhecimento, já que só são adjetivas as literaturas pertencentes aos segmentos minoritários. A unicidade não tem que ser pautada na diluição da diferença, mas na coexistência, vozes enunciando e dialogando, representando e apresentando de fato o nacional. Em "Literature and its role in the formation of the nations" (2016), o pesquisador Luiz Carlos Moreira da Rocha explana a importância da literatura na formação das nações:

Quando a importância da literatura na formação de qualquer nação está em jogo, a primeira coisa a ser tomada em consideração é que a nação, como

sabemos, é um fenômeno muito recente na história. Os relatos históricos, a arqueologia e a literatura nos informam que o perfil das sociedades anteriores era bastante diferente do que os de cada estado moderno. A concepção do estado moderno remonta ao Renascimento Europeu quando as nações, tais como a França e a Inglaterra, alcançam uma certa unidade que lhes permite construir sua identidade nacional com base em alguns fatos convergentes como território, língua, ideologia política e religião. No entanto, é a literatura a instituição que os une, elevando o espírito nacional. (ROCHA, 2016, p.69) ¹¹

No excerto acima fica explícita a relação da literatura com a identidade nacional, a primeira é vista como uma instituição social que realiza a junção de elementos que permitem a configuração da segunda. No Brasil, os propósitos dos escritores românticos na construção de uma identidade nacional estão embasados em uma concepção europeia. O foco racial do imaginário promovido pela literatura corrobora esta questão, as ideologias coloniais sobreviveram ao tempo, devido veiculação e naturalização das mesmas no campo simbólico da sociedade brasileira.

Os esquemas de pensamento não terminam com os períodos históricos que o produziram, deve-se considerar que 128 anos ainda é pouco tempo para expurgar da sociedade as ideias criadas nos 388 anos de escravidão e desumanização dos não brancos. A nacionalidade precisa ser (re) pensada, talvez a literatura brasileira ainda não exista, constituindo um processo, porém que já abandonou o caráter de instinto classificado por Machado de Assis em seu ensaio de 1873.

A literatura testemunha o que a sociedade não quer reconhecer: o domínio histórico dos paradigmas europeus nas visões de mundo dos brasileiros, embora escritores ao longo da historiografia literária tenham rompido ideologicamente com o imaginário já instituído, ainda pode-se perceber que este rompimento não era completo, a internalização de determinadas paradigmas ideológicos era manifestada pela grande maioria. A sociedade miscigenada culturalmente com a brasileira passa por um processo esquizofrênico de reconhecimento de si, enquanto unidade nacional.

11 When the importance of literature in the formation of any nation is at stake, the first thing that must be taken into account is that nation, as we know, is a very recent phenomenon in history. Historical accounts, archaeology and literature inform us that the profile of former societies was rather different than the ones of each modern state. The conception of modern state goes back to European Renaissance when nations, such as France and England, achieve a certain unity that allow them to forge their national identity based on some convergent facts like territory, language, political ideology and religion. Yet it is literature the institution that joins them together raising the national spirit. (ROCHA, 2016, p.69)

A ideologia cultural branca não é manifestada apenas por pessoas de pigmentação de pele branca, a miscigenação não foi um fenômeno natural e nem pacífico, a mistura racial envolvia um projeto de branqueamento da sociedade que era majoritariamente composta por uma população não branca.

Bourdieu (1989) expressa que “o mundo social é povoado de instituições” (p.92) e que o funcionamento da instituição se dá através de um “ajustamento inconsciente das posições e das atitudes” (p.96). A escola, por exemplo, enquanto instituição estabelecia a formação educacional das crianças a partir de certos valores da ordem hegemônica, o texto literário usado em sala exercia uma função, muito além de pedagógica também social.

A crença de que o texto literário é um objeto desconectado do mundo social não é válida, já que o sujeito que a produz é um sujeito social. Através das interações nas diversas instituições sociais (igreja, escola, família, por exemplo) tem seu imaginário individual influenciado ou forçosamente obrigado a aderir pela potência da repetição determinadas ideologias. A literatura em um contexto colonial foi utilizada como uma espécie de “árvore de esquecimento”¹² dos indivíduos de sua identidade em prol de uma identidade posta como a ideal.

Há de se reconhecer a existência de diferentes “corpus literários” na literatura brasileira. Em “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade” (2009), Conceição Evaristo sobre isto aponta ser a literatura afro-brasileira ou negra um corpus literário específico em que se constitui como uma produção influenciada pela subjetividade, esta que é construída e vivenciada pelo sujeito negro. (EVARISTO, 2009, p.17). A autora brasileira, mulher negra em uma sociedade ainda marcada pelo racismo, ao falar da própria escrita e também de seu conhecimento acerca da escrita de outros escritores negros, manifesta a existência da literatura afro-brasileira, como dentro da mesma a existência de uma vertente feminina, pautando que as questões de gêneros como a racial promovem influências no texto literário.

Neste trabalho será utilizado para se referir a literatura produzida por escritores e escritoras negros (as) de “literatura negra brasileira”, esta escolha se dá pelo fato do termo afro-brasileiro ser cunhado devido à dificuldade que a sociedade

12 Era uma árvore, o Baobá, em que os africanos escravizados eram obrigados a dar voltas, mediante chibatadas, para esquecer tudo que envolvia sua identidade cultural. O Baobá é hoje símbolo de resistência e da memória africana

em geral tem ao considerar o termo “negro” além do simbolismo produzido pela sociedade branca eurocêntrica e também por seguir a escolha de muitas escritoras e escritores negros (as) de nomear o corpus literário que produzem como literatura negra. Esta literatura surge com prática social que quer ter como efeito simbólico a introdução de outra perspectiva no espaço literário, a fim de desnudar a sociedade do manto ideológico construído pelo processo histórico de branqueamento.

Evaristo (2009) considera que há uma “luta discursiva” que vem sendo travada no campo da história e literatura. Em relação a isto a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie faz algumas considerações no conhecido discurso feito em 2009 acerca do perigo de uma história única em que diz sobre a história única ter o poder de homogeneizar o povo, também faz a relação da história com o poder, este que interfere no modo como a história é contada, “quem as contas e quantas histórias são contadas”. Chimamanda também expressa sobre o fato da história única criar estereótipos, sendo estes incompletos nas informações que passam.

Refletir sobre a identidade cultural que a literatura legitima, é indagar sobre os papéis que a mesma exerceu ao longo da história da nação brasileira. Cuti afirma que toda identidade pode e deve ser questionada e que viver sem identidade seria uma perda de propósitos (CUTI, 2010, p.85). A identidade é construída socialmente, mas não há na sociedade apenas um único poder de defini-la, pois não somos moldados socialmente, mas convencidos de acordo como determinadas ideologias se colocam como naturais e ideais para a nossa felicidade ou realização, um jogo retórico constante que o indivíduo é submetido constantemente.

Julgar um escritor a partir de sua identidade racial não é algo que deva ser feito, pois seria mais uma forma de estereotipação e manutenção da estrutura de desigualdade racial. Utilizar da categoria racial como meio de perceber a relação do sujeito-escritor com a sociedade em que está inserido viabiliza perceber como a identidade racial, juntamente com outras identidades, como a de gênero, por exemplo, constitui a subjetividade do escritor e se manifesta na tessitura poética. Observe o que expressa Cuti no excerto abaixo:

Não cumpre julgar um escritor quanto à sua identidade racial. O que envolve qualquer identidade é a possibilidade de pensar-lhe as motivações e impedimentos projetados nos textos, pois elucidam aquilo que expõem e aquilo que camuflam e o que conseguem extrair de beleza. Afinal, o indivíduo é crivado por um amplo feixe de identidades. A identidade negro-

brasileira, apesar d ser idade profunda, não deixa de ser mais uma identidade entre tantas. (CUTI, 2010, p.30)

O autor reconhece que o escritor como qualquer outro sujeito social é um ser de múltiplas identidades sociais. O imaginário e o perfil dos escritores consagrados na literatura brasileira deveriam acompanhar esta multiplicidade. Esta perspectivação pautada na identidade branca que é manifestada no texto literário corrobora para a eficácia do branqueamento, esta ideologia que busca colocar o “branco” como o modelo universal da humanidade (BENTO, 2002, p.25).

O silenciamento ou abafamento das vozes das identidades não brancas do sistema literário também coloca em evidência a responsabilidade da crítica literária pelo fato da literatura ter como predominante a identidade racial branca em seu cânone, pois contribui neste processo de manutenção e valoração da referida identidade. Reconhecer as “experiências divergentes” possibilita a melhor compreensão da sociedade e também o desenvolvimento da literatura nacional. Em *Cultura e imperialismo* (1995), Edward Said expõe:

[...] devemos ser capazes de pensar experiências divergentes e interpretá-las em conjunto, cada qual com sua pauta e ritmo de desenvolvimento, suas formações internas, sua coerência interna e seu sistema de relações externas, todas elas coexistindo e interagindo entre si. (SAID, 1995, p.66)

Analisar escritores e escritoras que ocupam uma posição social distinta na estratificação social ou possuam uma identidade racial diferente pode possibilitar a compreensão de como estas subjetividades distintas elaboram o texto literário e o que há de comum e o que se difere em prol de demonstrar que literatura enquanto expressão permite a compreensão dos indivíduos e da coletividade.

O discurso científico também influência no imaginário, configura o simbólico. Bourdieu sobre isto manifesta o seguinte excerto:

O efeito do simbólico exercido pelo discurso científico ao consagrar um estado das divisões e da visão das divisões, é inevitável na medida em que os critérios ditos “objectivos”, precisamente os que os doutos conhecem, são utilizados como armas nas lutas simbólicas pelo conhecimento e reconhecimento : eles designam as características em que pode firmar-se a acção simbólica de mobilização para produzir a unidade real ou a crença na unidade (tanto no seio do próprio grupo como nos outros grupos), que – a prazo, em particular por intermédio das ações de imposição e de inculcação

da identidade legítima (como as que a escola e o exército exercem) – tende a gerar a unidade real. (BOURDIEU, 1989, p.119 – 120)

Através do que expressa o sociólogo francês pode-se considerar que a crítica literária, enquanto discurso científico, possui um poder legitimador na literatura brasileira. Por exemplo, há pesquisadores que apontam o racismo em alguns textos literários e aqueles que não conseguem percebê-lo, impasses que em alguns casos não foge as relações de poder. A pesquisadora Zilá Bernd (1988) manifesta que quanto maior o potencial revolucionário, questionamento da hegemonia e do sistema simbólico por ela configurada, maior serão os obstáculos criados por uma das instâncias legitimadoras (como academias, editoras, jornais, livrarias, escolas e outras mais) para o seu reconhecimento.

A identidade cultural branca não deve ser a única referência do discurso científico ou literário nem ser vista como representante maior de todas as identidades faz-se necessário colocá-la também como componente da heterogeneidade cultural brasileira a coexistir com outras tantas identidades. Outra questão ao se refletir acerca da relação identidade cultural e literatura é sobre o termo “contraliteratura”, expressão de Bernard Mouralis, normalmente é usado para designar a literatura que recebe a adjetivação racial (literatura negra, indígena, etc.) do que a literatura que recebe a adjetivação de gênero (literatura feminina, por exemplo). Sendo assim, o termo funciona como um separador simbólico das produções literárias, denotando que há uma literatura que caminha isoladamente em uma direção e as outras que vão em sentido contrário em choque com a mesma. Em outras palavras, de que há uma literatura legítima e as outras, ilegítimas, que a confronta. O prefixo “contra” remete ao que é contrário e o que não é, uma contraliteratura não é vista como literatura.

O que é definido como contraliteratura na verdade pode ser visto como contra hegemônico, o que permite observar que algumas categorias críticas podem inconscientemente estar perpetuando determinadas concepções, como as concepções racistas. Em *poéticas do pós-modernismo* (1991), Linda Hutcheon manifesta que no tempo pós-moderno as fronteiras entre a arte e a vida já foram ultrapassadas (HUTCHEON, 1991, p.27). Entretanto, se pode considerar a ultrapassagem das fronteiras desde o momento que a literatura foi utilizada pelos jesuítas como instrumento de doutrinação do indígena no século XVI, sendo usada

como um mecanismo de dominação que possibilitava o domínio social dos sujeitos autóctones.

A contestação da configuração da literatura brasileira pela identidade cultural branca não é o desejo de “destruição” de todas as obras literárias existentes nesta perspectivação, mas revelar ideologicamente a função que as mesmas exercem no controle social. O que marca a maioria das obras centradas na perspectiva identitária branca é o discurso estereotipado e racista, porém existem exceções que se utiliza desta perspectiva sem manifestar o racismo. O autor, enquanto agente social exerce um poder simbólico ao escrever e ao ser lido, assim como a instância legitimadora também o usam. Sobre a relação do poder simbólico com os agentes, Bourdieu (1989) expressa a seguinte questão:

Os que ocupam as posições dominadas no espaço social estão também em posição dominadas no campo da produção simbólica e não se vê de onde lhes poderiam vir os instrumentos de produção simbólica que necessitam para exprimirem seu próprio ponto de vista sobre o social, se a lógica própria do campo de produção cultural e os interesses específicos que aí se geram não produzissem o efeito de predispor uma fracção dos profissionais envolvidos neste campo a oferecer aos dominados, na base de uma homologia de posição, os instrumentos de ruptura com as representações que se geram na cumplicidade imediata das estruturas sociais e das estruturas mentais e que tendem a garantir a reprodução continuada da distribuição do capital simbólico.(BOURDIEU, 1989,152)

Neste excerto, Bourdieu ilustra a relação estrutura social e estrutura simbólica em que o sujeito é duplamente dominado. A literatura pode ser considerada um “instrumento de produção simbólica”, entretanto é um instrumento que é regulado pelas já mencionadas instâncias de legitimação. Também pode-se perceber no trecho citado a referência à um tipo de intelectual que pode fornecer estes ‘instrumentos de ruptura’ aos sujeitos dominados, permitindo lembrar do conceito de “intelectual orgânico” de Gramsci.

Em *Literatura e sociedade* (2006), Antonio Candido considera que a natureza da obra artística é o social, sobre a relação da literatura com o seu contexto de produção expressa:

O poeta e escritor transformam tudo que passa por eles, combinando a realidade que absorvem com a própria percepção, devolvendo assim ao mundo uma interpretação própria e subjetiva, longe de ser um mero espelho refletor. Assim, deve-se pensar a influência exercida pelo meio social sobre

a obra de arte, assim como a influência que a própria obra exerce sobre o meio. A arte pode então, ser uma expressão da sociedade, não deixando de se considerar o teor de seu aspecto social, ou seja, o quanto ela está interessada nos problemas sociais. A partir do século XVIII, a literatura passa a ser também um produto social, já que expressa condições de cada civilização em que se forma. (CÂNDIDO, 2006, p.30).

O teórico não considera o lugar racializado ocupado socialmente pelo escritor, entretanto mesmo que não mencione esta questão, Candido manifesta que o escritor absorve a realidade, interpreta e a devolve ao mundo como representação, mas se a realidade for construída pelo mesmo imaginário que o do autor o que ele devolve como representação é um reforço simbólico. A identidade cultural branca é manifestada silenciosamente na literatura brasileira, sendo o imaginário que lhe corresponde difundido com as crenças e valores que buscam conceber o mundo em seus paradigmas restritivos.

2 Universalidades ocultas: Mulheres e racismo.

Em uma sociedade sexista as mulheres compõem as minorias sociais nas relações de poder, entretanto ao considerar uma abordagem interseccional, pode-se constatar que esta categoria, “mulher”, envolve experiências plurais cujas interações são perpassadas por relações de poder dentro do próprio grupo. Nas teorias feministas observa-se que as vozes de mulheres brancas são colocadas como representativas de todas as mulheres, o que compactua com o sistema social racista em que a branquitude se coloca enquanto experiência universal. O racismo está presente dentro do movimento feminista branco o qual grande parte da militância ao considerar que a questão racial é uma pauta secundária a coloca em um lugar de irrelevância em suas discussões.

Ainda se veem as teorias feministas restritas a perspectiva da branquitude e quando mencionam a questão racial dificilmente pensam a posição da mulher branca nas desigualdades raciais enquanto beneficiadora, ao lado do homem branco, do sistema de exclusão historicamente instaurado de desigualdade racial. Embora haja mulheres brancas conscientes desse lugar, poucas são aquelas que realizam uma contribuição efetiva na luta social das mulheres negras contra o

sexismo, heterossexismo, racismo e outros sistemas de segregação que podem lhes afetar.

Na literatura brasileira o número de escritoras é desvantajoso em relação ao número de escritores no que tange ao reconhecimento da crítica literária e a presença enquanto agente de voz em eventos literários e acadêmicos, exemplificando o quanto que o sexismo presente na sociedade brasileira influencia instâncias literárias e acadêmicas. Dentre as escritoras reconhecidas, ínfimo é o reconhecimento de escritoras negras e escritoras autóctones, o que corrobora também para a questão racial como também influenciadora das referidas instâncias.

Neste capítulo se discutirá sobre a categoria “mulher” sob a égide da branquitude, considerando que esta identidade é diversa como qualquer outra identidade, por isto, será adotada a distinção “branquitude acrítica” e “branquitude crítica”, realizada pelo sociólogo e historiador Lourenço Cardoso (2010), a primeira não condena o racismo e nem assume o seu próprio preconceito racial e a segunda reprova “publicamente” o racismo e reconhece o lugar de privilégio do sujeito branco.¹³ Também serão mobilizadas neste capítulo mulheres de identidades raciais diferentes para a reflexão teórica acerca da categoria “mulher” e também sobre o silenciamento dentro do universo do feminismo, assim, pretende-se compreender a multiplicidade que envolve a mulher e até mesmo o próprio feminismo.

2.1 Mulheres que oprimem mulheres: Relação intragênero e racismo.

O gênero une as mulheres, mas o racial as separa? Na leitura de teorias feministas para a construção deste trabalho foi possível observar o quanto estas teorias não contemplavam a multiplicidade de experiências que envolvem as mulheres. E o foco no sexismo e no machismo servia enquanto estratégia de omissão da discussão do racismo enquanto questão que envolve a realidade de muitas mulheres cujo foco não seria apenas a opressão sexista e seus mecanismos, mas também as relações raciais, também entre mulheres, e o olhar para a sociedade que é consolidada pelo racismo estrutural.

¹³ O termo “publicamente” é grafado com aspas assim como aparece no texto de Lourenço Cardoso.

Em *Mulher e Escrava: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil* (1988) de Sonia Maria Giacomini é apresentada a situação da mulher negra no período da escravidão. Já no primeiro parágrafo da introdução do livro a autora expressa:

Os mais fecundos estudos sobre a mulher têm insistido no fato de que é impossível compreender sua posição e papel na sociedade contemporânea sem levar em conta a situação de classe. Não existe a “mulher”, geral e abstrata, mas mulheres concretas, inseridas em classe sociais historicamente determinadas. Se é certo que em todas as classes de nossa sociedade a mulher é oprimida, não se pode, no entanto, esquecer que a intensidade e, sobretudo, a natureza dessa opressão são diferenciadas (GIACOMINI, 1998, p.17)

A questão de classe é comumente colocada como mais relevante que a questão racial, porém independente da classe social que a mulher está inserida não lhe faz isenta da opressão sexista, assim também ocorre com o racismo, independente da classe, pessoas negras são alvo de concepções históricas que as inferioriza devido a cor de pele ou textura do cabelo crespo, por exemplo. Em relação as mulheres negras o modo como o sexismo se manifestada é configurado pelo racismo, além da objetificação experimentam também a hipersexualização pautada em noções racistas.

Giacomini considera que tem ocorrido um duplo silêncio na sociedade, um acerca das mulheres, outro acerca das classes exploradas evidenciando que a história é masculina e é a história das classes dominantes (op.cit, p.19). Entretanto a socióloga não se ateve ao silêncio em relação a questão racial, além de masculina, elitista, a história é branca. Outra temática abordada pela estudiosa é a relação entre senhora e escrava.

As relações entre senhora e escrava estiveram atravessadas e foram, em grande parte, resultantes dos papéis sociais e sexuais que a sociedade patriarcal escravagista reservou a uma e a outra. Dizemos isso acreditando ser impossível separar essas relações das diversas formas de apropriação das potencialidades das escravas. Mucamas, amas de leite, cozinheiras, bordadeiras, lavadeiras, engomadeiras, etc; foram incorporadas ao espaço privilegiado das senhoras, ou seja, à esfera doméstica (GIACOMINI, 1988, p.73)

Desconsiderando mais uma vez a questão racial, a autora coloca tanto senhora como escrava na mesma condição de vítimas da sociedade patriarcal e escravagista. Entretanto, é plausível considerar que a senhora - inserida em um

contexto onde pessoas negras eram colocadas em posição de inferioridade oriunda da ideia da supremacia das pessoas brancas e por isto eram objetificadas e desumanizadas - também tinha o imaginário individual em consonância com o imaginário coletivo racista, isto é, não compreendia a mulher negra como alguém igual a si em humanidade. Colocá-las em um mesma condição social de oprimidas promove o equívoco de considerar que sinhás e escravas possuíram o mesmo lugar social de subalternidade, uma lógica absurda considerando que a sociedade colonial também era uma sociedade racista.

Em *Mulheres, raça e classe* (2016) Angela Davis expressa sobre o tratamento dos escravocratas em relação à mulher negra:

A postura dos senhores em relação às escravas eram regidas pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente a sua condição de fêmea (DAVIS, 2016,p.19)

A filósofa e ativista estadunidense expressa o modo como a mulher negra era tratada durante o regime colonial escravocrata. Ao contrário de Giacomini (1988), evidencia que a condição de gênero das mulheres negras escravizadas era reconhecida a partir dos interesses dos escravocratas e que a violência de gênero que as mesmas eram alvo era moldada pela questão racial e que naquele momento também determinava uma classe social.

A emancipação feminina não ocorreu de modo uniforme devido às outras formas de desigualdade além da de gênero. Mulheres negras dificilmente frequentaram ao longo da história “escolas só para meninas”, primeiro por que o acesso a educação era um privilégio dos ricos e a pauperização social do negro as impedia de acessá-la imediatamente no contexto pós-abolição. O surgimento da luta feminista do Brasil se dá pelas mulheres brancas burguesas, sendo que o primeiro livro que trata sobre reivindicações feministas foi o *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832) publicado por Nísia Floresta e correspondia a uma tradução livre da obra *A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects* (1792) da escritora inglesa Mary Wollstonecraft, o que possibilita compreender que o movimento feminista surge dentro do grupo racial hegemônico.

No artigo “Feminismo e literatura no Brasil” (2003) Constância Lima Duarte apresenta:

Quando começa o século XIX, as mulheres brasileiras, em sua grande maioria, viviam enclausuradas em antigos preconceitos e imersas numa rígida indigência cultural. Urgia levantar a primeira bandeira, que não podia ser outra senão o direito básico de aprender a ler e a escrever (então reservado ao sexo masculino). A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então as opções eram uns poucos conventos, que guardavam as meninas para o casamento, raras escolas particulares nas casas das professoras, ou o ensino individualizado, todos se ocupando apenas com as prendas domésticas. E foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever. (DUARTE, 2003, p.152-153)

Ao contextualizar a experiência feminina no século XIX, a estudiosa aponta o início da mobilização feminista das mulheres brancas, entretanto utiliza para se referir as mesmas o termo “mulheres brasileiras”. A partir dos dados fornecidos pela obra de Giacomini (1988), pode-se observar pelas citações de jornais do século XIX que o termo “mulheres brasileiras” era usado como referente apenas à mulheres brancas por que eram reconhecidas enquanto cidadãs, embora sem os mesmos direitos que os homens brancos.

No primeiro capítulo desta dissertação se expressa que o termo “brasileiro” ainda não é referenciado contemplando toda a diversidade que nele é subentendida nos discursos públicos, principalmente no que se refere a literatura brasileira. O termo estagnou-se semanticamente no tempo e ainda precisa ser compreendido em seu sentido real e democrático e ao observar o discurso geral feminista também se percebe que ainda não se instituiu a referência plural do termo “mulher” e nem do termo “brasileira” e isto vem sendo reivindicado pelos feminismos negro e descolonial. Duarte (2003) ainda menciona acerca do pouco conhecimento da história do feminismo e reconhece que “entende-se como feminismo apenas o movimento articulado de mulheres em torno de determinadas bandeiras; e tudo o mais fica relegado a notas de rodapé”. (DUARTE, 2003, p.152), percebendo que a luta de mulheres é muito mais ampla e que ainda não foi registrada devidamente.

Em *Breve história do Feminismo no Brasil* (1999) Maria Amélia de Almeida Telles também traz uma perspectiva universalizante do termo “mulheres” e expressa que

O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto em nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas. (TELES, 1999, p.10)

A filosofia brancocêntrica do feminismo se quer universal e busca configurar-se discursivamente em um jogo retórico de convencimento desta pretensa universalidade enquanto comum a todas as mulheres. Além de considerar a opressão de gênero como algo superior ou mais relevante que a racial, sem se ater que tanto o gênero como a “raça” é percebido imediatamente nos sujeitos¹⁴. Embora haja outras opressões, é possível hierarquizá-las a partir de suas potências sociais sem o intuito de considerar quais delas mereçam maior atenção e mobilização, mas pensando a amplitude das desigualdades e a abrangência de sujeitos que as mesmas atingem; o racismo molda as outras opressões, afeta o modo como os femininos são percebidos e representados e se imbrica à opressão de gênero, sendo assim, mulheres brancas não possuíram e ainda não possuem a mesma condição social que as mulheres negras e autóctones.

Em *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras* (2012) Cláudia Pons Cardoso discorre sobre o *corpo negro-mulher* como aquele que “aparecem imbricados as estruturas de subordinação de gênero e raça, diferente do que ocorre com mulheres brancas”(CARDOSO,2012, p.62). Com base no que expressa Avtar Brah em *Diferença, diversidade e diferenciações* (2006) considera que a raça configura o modo como os sujeitos experimentam o gênero, a classe e a sexualidade. Assim, o lugar discursivo e simbólico em que a identidade racial branca se manifesta enquanto “neutra” e sem adjetivos identitários poder ser vista como parte da estratégia de universalização. Vale refletir que os sujeitos adjetivados são

¹⁴Quando se diz neste trabalho que o gênero e raça são percebidos imediatamente é no sentido de considerar que os corpos são lidos, lembrando o que Stuart Hall(2003) diz do corpo enquanto “tela de representação”. E esta “leitura social” do corpo mobiliza referências ideológicas que foram consolidadas ao longo do tempo em nossa sociedade, as “leituras sociais” estabelecem uma rede discursiva, historicamente transmitida, que enxerta no imaginário uma série de noções naturalizadas através das interações sociais. Diante do sujeito nosso olhar tende a tentar percebê-lo pelos binarismos (homem ou mulher) no que tange o gênero e em consonância com a cisgeneridade. Em relação ao racial, as pessoas negras quando são alvo do racismo tem seu fenótipo ou cabelo evidenciados pela ótica racista, um exemplo, quando se considera que uma mulher negra em um espaço onde grande maioria são pessoas brancas como sendo a funcionária da limpeza isto se dá por uma leitura social cuja referência dada aos corpos negros é de ocuparem profissões específicas ligadas ao trabalho braçal do que intelectual.

aqueles que estão fora do círculo do hegemônico e que as adjetivações abarcam as singularidades, porém no âmbito do discurso as mesmas deveriam ser contempladas em termos que expressam a coletividade, por exemplo, o termo “mulheres” não necessitaria do adjetivo “negras” se contemplasse simbolicamente o conjunto de sujeitos que deveria realmente contemplar.

Sobre a relevância da interseccionalidade, conceito de Patricia Hill Collins, Cardoso (2012) expressa que

O lugar que ocupamos no gênero, em síntese, é reconfigurado por outros elementos identitários e de subordinação, esboçando situações de gênero específicas desenhadas pelo cruzamento com estes elementos. Por tais razões, a perspectiva da interseccionalidade revela a insuficiência das políticas universais, das abordagens pautadas somente em um marcador de diferença ou eixo de poder, porque, ao isolar-se os aspectos de um eixo, tomando-os como sobre determinantes, perde-se de vista a complexidade da articulação dos diferentes fatores e de suas combinações e efeitos sobre a vida das mulheres. (CARDOSO, 2012, p.58-59)

Neste excerto, a intelectual expressa que a análise pautada apenas em um eixo de poder limita a análise das questões que envolvem as mulheres, principalmente as mulheres negras, e ressalta a complexidade da articulação de vários eixos. A perspectiva interseccional possibilita um olhar menos hegemônico e promove o entendimento mais amplo das realidades sociais das mulheres. Quando se analisam a partir da interseccionalidade as produções literárias que alcançam o reconhecimento percebemos que toda esfera discursiva da sociedade sofre as influências das relações de poder e estabelece representações que estão a serviço das hegemonias de gênero, raça, sexualidade, por exemplo.

Em *Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo (2014)*¹⁵ bell hooks expressa sobre como os movimentos negro e feminista não contemplavam as pautas que envolviam a experiência de mulheres negras, o movimento negro não contemplava a questão de gênero e o movimento feminista não contemplava a questão racial. Sobre isto hooks promove a seguinte reflexão:

¹⁵ Tradução livre disponibilizada pela plataforma gueto. Disponível em <https://plataformagueto.wordpress.com/2014/12/10/traducao_-aint-i-a-woman-black-woman-and-feminism/> Acesso em 20 out.2017.

Nenhum outro grupo na América tinha a sua identidade tão socializada fora da existência como tinham as mulheres negras. Éramos raramente reconhecidas como um grupo separado e distinto dos homens negros, ou como uma parte presente de um grupo maior de “mulheres” desta cultura. Quando o povo negro é falado o sexismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras; quando as mulheres são faladas o racismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras. Quando o povo negro é falado a tendência é focada nos *homens* negros; e quando as mulheres são faladas a tendência recai sobre as mulheres *brancas*.(p.8)

O espaço da mulher negra nos movimentos negro e feminista se constrói renunciando o não lugar e estabelecendo que a vivência social da mulher negra tem que ser contemplada nestas lutas, mesmo diante dos conflitos com estes movimentos. Sobre o termo feminismo a intelectual e feminista estadunidense ainda expressa:

O feminismo é uma ideologia em construção. De acordo com o Dicionário de Inglês de Oxford o termo “feminismo” foi pela primeira vez usado na final do século XIX e foi definido como ter “qualidades das mulheres”. O significado do termo tem sido gradualmente transformado e a definição do século XX de feminismo é “teoria da igualdade política, económica e social entre os sexos”. Para muitas mulheres esta definição é inadequada. (hooks, 2014, p.138)

Enquanto *ideologia em construção* é possível perceber o monopólio da definição do termo “feminismo” ainda sobre a perspectiva da branquitude evidenciado a partir da centralidade das enunciações críticas das/dos intelectuais brancas e brancos, sabe-se que as palavras ao longo do tempo agregam mais sentidos ou se modificam, entretanto observa-se a cristalização de sentidos de palavras que deveriam adequar-se ao longo da história, já que algumas questões da sociedade se transformaram, por exemplo, a mulher brasileira deixou de ser só a mulher branca. A adjetivação do feminismo de branco provoca muito desconforto em mulheres brancas, já que a identidade racial branca por muito tempo foi sendo configurada como neutra, quando as/ os intelectuais negras (os) evidenciam esta pseudo neutralidade soa como um grito “o rei está nu” sobre toda a construção social do universal e do “normal”. No caso do feminismo, a rainha está “nua”, isto é, já vem sendo elucidado a questão do racismo presente no movimento organizado de mulheres que buscam falar em nomes de todas as mulheres.

O feminismo em geral fala sobre a união das mulheres em prol da mudança na ordem sexista, entretanto se observa pouca discussão acerca da relação

intragênero e o racismo, como também outras opressões como transfobia, por exemplo. No que se refere à desigualdade racial, sabe-se que ideologias racistas podem ser manifestadas por mulheres em relação a outras mulheres cuja identidade racial não é a mesma, mulheres brancas podem ser racistas. Entretanto o discurso feminista branco coloca a mulher branca apenas como “oprimida”, entretanto lê-la assim, é desconsiderar a existências de outros fatores que compõem a sua experiência social. Mulheres podem oprimir mulheres, o que não invalida a luta feminista, mas que aponta suas problemáticas e a relevância de as mesmas serem discutidas em prol de sua resolução.

Em *Feministas brancas... Tirando a máscara? A expressão da branquitude feminina nas relações intragênero* (2007) a pesquisadora Dieuwertje Dyi Huijg expressa que o feminismo também deve lutar por igualdade intragênero e considera a questão racial como um eixo significativo para se pensar a questão intragênero e também ressalta que há muita pesquisa das feministas brancas acerca de sua “posição de gênero” e pouco sobre a sua posição racial. (Op.cit, 8). A pesquisadora também expressa que são poucos os estudos sobre mulheres brancas no que tange a própria identidade racial. Sobre as pautas de lutas das mulheres brancas expressa:

Não se pode, enquanto mulher branca opor-se a “homens”, ou ao sistema sexista, sem levar em conta sua própria posição neste sistema, quando analisado também como racial: o sistema sexista é (o sistema) racista. Neste caso, militantes brancas lutando contra a “opressão masculina” de forma individual, categórica ou sistêmica, que não levem em conta a “opressão branca”, contribuiriam para a perpetuação do sistema racista, dentro da luta anti-sexista. (HUIJG, 2007, p.12)

A teórica estabelece uma ligação entre sistema sexista e racista e também considera que a opressão masculina não deve ser o único foco das mulheres brancas. Intelectuais negras como bell hooks e Lélia Gonzalez já expressaram sobre a pauta exclusiva do movimento feminista contribuir com a manutenção da hegemonia racial e consistir em uma incoerência dentro do movimento que visa a emancipação feminina.

No capítulo “Feminismo: modos de ver e mover-se” da coletânea de textos *O que é feminismo?* (2015) em que as autoras são por mulheres de nacionalidade e identidades raciais distintas, a antropóloga brasileira Débora Diniz expressa que

“que o feminismo é feito de palavras e gestos. Sempre no plural quantos às formas, por isto seria correto falar de feminismos de textos e movimentos” (DINIZ, 2015, p.47). Também manifesta a pluralidade do feminismo e o caracteriza como discurso e ação, embora se encontre em alguns discursos feministas proferidos por mulheres brancas a noção de pluralidade, ainda não se vê as mesmas agindo em prol de visibilizar a diversidade que envolve o movimento, continuando discursivamente a enfatizar a própria perspectiva acerca da luta das mulheres.

No mesmo livro, a historiadora brasileira Rosália Diogo no capítulo “Negros Feminismos”, opta por considerar a existência de feminismos e não de feminismo, também expressa que as mulheres negras vivenciaram questões diferentes das mulheres brancas e ainda reconhece o modo genérico como vêm sendo registradas as histórias das mulheres (DIOGO, 2015, p.86). Enfim, a pluralidade de mulheres existentes na sociedade realizando os recortes que envolvem as experiências sociais das mesmas pode ser vista como universalidades, isto é, cada perfil de mulheres percebe o mundo e interage com ele de formas distintas e são alvos de problemáticas também distintas.

As relações intragênero entre mulheres por serem também relações de poder demonstram que a questão de gênero não é o suficiente para se compreender o sujeito feminino. Os discursos sobre as mulheres ainda se restringe a esfera do feminismo, movimento cujo início no Brasil e no exterior se deu pelas mulheres brancas. As teorias feministas tendem a ocultar através de estratégias discursivas os conjuntos de mulheres que não contemplam na representação que fazem da “mulher”.

Em “A disputa das teorias” (2002) Barbara Christian delinea que o campo das teorias é significativo enquanto campo também de poder e considera que há uma disputa de teorias que entra em consonância com os conflitos sociais. Ainda manifesta que

Na disputa de teorias, as feministas, ansiosas por entrar nas esferas de poder, tentaram suas próprias prescrições. Li muitos livros de teoria literária feminista nos quais se restringe tanto a definição do que é ‘feminista’ e se generaliza tanto sobre o mundo que a maioria das mulheres e homens fica excluída. É raro que teóricas feministas considerem a real complexidade da vida - o fato de existirem mulheres de muitas raças, com origens étnicas diferentes, diversas histórias e culturas; mulheres que pertencem a classes diferentes e que, portanto, têm diferentes preocupações. Raramente tais teóricas percebem essas distinções porque, se percebessem, não conseguiriam articular uma teoria. Frequentemente,

como forma de não se comprometerem, reconhecem, por exemplo, a existência de mulheres de cor, mas então seguem fazendo o que fariam de qualquer forma, ou seja, inventar uma teoria que não nos é muito relevante. (CHRISTIAN, 2002, p.93)

Reconhecendo a complexidade que envolve a experiências das mulheres na sociedade, a intelectual esboça sobre como as teorias feministas produzidas por feministas brancas não é representativa e também não é muito significativa para as demais realidades que envolvem outras mulheres. Christian (2012) como as(os) demais intelectuais negras (os) são poucos conhecidos no ambiente acadêmico brasileiro, embora intelectuais estrangeiros, principalmente as(os) franceses e outros estrangeiros brancos alcançam visibilidade. Não só na literatura, como na teoria, as universalidades têm sido ocultadas em prol de uma universalidade hegemônica que quer ser representativa das demais em que através de mecanismos discursivos que também envolvem poder vem colonizando epistemologicamente o nosso imaginário social e de crítico.

2.2 Quando a escrita de mulheres passa em branco... não existem entrelinhas.

A literatura é um excelente diagnóstico do imaginário social. Já que a (o) escritora/ escritor participa das interações sociais em que discursos e ideias circulam. A percepção de quem escreve literatura não é isenta e dificilmente transcenderá os conflitos sociais. Sempre estará enunciando de algum lugar e de alguma forma isto transparece na tessitura poética. As mulheres brancas, quando escrevem, realizam o ato de escrita a partir de um lugar social marcado pela condição racial privilegiada e de uma condição de gênero desprivilegiada. Sendo assim, diferente das mulheres negras, o privilégio racial possibilita que obtenham mais oportunidades e visibilidade na literatura brasileira e também tenham maior reconhecimento da sua produção intelectual.

Huijg (2007) expressa que a questão de gênero cruza o contexto crucial e ao observar a diferença de renda relacionada à questão racial, a autora esboça que “presume, a desigualdade racial é mais impactante de que a de gênero”. (HUIJG, 2007, p.13). Pensar a escrita das mulheres pensando também na interconexão entre

os contextos, o sexista e o racista, possibilita compreender que ambos os contextos interferem no modo como a literatura brasileira é configurada.

A escritora e intelectual Vera Duarte no artigo “O poder da palavra: representações na literatura de autoria feminina: escrevo, logo existo” (2011) ressalta como a escrita de autoria feminina possibilita a tomada de consciência de si da mulher e se impõe com equidade em relação aos outros na sociedade. Embasando-se na premissa cartesiana “Cogito, ergo sum” - penso, logo existo - a intelectual e escritora constrói sua própria premissa: Escrevo, logo existo. Esta premissa se relaciona com a funcionalidade da escrita no processo emancipatório feminino e também da utilização da palavra enquanto relevante para a própria existência na vida social, na construção de uma esfera discursiva que forneça representações além da perspectiva hegemônica. Sobre a funcionalidade emancipatória da literatura apresenta:

Mais ainda, defendo que o papel da literatura na luta da emancipação da mulher funciona em dois níveis: primeiro, em plano individual, permitindo a cada escritora mulher exprimir os seus anseios, fazer a cartase das suas frustrações e avançar no processo de autoconhecimento, estima e afirmação e na compreensão do mundo e nas formas de transformá-lo a seu favor. Segundo, em nível coletivo, permitindo que as mensagens emancipatórias sejam cumplicizadas, socializadas, circulem e invadam cada vez mais territórios proibidos e sejam apropriadas por homens e mulheres que farão a sua propagação, quer pela positiva, defendendo-as, quer pela negativa, refutando-as, o que, em última instância, reverterá sempre a favor de sua disseminação. (DUARTE, 2011, p.378)

A autora defende que através da literatura é possível transmitir “mensagens emancipatórias”, por meio de dois níveis de funcionamento- o individual e o coletivo- a literatura exerce o papel de transmissão e compartilhamento de experiências sociais, contribuindo para a luta emancipatória das mulheres, sendo a escrita um modo particular de lidar com as questões cotidianas e também capaz de promover o autoconhecimento.

A expressão literária também contribui com a construção imagética da sociedade, isto é, configura o imaginário social. A partir do trecho acima se pode considerar que a literatura é também um campo de batalha discursivo, em que a contestação choca-se com o que se quer absoluto, quando se ver o reconhecimento de determinados textos literários produzidos por um perfil de sujeitos sociais

consegue-se perceber que todo texto literário é discurso em que são mobilizados crenças e valores acerca da realidade perceptível ao olhar de quem o escreve.

Pode-se considerar a escrita ou discurso como meio de se estabelecer o poder simbólico que é “o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer crer e ver” (BOURDIEU, 1989, p.14). A literatura pode ser vista como instrumento de poder ou enquanto consequência do poder no que se refere ao reconhecimento de escritoras(es). Na enunciação literária brasileira ideologias são difundidas juntamente com o trabalho estético da palavra e transmite crenças e ideias que estão presentes na sociedade, pois “a arte se nutre sempre da linguagem social”(PAZ,1982,p.352). A sociedade também se configura em padrões caucasianos de humanidade e os campos epistemológico e artístico não estão isentos disto.

Em *estética da criação verbal* (1997) Bakhtin considera “o texto como reflexo subjetivo de um mundo objetivo” (op.cit, p.341), a sociedade repleta de desigualdades pode ser percebida nas manifestações textuais. E em relação aos textos literários, por mais que tenham como objetivo central o artístico, a subjetividade de quem elabora a tessitura poética é afetada pelo mundo objetivo. O racismo é um fator que configura as relações e percepções sociais, o que fornece maiores possibilidades para perfis hegemônicos como homens e brancos, por isto grande parte das estruturas políticas, educacionais e outras de grande influencia pública são majoritariamente ocupados por sujeitos brancos.

A visibilidade dada a escrita feminina na literatura brasileira segue a mesma lógica de exclusão racista e sexista, embora na contemporaneidade exista uma crescente produção literária feminina, principalmente, de mulheres negras, poucos são os espaços de visibilidade nas “instâncias de legitimação”, o reconhecimento da qualidade estética ou mesmo o “poder de nomeação”(BOURDIEU,1989,p.146), são resultantes das desigualdades sociais. Maria Aparecida Bento fala de “pacto narcísico” que corresponde ao que diz Carlos Hansebalg sobre o acordo tácito na sociedade brasileira, isto é, o enaltecimento de sujeitos provenientes do próprio grupo social, a branquitude legitima quem possui a identidade racial branca ou segue a lógica das “linhas de cor” que segundo Paul Gilroy¹⁶ cria uma hierarquia racial.

¹⁶ GILROY, Paul. *Entre campos: nações, culturas e o fascínio das raças*. Tradução Célia Maria Marinho de Azevedo. São Paulo: Annablume, 2017.

As representações do feminino na literatura brasileira também não contemplam as mulheres não brancas e quando abrangem o modo como as representam promove a manutenção de determinados estereótipos. Em *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura brasileira contemporânea (2010)* Miriam Alves expressa:

A produção textual das mulheres negras é relevante, pois põe a descoberto muitos aspectos de nossa vivência e condição que não estão presentes nas definições dominantes de realidade e das pesquisas históricas. (ALVES, 2010, p.67)

Os aspectos que a escrita literária de mulheres provenientes de contextos diversos permitem o maior entendimento sobre a experiência feminina na sociedade brasileira rompendo com uma visão universalizante da feminilidade cujo foco é a mulher branca. A intelectual também manifesta que as produções das escritoras negras dialogam com o que é produzido por pesquisadoras negras devido ao fato de compartilharem a experiência de ser mulher negra em uma sociedade racista e sexista.

Em se tratando das escritoras, os textos ficcionais e poéticos vêm somar-se às reflexões das pesquisadoras e pensadoras negras, embora em campos de atuação específicos, mas as ponderações e criações partem de uma mesma realidade: a de ser mulher negra e brasileira num contexto desfavorável de existência a ser superado. É como mergulhar numa quádrupla jornada para poder imprimir um pensamento coerente à realidade nacional brasileira e passar existir visivelmente em todos os aspectos da cidadania. (ALVES, 2010, p.68)

A autora fala de “existência visível” que consiste no reconhecimento de direitos em qualquer esfera social, principalmente na que se refere a intelectualidade das mulheres negras. Quando não se produz no campo discursivo social representações diversificadas estabelece-se um processo invisibilização de subjetividades que faz parte das estratégias de domínio imagético da sociedade por paradigmas hegemônicos. Pensando nas mulheres poetas como Cecília Meireles, Carolina Maria de Jesus, Adélia Prado, Geni Guimarães pode-se observar que cada uma das tessituras poéticas que as mesmas produzem dialoga com a experiência social de diferentes mulheres e subjetividades, entretanto em um sistema racista maior visibilidade e até status literário é fornecida a algumas em detrimento de outras.

Em *Problemas de gênero* (2016) Judith Butler apresenta as seguintes considerações:

Por um lado, a *representação* serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria de mulheres. (BUTLER, 2016, p.18)

A filósofa feminista estadunidense concebe que a representação também pode servir enquanto distorção da categoria “mulheres”. O imaginário social pode ser compreendido como um conjunto de representações, no qual as representações literárias também o constituem. Butler (2016) considera o sujeito feminista como discursivamente construído (op.cit, p.19), entretanto é preciso considerar que se na “disputa de teorias” a perspectiva brancocêntrica possui o domínio nas representações pode-se presumir que o sujeito do feminismo, termo usado por Butler para se referir a categoria mulher, é discursivamente imparcial.

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação. (BUTLER, 2016, p.20)

A estrutura de poder, falocêntrica e brancocêntrica modifica o modo como certas categorias que deveriam exprimir pluralidade se manifestam no campo imagético da sociedade. No caso da literatura brasileira estas estruturas também tem forte influência, apesar de existir produções literárias que visam romper e questionar as estruturas, ainda se percebe que a tentativa de rompimento não ultrapassa a superficialidade do discurso, entretanto, ainda na literatura brasileira continuam a ter visibilidade os mesmo perfis de enunciadores, homens e brancos, e quando se conseguem o rompimento com a estrutura sexista, ainda se prevalece a identidade racial branca, ocorrendo ainda a manutenção da estrutura racista.

Butler também alude que a “insistência prematura num sujeito instável do feminismo” promove a recusa da categoria, pois os domínios de exclusão evidenciam o caráter coercitivo e regulador na construção da categoria “mulheres” mesmo que os propósitos do feminismo sejam de emancipação (BUTLER, 2016,

p.23). Em vista de consolidar o feminismo branco como perspectiva feminista hegemônica a maioria das teorias feministas desconsideram a questão racial, sendo assim, conseqüentemente as análises sobre as escritas femininas ficam restringidas a esta perspectiva. Quando na literatura brasileira as/os enuncadoras (es) não representam a diversidade racial brasileira possibilita pensar que a literatura nacional ainda está em processo de construção e ainda tem muito que romper com o colonialidade em si entranhada.

Conceição Evaristo é a escritora negra mais reconhecida da literatura contemporânea brasileira. Entretanto, causa certo incômodo quando ao mesmo tempo em que é evidenciada e reconhecida ocorre o ocultamento de outras tantas enuncadoras negras dentro da literatura brasileira. Os mecanismos sociais de seletividade racista influenciam o modo como as escritoras negras são reconhecidas, sendo que os discursos literários mais questionadores e que denunciam através da estética literária de modo veemente o racismo não alcançam certa notoriedade, entretanto isto não é exclusivo à autoras negras e autores negros, o sistema social vigente fornece o apagamento de discursos que o contestam de forma efusiva. Percebe-se a crescente valorização do racismo enquanto temática nas entrelinhas dos discursos literários, mas quando o mesmo é dito fora das entrelinhas, o texto literário é deslegitimado como produto artístico e rotulado de produto político, como se o político não fizesse parte da literatura desde a época da literatura informativa.

A escrita feminina produzida por mulheres negras, como a literatura negra em geral, não tem como única temática o racismo. Embora a sociedade brasileira seja racista e a experiência social dos sujeitos negros seja marcada pelo racismo, as produções literárias das escritoras negras e escritores negros possuem vasta temática. No que tange às mulheres negras escritoras podem-se observar, também como tema, questões que envolvem relacionamento, subalternidade, sexismo, por exemplo. Ao se perceber mais reconhecimento das escritas femininas produzidas por mulheres brancas do que daqueles produzidas por mulheres negras e mulheres autóctones revela que tal reconhecimento se dá em prol da manutenção da hegemonia da branquitude na literatura brasileira.

3 A POESIA DE MULHERES: REALIDADES EM TONS LÍRICOS.

A historiografia literária é marcada pelo reconhecimento e presença predominante no cânone literário de obras produzidas por homens brancos que expressavam sem muitas barreiras os seus modos de perceber o mundo. As mulheres apareciam como tema de muitos autores, entretanto sua voz raramente era reconhecida como produtora também de literatura, sendo em prosa ou em poema. A concepção social do que deveria constituir o texto literário produzido por mulheres coincidia com as concepções vigentes acerca do papel da mulher na sociedade e quando se tratava da representação literária de mulheres não brancas além do estereótipo de gênero se manifestava o estereótipo racial.

O acesso à educação, o direito ao voto e ao exercício da intelectualidade são frutos de intensas lutas feministas ao longo da história do Brasil, entretanto nem todas as mulheres foram beneficiadas com estas conquistas no momento que surgiram, como foi o caso das mulheres negras e das mulheres autóctones, devido às desigualdades raciais ainda tão pujantes em nosso país. Segundo Zahidé Muzart (2000), a literatura produzida por mulheres brasileiras sempre esteve ligado ao feminismo; embora se tenha como precursora do feminismo no Brasil a indígena catequizada Clara Camarão, o feminismo se configura ao longo de sua história a partir da perspectiva da branquitude, o que pode ser percebido pelas obras acerca da história do feminismo no Brasil cuja autoria é principalmente de mulheres brancas. Segundo estes registros a mulher negra aparece na esfera das lutas feministas na quarta onda feminista nos anos 1970¹⁷, entretanto vale lembrar que a primeira onda feminista ocorreu nas primeiras décadas do século XIX quando ainda era vigente o sistema escravocrata, em que não se considerava a condição de gênero das mulheres negras, entretanto a violência de gênero era praticada pelos senhores escravagistas contra estas mulheres.

As trajetórias sócio-históricas da mulher negra e da mulher branca são diferentes, assim como as das mulheres autóctones também são. Enquanto o ano de 1932 é conhecido como o ano da conquista do direito ao plebiscito feminino,

¹⁷ Em "Feminismo e Literatura no Brasil" (2003) Constância Lima Duarte expressou que nos anos de 1970 o Jornal "Brasil Mulher" que era porta-voz do movimento feminino pela Anistia teve matérias sobre o preconceito racial e também neste período ocorreu denúncias acerca da discriminação contra a mulher negra. Ao apresentar as ondas feministas apenas quando se refere à quarta onda que é mencionada as pautas das mulheres negras.

ainda sendo proibido o voto para pessoas analfabetas - questão que restringia este direito a uma classe social - ainda é desconhecida qual foi a data em que à mulher negra brasileira, como à população negra em geral, foi dado este mesmo direito. Após 130 anos da abolição da escravatura, o imaginário social ainda carrega as digitais do regime escravocrata consolidado pelo colonialismo. Uma destas digitais é o racismo que com seus mecanismos vai nortear as relações sociais.

O texto literário produzido por mulheres, não exclusivamente, possibilita identificar, através da dialética entre presença e ausência na tessitura poética, as digitais socioculturais que permitem compreender de qual(is) lugar(es) as(os) escritoras (es) elaboram o enunciado literário, sendo que também emitem realidades em tons líricos diferentes, isto é, nenhuma escrita ressoa igual, pois tem temas que exigem outros tons e outros modos de escritura que tem ligação com a subjetividade do sujeito social que realiza o ato de escrever.

3.1 Cristiane Sobral: O fio crespo do poema.

Cristiane Sobral é atriz e escritora, nascida no Rio de Janeiro e desde 1990 reside em Brasília. A sua primeira obra foi o livro de poemas *Não vou mais lavar os pratos* (2010), com segunda edição em 2011 e a terceira em 2016; também publicou outras obras de mesmo gênero literário: *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014) e *Terra Negra* (2017); e publicou as coletâneas de contos *Espelhos, miradouros, dialéticas da recepção* (2011) e *Tapete Voador* (2016). Também produziu as peças teatrais “Uma Boneca no lixo”, “ Dra. Sida”, “ Petardo” e “Será que você aguenta”. Muitas pesquisas foram feitas a partir da obra da autora que juntamente com grandes nomes como Miriam Alves, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, por exemplo, contribui com o espaço da literatura brasileira produzida por mulheres negras.

O livro que faz parte do corpus desta pesquisa é o *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014) cuja temática variada traz a experiência social da mulher negra a partir da representação do sujeito feminino negro a partir de sua coletividade como também de sua subjetividade. O primeiro poema é o que dá título a obra:

Só por hoje
 Vou deixar o meu cabelo em paz
 Durante 24 horas serei capaz
 De tirar
 Os óculos escuros modelo europeu que eu uso
 Enfrentar a claridade
 Só por hoje (SOBRAL, 2014, p.16)

Os padrões de beleza imputados pela sociedade aos sujeitos determinam que o cabelo ideal seja o liso e o sem frizz, sendo que socialmente por muito tempo o cabelo crespo foi considerado como o oposto de cabelo penteado ou arrumado. Na esfera do ativismo negro surge a estética corporal como modo de resistência, muitos discursos dos movimentos negros incentivaram que os sujeitos negros optassem por mostrar a textura natural de seus cabelos rompendo com os padrões estabelecidos. Os produtos de alisamentos são nocivos aos cabelos crespos, causando danos permanentes se usados por longo tempo. Este poema de Sobral possibilita lembrar do processo de desintoxicação que dependentes químicos realizam em clínicas de reabilitação. Entretanto, ao falar do cabelo o poema remete ao mesmo tempo ao processo químico de alisamento como também ao processo ideológico que o perpassa.

Só por hoje
 Durante 24 horas
 Serei capaz
 De contemplar o que sou

Só por hoje encarar a claridade
 Sem as sedutoras lentes
 Que nos ensinam a desejar quem não somos (SOBRAL, 2014, p.16).

As ideologias que configuram os padrões de beleza na sociedade são embasadas em uma lógica brancoeurocêntrica. O que corresponde ao “feito” é o que é diferente do que foi socialmente configurado pelo hegemônico. As ideologias

influenciam os esquemas de pensamentos e percepções¹⁸ dos sujeitos. Na tese “Crespos insurgentes, estética revolta: memória e corporeidade negra paulistana, hoje e sempre” (2016) Célia Regina Reis da Silva sobre o cabelo crespo apresenta.

O conflito étnico-racial expresso através do cabelo, há tempos é apresentado em muitas manifestações culturais. Itamar Assunção cantou: “eu tenho cabelo duro, mas não miolo mole” Chico César: “respeite os meus cabelos, branco”; Sandra Sá, “você ri do meu cabelo” e Gilberto Gil: *Temos cabelo duro somos black power. Em muitos contos e poemas escritos em publicações, como Cadernos Negros: “Pixaim”, de Cristiane Sobral; “Cabelos que negro” de Oliveira Silveira, “Duro não é o cabelo”, de Akins Kinte, tratam dessa ferida racial colonial. (REIS, 2016, p.16)*

O cabelo se torna um instrumento simbólico de resistência e luta, Reis evidencia a relevância e o modo como influenciou produções musicais e literárias e como é elemento central no conflito racial desde a época colonial. O poema de Sobral quando expressa sobre as “lentes sedutoras” que faz com que as pessoas não desejem ser quem são se refere às ideologias naturalizadas na sociedade e que estigmatizam a estética corporal negra.

Só por hoje
Desafiar claridade
Com os escurecimentos necessários
De um olhar “3D”

Só por hoje
Só por hoje
Vou deixar meu cabelo em paz (SOBRAL, 2014, p.16)

Nas últimas estrofes do poema o neologismo “escurecimento” traz a tona uma reflexão acerca da própria linguagem como algo ideológico e motivado pelas relações de poder, ao invés de “esclarecimentos”, o neologismo sugere ideologicamente um rompimento com o sistema, linguístico e social.

¹⁸ Em *O poder simbólico (1989)* Pierre Bourdieu expressa que esquemas de pensamento e percepção são “produtos das opções anteriores transformadas em coisas” (op.cit, p.101), isto é, são resultantes de ações sócio-históricas tanto revolucionárias como coercitivas e mantedoras dos paradigmas hegemônicos.

No poema “Haicai Cabelo” observa-se uma reflexão acerca do que consiste o cabelo socialmente: Se o cabelo é só um pelo/ Porque todo esse novelo/ Na situação? (SOBRAL, 2014, p 17). O sujeito lírico questiona sobre o que consiste o cabelo e há o diálogo com o discurso de que o cabelo não teria nenhum teor ideológico e que consiste apenas em um pelo, sendo que os padrões de beleza indicam uma textura específica de cabelo como o “belo”. A intelectual Cláudia Pons Cardoso (2012) considera o cabelo um “símbolo cultural” que juntamente com outros símbolos ligados a cultura afro-brasileira se transformariam em elementos de ação política.

No poema “Ainda o pelo” o tema central é o corte de cabelo:

Cortei o cabelo
 Agora meu cérebro toca o céu

Cortei o cabelo
 Paguei o aluguel sem esforço
 Fiquei mais exposta ao plutônio
 Mas ativei tanto o meu neurônio que nem sei (SOBRAL, 2014, p.18)

O corte de cabelo é representado como algo que influencia a experiência social do sujeito lírico, pode-se perceber a presença da ironia na construção do poema quando enuncia que o simples ato de cortar o cabelo interfere na cognição e no desempenho profissional.

Cortei o cabelo
 Renasci
 Liberta da faculdade do pelo

Do meu lado nenhum pelo
 Nenhum tolo

Cortei o cabelo
 Fiquei sem
 Nota cem

Amém. (SOBRAL, 2014, p.18)

O pelo é representado ironicamente como uma faculdade maligna que controla o sujeito e sem ele tudo ocorre positivamente. A ironia de Sobral se dá no dizer o contrário do que se pensa, e ao enunciar, evidencia o absurdo dos padrões estéticos acerca do cabelo, principalmente os estereótipos em torno do cabelo crespo. O poema “Estética” expressa a relação da questão estética com a identitária.

Hoje não irei à manicure

Quero um tratamento

A me curar por dentro

Hoje eu não quero ir ao cabeleireiro

Seria necessário converter um país inteiro

Para conseguir um corte com a expressão da minha identidade.
(SOBRAL, 2014, p.19)

A dialética entre interior e exterior se manifesta no poema, o sujeito lírico enuncia que precisa muito mais que um “tratamento de beleza”, indicando a necessidade de um tratamento psicológico que ajude a lidar com as questões internas, entretanto a relação entre a estética e a subjetividade pode ser compreendida como interligadas, lembrando o que Stuart Hall (2003) diz acerca do corpo enquanto “tela de representações”, o que faz pensar que o modo como se lida com a própria estética corporal tem ligação com os esquemas de pensamento e percepção adquiridos ou ensinados através das interações sociais.

No poema “Tridente, meu pente” se observa a negação de todos os estereótipos acerca do cabelo crespo, não é duro e nem ruim, e a utilização positiva do termo pixaim no primeiro parágrafo.

O meu pente é diferente

Funciona muito bem

Não é um pente ruim!

É próprio para o meu pixaim. (SOBRAL, 2014, p.21)

O pente é um objeto comum a todas as pessoas e no poema o sujeito lírico informa que o seu pente é diferente, atesta o seu perfeito funcionamento para o ato de pentear os cabelos e que é um pente específico para o cabelo crespo que de forma estereotipada nos discursos racistas é chamado de “pixaim”, entretanto no poema o termo adquire uma conotação positiva.

Não deboche
 Não provoque
 Vou deixar você sem jeito
 Espetar o seu preconceito

Meu cabelo não é duro,
 Nem bom, nem ruim, nem melhor.
 Afirmo a dialética da percepção
 A alteridade de ser como sou (SOBRAL, 2014, p.21)

Os verbos no imperativo nas estrofes acima promovem a ideia de proibição de algo que se é praticado, o preconceito, na forma de deboche ou provocação, o sujeito lírico adverte a não aceitação das ações preconceituosas. Os termos “duro” e “ruim” consistem em estereótipos no discurso racista acerca do cabelo crespo, através da representação literária são contestados e há a afirmação de que o modo como se compreende os outros ocorre dialeticamente e também de que alteridade envolve ser quem se é.

Não deboche
 Não provoque
 Vou deixar você sem jeito
 Espetar seu preconceito

Diferente, o meu pente
 Quase um tridente
 Transforma a ordem
 Sem fazer desordem

Diferente, o meu tridente.
 Diante do princípio do caos
 Convida o sistema a refazer as suas concepções
 Para desafiar a história única (SOBRAL, 2014, p.21)

Ocorre a repetição da estrofe com verbos no imperativo deixando mais enfática a enunciação literária. O pente é comparado a um tridente que simboliza poder e que na antiguidade foi uma arma usada por gladiadores, também é o símbolo da psicologia representando o inconsciente. Na história dos Orixás, Exu carrega um tridente cujas três pontas simbolizam sabedoria e equilíbrio em busca do desenvolvimento espiritual. O tridente é um símbolo poderoso, quando no poema o pente é um “quase tridente”, atribui-se poder, o poder de ser diferente. Na última estrofe, o sujeito lírico expressa sobre o seu tridente - que não é o pente – mas o poder do sujeito lírico de desconstruir as concepções hegemônicas e confrontar uma única perspectiva da história da sociedade.

No poema “Espelhos Tortos” a questão da percepção ainda se faz presente e o ato de perceber como influenciado pelos padrões estéticos dominantes que mantém o controle simbólico pautado em uma lógica brancocêntrica. Na primeira estrofe do poema se percebe a interdiscursividade com o discurso cristão.

Ela não se sentia abençoada
 Tinha a pele nem tão escura
 Mas a cabeleira cheia, encrespada...
 Aos pés do Pai, sem paz
 Sentia-se desgarrada (SOBRAL, 2014, p.22)

O poema consiste em uma descrição do modo como uma mulher negra se sente em relação a própria estética corporal e fenotípica. A questão do colorismo¹⁹

¹⁹ O conceito de colorismo foi cunhado por Alice Walker em 1982, consiste em uma forma de racismo que tende a valorização dos tons de pele próximos do branco e preterir o que aqueles sujeitos que possuem uma tonalidade de pele mais escura. Relacionando com a noção de “linhas de cor” de Gilroy (2007), pode-se compreender o colorismo como um mecanismo racista que estabelece uma hierarquia racial.

também é representada. O processo de branqueamento e o discurso religioso cristão são interligados, na segunda estrofe é evidenciada a representação europeizada do Criador.

Porque não foi feita branca
Olhos azuis
Como a imagem do Criador
O filho da luz? (SOBRAL, 2014, p.22)

A atribuição de tudo que é santo ou bom a cor branca pode ser visto como mecanismo discursivo do processo de branqueamento sócio historicamente arquitetado. O branqueamento busca modificar tanto os corpos negros como configurar o imaginário social, resultante disto pode-se observar a construção da “normalidade” por uma perspectiva eurobrancocêntrica.

Orou fervorosamente
De tanto manipular um produto
Com persistência
Depois de intermináveis dias descobriu um curioso dom
Conseguiu enfim um milagre
A cura para o cabelo “ruim”
Que bom!

Agora estava liberta
Em paz com a sua fé
Na igreja sempre ficava de pé
Ostentava o seu cabelo finalmente liso
Inacreditavelmente longo, que batia nas costas (SOBRAL, 2014, p.22)

A questão estética é colocada como algo que necessite de intervenção divina, o cabelo crespo é representado como doença que necessita tanto de um produto químico como de uma cura espiritual. A adequação aos padrões estéticos é representada ironicamente como libertação, entretanto pode-se considerar que as pressões estéticas sobre os corpos, principalmente corpos negros, podem promover

a alienação modificando os esquemas de pensamento e percepção dos indivíduos. Na última estrofe do poema é apresentada a distorção imagética do sujeito sobre si:

Lamentavelmente, ignorava
 Ao mirar-se em seus espelhos tortos
 As irônicas apostas que diziam com certeza
 O seu cabelo nunca estaria nos padrões de beleza
 (SOBRAL, 2014, p.22)

A percepção ilusória e deturpada do sujeito sobre si é expressa pela metáfora dos “espelhos tortos”, sabe-se que ideologicamente os sujeitos entra em contato com uma série de concepções que se naturalizam através da interação social e de mecanismos coercitivos que perpetuam determinados paradigmas dominantes.

No poema “Espelhos negros” a metáfora do espelho aparece ligada a questão amorosa, há também a valorização da estética negra como algo ligado a autoestima.

Quando você apareceu
 O eclipse aconteceu
 Meu cabelo ficou do jeito que eu queria
 Pude cozinhar o secador em “banho maria”

 Ainda bem que você surgiu!
 Minha autoestima refletiu
 Tomei tesão como medicação a semana inteira
 A mulher forte e decidida saiu da geladeira (SOBRAL, 2014, p.23)

Na primeira estrofe o termo eclipse é utilizado como metáfora do encontro de sujeitos negros e a questão do cabelo também se apresenta como resultado da escolha estética do sujeito lírico. E na segunda estrofe o ponto de exclamação enfatiza a alegria da presença do ser amado e como esta presença faz bem.

Mas eu também cheguei!

Cheguei mais perto do espelho do banheiro
 Olhei e percebi quão melhor fiquei
 Muito mais negra, enfrentando o mundo inteiro

Nós dois, que perigo para humanidade!
 Se a comunidade negra
 Forte, unidade, de verdade.
 Começar a se reproduzir
 O mundo inteiro vai sacudir (SOBRAL, 2014, p.23)

Na terceira estrofe o sujeito lírico feminino enuncia acerca de si, o verbo “cheguei” pode ser visto em relação ao verbo “surgiu”, lembrando a noção de encontro, fortalecendo a metáfora do eclipse que perpassa o poema inteiro. O espelho aparece sem distorções, a contemplação se dá de modo positiva e no verso “muito mais negra, enfrentando o mundo inteiro” pode-se perceber a referência de como é a experiência social da mulher negra. No último o relacionamento afrocentrado é apresentado como algo que abalaria o mundo, numa lógica heteronormativa este tipo de relacionamento proporcionaria a reprodução dos sujeitos negros sem envolver o processo de miscigenação que historicamente era compreendida como um modo de extinguir o negro da sociedade brasileira. Alguns antropólogos como Darcy Ribeiro e Lilia Moritz Schwarcz trataram sobre a questão da miscigenação como um projeto de anulação do negro na crença no processo de seleção natural em que o branco prevaleceria.

No poema “Reflexos” constituído por três versos ocorre a inversão da simbologia das cores e assim construindo na tessitura poética o efeito do paradoxo.

Quando olho para você
 Sua pele preta acende a luz
 E brilha diante dos meus olhos (SOBRAL, 2014, p.75)

O “brilho” e a “luz” são associados a “pele preta”, contrariando toda uma construção ideológica que associa estes dois termos ao “branco”. Cristiane Sobral ao falar do amor relaciona-o com a questão racial, realizando a dialética entre o afetivo e o racial. Em outro poema, “Black no preto”, o cabelo crespo também é

tema, entretanto há a distorção da expressão “preto no branco” que significa “deixar as coisas bem claras” ou dizer a verdade. Na primeira estrofe do poema é apresentado como pode ser percebido um sujeito negro com o cabelo crespo.

Um preto de Black Power é suspeito
 Não foi alisado?
 Não foi iludido?
 Não foi cooptado
 Pelo sistema? (SOBRAL, 2014, p.28)

A expressão “não foi alisado” pode ser compreendida como referente a não aceitação, o sujeito que não foi bem visto, não recebeu elogios, pois o termo “alisado” significar ser paparicado e elogiado. Na estrofe pode-se observa que o indivíduo negro que está fora dos padrões estéticos que a sociedade estabelece provoca indagações. Na segunda e terceira estrofe os estereótipos associado aos sujeitos negros, principalmente relacionados ao cabelo crespo, são apresentados mediante o uso da ironia:

Um preto de black power
 Deve ser perigoso
 Vagabundo, meliante
 Qualquer coisa que não preste
 Preto é sempre
 E não nega a raça

Um preto Black Power
 É melhor prestar atenção
 Elemento cor padrão?
 Deve ser investigado... (SOBRAL, 2014, p.28)

A marginalização e criminalização do negro pautada em sua estética corporal é algo que os movimentos negros denunciam constantemente. A construção imagética da população negra pela sociedade foi por muito tempo realizada a partir da inferiorização e retroalimentação do racismo em sua forma

institucional e estrutural. Na quarta e quinta estrofe, a conscientização é colocada como algo que o sistema busca inibir e também a manifestação de opinião de pessoas negras apresentada como sendo vista de forma ameaçadora.

Um preto de cabelo em pé
 Ora que ousadia
 Raspem a cabeça
 Antes que ele esqueça
 Que não deve ter opinião
 Que não pode ser livre
 Não pode não

Esse preto é pura ameaça
 Daqui não passa...
 Levem, raspem e joguem na prisão!
 O sistema carcerário é a solução
 Transforma bandido em cidadão (SOBRAL, 2014, p.28)

A ironia se acentua, o sistema prisional é apresentado como punitivo ao invés de reabilitador e também como racista já que a maioria da população carcerária do Brasil é negra. Na última estrofe é apresentado ainda pela ironia que mesmo o indivíduo assumindo os padrões estéticos impostos não deixaria de ser alvo do racismo.

Viram?
 Tirando Black Power
 Surge o homem de bem
 Aparência nota cem
 Um preto de alma branca
 Nunca sofreu racismo
 É fruto do capitalismo
 Está tudo bem. (SOBRAL, 2014, p.29)

Neste jogo enunciativo propiciado pela ironia, pode-se observar a denúncia de que o capitalismo através das indústrias de beleza gira em torno dos padrões

estéticos hegemônicos. No poema “Manual Melanina (Leia em tom de ironia)” são apresentadas recomendações para que o sujeito negro seja bem sucedido em uma sociedade racista, o teor irônico já assumido no título do poema, evidencia que o racismo não é algo que se pode se livrar apenas adotando posturas que socialmente se esperam da população negra. Também se pode considerar que ao explicitar o ritmo através da informação entre parênteses informando como o poema tem que ser lido a autora estabelece a metalinguagem.

É melhor para um preto

Acender a luz

Ficar quietinho

Sorrir bastante

Usar tons pastéis

Por favor, pretos

Abaixem a cabeça

A humildade é um dom

Não gritem

Mostrem os dentes brancos

A qualquer um (SOBRAL, 2014, p.30)

A submissão e um comportamento simpático são recomendados já nas primeiras estrofes, na primeira estrofe a orientação se assemelha as recomendações de conduta diante de uma abordagem policial, por exemplo, “ficar quietinho”. O verso “mostrem os dentes brancos” permite lembrar de que na época da escravidão, durante a venda de pessoas negras escravizadas, um critério utilizado para identificar a qualidade do “produto” era a observação dos dentes, um escravo bom era determinado pelos dentes, segundo a lógica escravocrata.

Pretinhos

Sejam simpáticos

Nunca conscientes

Muitos menos exigentes

Vivam sem reclamar

Façam bom uso dos seus corpos rijos!
 Consigam casamentos brancos
 Tenham filhos pálidos
 Mantenham os cabelos presos
 E lisos (SOBRAL, 2014, p.30)

Nas estrofes acima, o manual irônico prescreve uma conduta simpática e nada consciente, apenas a passividade. O verso “consigam casamentos brancos” dialoga com o dito popular “Casar com branco para melhorar a raça” que é fruto da tese de branqueamento do século XIX. O branqueamento também se tornou política pública na sociedade brasileira, sendo o que motivou a imigração europeia no século XIX e início do século XX para o Brasil na crença de que os sujeitos brancos prevaleceriam em detrimento dos sujeitos negros (BENTO, 2002), embasada na lógica do darwinismo social. As últimas estrofes do poema fornecem os resultados de seguir corretamente o manual: felicidade, lucidez, prosperidade e vitória.

Agindo assim serão felizes!
 Aprendam a fingir como as atrizes
 Da televisão

Lembrem-se meus irmãos
 Cada dia mais alvos
 Absorvendo toda clareza
 Que estiver a disposição

Agindo assim serão prósperos
 Serão lúcidos
 Que a brancura seja uma meta
 Uma opção
 De posse do manual melanina
 Vocês vencerão. (SOBRAL, 2014, p.30-31)

O poema “Manual Melanina” ironicamente recomenda o branqueamento como fonte de sucesso do negro na vida social, ao realizar o jogo irônico no texto

literário Sobral denuncia a ordem brancocêntrica da sociedade brasileira. Em outro poema “Pérola negra”, composto por oito estrofes, o sujeito lírico apresenta sua trajetória, da infância até a fase adulta, nas quatro primeiras estrofes observa-se a questão da violência de gênero, assédio sexual, a infância sem muito afeto e a depreciação de sua estética negra. Os verbos indeterminados na terceira pessoa do plural é usado para se referir aos autores do desrespeito.

Na quinta estrofe pode observar a enunciação da superação.

Eu me alimentei das minhas ausências
 Nem sei como venci todas as minhas urgências
 Consegui fazer brotar os frutos (SOBRAL, 2014, p.39)

O sujeito de lírico expressa que uma postura ativa diante da adversidade proporcionou a superação, a descrição poética da própria trajetória é feita mediante um processo reflexivo que também informa a resistência psicológica e física a determinadas situações vividas pela enunciadora. Na sexta estrofe é descrito o renascimento como algo que envolve lidar com própria dor.

Renasci
 Triturei minha dor
 Comi minhas próprias cinzas
 Mas deixei um pouco para forjar uma nova pele (SOBRAL, 2014, p.39)

Através da metáfora da fênix a angustia do renascimento é representado no poema. A “dor” reduzida a fragmentos pode ser vista como as próprias cinzas do sujeito lírico que constituiriam a sua pele, uma nova pele construída a partir da resistência. Nas últimas estrofes do poema pode-se observar a vingança simbólica e o fortalecimento do sujeito através da autonomia e atitude perante a vida.

Eu me vinguei sendo muito mais negra
 Eu me vinguei sendo mais sábia
 Eu me vinguei sendo muito mais feliz

Hoje sou dona dos meus caminhos
 Tatuei as minhas cicatrizes como quem borda ninhos
 Tenho as chaves do meu prazer
 Sou pérola negra
 Aprendi a receita do bem viver (SOBRAL, 2014, p.40).

A vingança do sujeito lírico feminino pela valorização da própria identidade racial, pelo interesse na construção de sua intelectualidade e felicidade. As cicatrizes são transformadas e na soma de questões superadas o encontro de um caminho para se viver melhor. No poema “Preto no Branco” cujo título é uma expressão popular observa mais uma vez a distorção da simbologia das cores e a denuncia do embranquecimento do país.

Refletir a luz negra na cara de pau
 De um país estrategicamente embranquecido
 Ocupar páginas em branco
 Com alguns escurecimentos necessários. (SOBRAL, 2014, p.42)

Na distorção da simbologia das cores ocorre a crítica a própria língua evidenciando pelo paradoxo as construções sociais em torno da questão racial. No verso “ocupar páginas em branco” o termo “branco” refere-se tanto a identidade racial branca e sua hegemonia como também referente ao “vazio”, algo que precisa ser preenchido, escrito. O neologismo “escurecimento” aparece novamente no mesmo sentido de explicitar, entretanto através de perspectiva negra, evidenciando os termos em nossa linguagem expressa concepções que dialogam com o racial. Um exemplo são os termos “esclarecer” e “obscurecer”, ao criar o neologismo, Sobral, denuncia a construção do sistema linguístico como constituído pela lógica da branquitude.

Na segunda e terceira estrofes ocorre a representação da televisão enquanto instrumento de alienação e difusora dos padrões hegemônicos.

Desenhar outros horizontes
 Em minhas vistas cansadas
 Da monotonia padronizada
 Da visão distorcida

Provocada pela televisão

Preto no branco

Procurar a inclusão de outros tons

Diante da hegemonia dos estereótipos

Desafiar o mito da democracia racial (SOBRAL, 2014, p. 42)

O binarismo racial é questionado, a inserção de outras identidades raciais que também compõem a sociedade brasileira é exigida e bem como o questionamento da noção de democracia racial. Na última estrofe do poema é possível compreender o verso “páginas em brancos” como metáfora de toda construção discursiva da sociedade, todos os registros, em que prevalece a perspectiva de uma identidade racial apenas, a branca. No poema são apresentadas palavras que ideologicamente são construídas a partir de uma simbologia da cor na qual o “negro” é colocado de modo depreciativo, as “palavras negras” podem ser consideradas como a perspectiva negra para que se possa ressignificar positivamente no plano do simbólico o imaginário acerca do negro e refletir sobre o nosso próprio idioma.

No poema “Cisne Negro” ocorre o diálogo com o conto “O patinho feio” de Hans Christian Andersen.

Vestia branco

Para agradar os patos

Escondia os cabelos

Disfarçava sua cor

Cisne negro

Pouco à vontade na lagoa

Onde somente os patos tentavam pegar uma cor

Sua pele preta chamava a atenção

Desconhecia o poder da revolução (SOBRAL, 2014, p.48)

A adequação aos padrões estéticos da branquitude é colocada na primeira estrofe como um modo de ser aceito, a recusa das próprias características em detrimento das que pudessem agradar os outros, isto é, “os patos”, a metáfora do

sujeito branco no poema. A lagoa pode ser compreendida como a metáfora da sociedade, o “cisne negro” pode ser visto como metáfora do sujeito negro que não tem consciência do que se é. Lembrando o conto infantil de Andersen, o patinho feio se considerava feio por ser o diferente dos outros patos, mesmo tentando se adequar a convivência no meio dos patos, entretanto era diferente de um pato, sendo outra espécie de ave, um cisne. No caso do poema, o “cisne negro” passa por este processo de querer se adequar e depois ocorre a tomada de consciência do que é, acarretando a aceitação e a compreensão da diversidade.

Cisne Negro

Era o patinho feio do lugar

Mas o reino da noite um dia encontrou

Os patos não eram os únicos logo constatou

Aprendeu a sua diferença admirar

Cisne Negro

Um cisne não podia ser pato

Era preciso enxergar o fato

A gente só pode ser o que é

A verdade fortalece a fé

Cisne negro

Agora veste preto com prazer

Vê o mundo com olhos coloridos

Enxerga a beleza

Dos cisnes e dos patos (SOBRAL,2014,p.48)

A tomada de consciência da própria identidade aparece nas estrofes finais, a mudança de contexto, da “lagoa” para “o reino da noite”, possibilitou a desconstrução do imaginário brancocêntrico e a compreensão da diferença. Os versos “enxerga a beleza/dos cisnes e dos patos” podem ser compreendidos como referente à despadronização do que seja o belo. O poema pode ser considerado como uma releitura do conto de Andersen, pensando-o também enquanto um conto que permite uma interpretação pautada nas relações raciais.

O poema “Mestiço Camaleão” o tema central é a afroconveniência que equivale à afirmação ou negação da própria raça de forma conveniente e oportunista (OLIVEIRA, 2013) ²⁰. Também envolve a questão do colorismo em que pessoas negras de peles mais claras, seguindo a lógica das “linhas de cor”, possui privilégios em relação as pessoas negras de peles escuras e há a situação de “passibilidade branca” em que sujeitos, pessoas pardas, em contexto onde majoritariamente prevalece os sujeitos brancos se classificam enquanto brancos e em contexto onde há sujeitos negros se declaram enquanto negros, algo que denotam a complexidade das relações raciais em uma sociedade marcada pela miscigenação como a brasileira.

Mestiço camaleão

Mudava de cor a cada situação

Trocava a pele como serpente

Para se defender

Preto no meio dos brancos

Mestiço no mundo negro

Vestia uma pele diferente

Para sobreviver (SOBRAL, 2014, p.49)

A afroconveniência é colocada no poema como ação de defesa e sobrevivência, por isto o uso da metáfora do camaleão que é usada para representar o sujeito que tem a sua identidade racial definida pelo contexto que estar inserido consistindo em ato automático de proteção por meio da “camuflagem”.

Nunca imaginou

Viver de forma consciente

Nem aprendeu

A aceitar sua origem diferente

Mestiço camaleão

²⁰OLIVEIRA, George. Afroconveniência no Brasil. Correio Nagô. Disponível em <<http://correionago.ning.com/profiles/blogs/a-afroconveniencia-que-incomoda-por-george-oliveira>> Acesso em 10 dez.2017.

Embranquecia durante o dia
 Por pura ambição
 À noite, escurecia.
 Oferecia o corpo para degustação
 Certo dia
 Foi encontrado em um beco
 Na madrugada escura
 Suas fantasias vestiam
 Uma alma branca. (SOBRAL, 2014, p.49)

O sujeito descrito no poema é representado como fruto da sociedade, a não aceitação da própria origem consiste é uma forma de opressão social já que a sociedade com seus mecanismos promovem a inferiorização da população negra. O desfecho trágico elucidada a questão da objetificação que ligada a prostituição pode ser relacionado a questão da hipersexualização o que pode ser observado no verso “oferecia o corpo para degustação”. Este poema também pode ser relacionado a violência simbólica em que os sujeitos negros são submetidos em uma sociedade racializada e brancocêntrica que fomenta as desigualdades.

No poema “Blackness” ocorre a valorização da identidade negra e como o poema “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz” soa como meditação ou oração para manter o foco no que é necessário para liberta-se da dependência de algo, seguindo a lógica das clínicas de tratamento de dependentes químicos. Acontece a repetição da estrofe abaixo três vezes ou que enfatiza que é algo para ser fixado na memória do leitor.

Blackness, Blackness
 Duas vezes ao dia
 A humanidade do negro como filosofia
 Blackness, Blackness
 Duas vezes ao dia. (SOBRAL, 2014, p.58-59)

A negritude é indicada, assim como um medicamento, “duas vezes ao dia”, compreendendo também a questão de ser reconhecida a humanidade do negro enquanto “filosofia”, remetendo a questão epistêmica e também no nível das ações.

Na segunda estrofe do poema a ancestralidade é apresentada como geradora de aprendizagem e como conhecimento das raízes identitária e culturais.

Sobrevivi ao terrorismo do desânimo
 Olhando pra trás sem medo
 Mergulhando em minhas raízes
 Afrocentrando meu corpo
 Aprendendo com meus ancestrais (SOBRAL, 2014, p.58)

Na quarta estrofe há a referência a cantiga de ninar “Boi da cara preta” e é representada a africanidade junto com a questão negritude como algo que o sujeito lírico deseja como centro da própria vida.

O boi da cara preta revelou sua identidade
 Apareceu consciente de sua alteridade
 Conversamos sobre as urgências da negritude
 Decidi levar uma existência menos hermética
 Focando na minha africanidade sincrética. (SOBRAL, 2014, p.58)

Há também personificação do “boi” como ser consciente e que foi possível estabelecer diálogo, o que promove o teor de fábula na construção poética. Na sexta estrofe se faz o apelo a solidariedade entre sujeitos negros e que o processo de construção da própria identidade não ocorre de modo tranquilo, o uso do termo “impunemente” permite relacionar com a ideia de criminalização que o racismo estrutural realiza da população negra. O poema dialoga com a obra *Tornar-se Negro: As vicissitudes do negro em ascensão social (1990)* de Neusa Santos Souza em que o tornar-se negra corresponde a “comprometer-se a resgatar a própria história e recriar-se em suas potencialidades” (SOUZA, 1990, p.18).

No poema “Sambou?” é feita a crítica ao carnaval como algo banalizado.

Tirem a mão da minha bunda
 Ninguém mais brinca nessa cidade
 Devolvam o meu carnaval
 Nunca vi essa avenida tão imunda

Até o samba é de péssima qualidade
 Nem com toda cerveja do mundo eu ficaria legal

Aliás
 Não me iludo com a bebida
 Estrategicamente distribuída no camarote dos hipócritas
 Onde a elite joga pérolas para os porcos
 Onde estão os negros?
 Onde estão os velhos?
 Deixem-me no chão
 Devolvam meu carnaval. (SOBRAL, 2014, p.65)

É feita a crítica acerca do carnaval ter deixado de ser um momento de diversão e brincadeiras e se transformado em uma festa de consumo intenso de bebidas alcoólicas e o assédio sexual à mulheres. Há também o questionamento sobre o caráter elitizado da festa popular na qual não se vê a participação de “negros” e “velhos”. O carnaval é considerado por Lélia Gonzalez (1984) como a “reencenação da democracia racial” já que o símbolo da festividade é o corpo negro, especificamente o corpo da mulher negra.

Ainda colocam na primeira página do jornal
 Tá todo mundo celebrando o mito da democracia racial!
 O capitalismo é mesmo manco e sem jeito
 Olha esse gringo louco pra mamar em um peito
 Devolvam meu carnaval

A violência está desfilando desafinada no bloco da testosterona
 Enquanto alguns policiais fingem que cantam a marchinha
 Todo mundo é suspeito, baixei o cacete, mas estava na minha
 Sem essa de colocar a verdade sobre a mesa
 Juro que foi legítima defesa. (SOBRAL, 2014,65)

A objetificação da mulher negra no carnaval e a transformação do mesmo em fonte de lucro ao invés da manutenção enquanto festa popular que faz parte da cultura brasileira. A questão da violência contra a mulher é manifestada no verso: “A

violência está desfilando desafinada no bloco da testosterona”, durante o carnaval as denúncias de assédio e violência contra mulher são alarmantes, por isto em 2017 várias campanhas foram promovidas para a conscientização e combate desta violência, um exemplo, foi a campanha “Carnaval sem Assédio” promovida pelo revista Azmina cujo lema era “Uma Mina Ajuda a Outra”.

No poema “20 de novembro” a resistência a opressão racista é representada de forma contundente. O primeiro verso de cada estrofe inicia-se com adverbio de negação “Não” ou “Nunca”. O título corresponde a data da consciência negra importante para celebração da cultura e luta negra e também é considerada como referente a data da morte de Zumbi de Palmares, liderança do quilombo de Palmares, espaço de resistência negra que durou mais de um século no período colonial.

Não fale comigo neste tom
 Talvez seja necessário escurecer para você entender
 Não venha me dizer com ironia que a coisa está preta
 Que hoje é dia de branco
 Com intenção de distorcer a minha identidade

Não fale comigo neste tom
 Compartilhamos a mesma língua portuguesa
 Mas tenho o direito de escolher outras palavras
 De recusar estereótipos que não me servem
 Talvez seja necessário escurecer para você entender.
 (SOBRAL, 2014, p.67)

O termo “escurecer” aparece nas estrofes como neologismo que se refere a explicitar pela perspectiva negra alguma questão, ao invés, esclarecer, “tornar claro”, a simbologia das cores presente na linguagem é subvertida. Algumas expressões como “a coisa da preta” e “dia de branco” são apresentadas denotando como a linguagem enquanto produto histórico e social contribui com a simbologia positiva do branco e a pejorativa em relação ao negro. O verso “Não fale comigo neste tom” presente na maioria das estrofes do poema permite compreender o termo “tom”

referente ao timbre de voz como também a perspectiva pautada na própria identidade racial, no caso, a perspectiva branca.

Não fala comigo neste tom
 Não adiante apelar para os seus jogos de poder
 Aprendi a ler as entrelinhas da falsa libertação do 13 de maio
 Encontrei em mim a chave que abre os caminhos da coragem

Nunca mais ouvirei esse seu tom
 Quando escurecer você vai se surpreender
 Vou ser mais feliz em algum quilombo lá fora
 Ninguém vai me segurar. (SOBRAL, 2014, p.67)

As relações de poder são apresentadas como algo que legitima os discursos brancocêntricos e também se elucida que o 13 de maio, data da abolição da escravatura, consiste em uma data enganosa e de uma “falsa libertação”, já que não possibilitou a consolidação da equidade e o fim da inferiorização dos indivíduos negros. Na última estrofe é enunciado que quando houver a descentralização dos esquemas de pensamento e percepção brancocêntricos será a possibilidade de felicidade do sujeito lírico como será algo que gerará surpresa.

O poema curto “Black Tie” a pele negra é representada como um traje luxuoso: “Completamente vestida de noite/ Despindo as máscaras pálidas do dia/ A fim de encontrar a pele negra da madrugada.” (SOBRAL, 2014, p.76). A metáfora “máscaras pálidas” pode ser compreendida como se referindo a branquitude, o “dia” pode ser compreendido como a vida social. A identidade negra é retratada como aquela que desconstrói as ideologias hegemônicas da branquitude que configura a vida social para que seja possível perceber a “pele negra” na sociedade.

No poema “Luz Negra” o tema é relacionamento. O corpo negro é representado como algo que provoca o desejo.

Na madrugada escura
 Sua pele negra
 Acendeu a luz do meu desejo

De lanterna em punho

Mergulhei na sua carne trêmula

E sentir o reflexo da claridade na minha alma. (SOBRAL, 2014, p.77)

Pode-se observar que neste poema os termos “luz”, “claridade” não são usadas como metáfora do branco como ocorre em outros poemas da obra. Entretanto é feita a associação destes termos ao corpo negro. A luz negra é a luz do próprio corpo negro que ao emitir claridade, brilho, que consegue alcançar a alma do sujeito lírico.

No poema “Com Gosto de Neve” a temática o amor e é apresentado o que se espera do relacionamento amoroso.

Quero um amor

Abaixo de zero

Com gosto de neve

E cheiro de café

Quero um amor carícia de um abraço

Sem direito à devolução

Desses que odeiam televisão

Um amor-amasso (SOBRAL,2014,p.101)

Na primeira estrofe a idealização do amor é feito através da sinestesia, o amor é descrito como algo que afeta os sentidos. Também ocorre a relação metonímica do sujeito amado com o sentimento de amor.

Quero um amor

Antídoto pra dor

Um amor que ocupe espaço

Que desconheça o cansaço

Quero um amor

Que dá alegria seja o fornecedor

Pra jogar flores ao mar

Pro tempo nunca mais passar (SOBRAL, 2014, p.101)

O verso “quero um amor” é recorrente, aparece em todas as estrofes, enfatizando o desejo. Na terceira estrofe o amor é apresentado como “antídoto pra dor” e na última estrofe o rito umbandista é apresentado como algo que será feito quando o sujeito lírico tiver o amor que espera. A temática do amor aparece em outros poemas da obra, também se referindo ao amor maternal como no poema “Amor de mãe e o princípio da eternidade” em que o sujeito lírico descreve a lembrança da mãe.

Minha mãe se chamava Marina
 Tinha uma visão além do alcance
 Enxergava as dimensões
 Do visível e do invisível
 Em seu coração enorme
 Que um dia partiu

Minha mãe Marina
 Sustentava-me com suas mãos enormes
 Deixou a dimensão dos vivos
 Enquanto eu ainda menina. (SOBRAL, 2014, p.87)

A mãe é descrita pelo sujeito lírico como uma mulher bondosa e de percepção muito aguçada da vida. A lembrança do falecimento genitora durante a infância do sujeito lírico aparece no fim da segunda estrofe, porém a espiritualidade se manifesta na última estrofe com a descrição de que a mãe está sempre presente.

Diante de outro ponto de vista
 Agora com a assessoria dos anjos e arcanjos
 Sempre enviados ao meu encontro
 Nos momentos cruciais
 Marina
 A mãe que eu conheci criança
 Agora está comigo onde quer que eu vá. (SOBRAL, 2014, p.87)

No primeiro verso da estrofe acima a perspectiva cristã é colocada como um “outro ponto de vista”, ou seja, é colocada como possibilidade e não como

referência. A perspectiva religiosa hegemônica é colocada como algo secundário, realizando um ato de transgressão ao representar o que é hegemônico como algo secundário.

No poema “Amor Libertador” a espiritualidade se manifesta no diálogo entre o sujeito lírico e seu “anjo negro protetor” e a mudança é colocada como a morte do que se era.

Meu anjo negro protetor
Aqui fala a sua pretinha
Quero que todos ouçam
Eu morri!

Quando encontrei você
Meu espelho estava distorcido
Lembra?
Minhas madeixas eram alisadas
E a minha alma branca
Ninguém havia apresentado aos meus olhos
A verdadeira beleza (SOBRAL, 2014, p.70)

O espelho como metáfora do imaginário cujos padrões de beleza seguem uma lógica de branqueamento e a “verdadeira beleza” pode ser compreendida como a própria beleza do sujeito lírico, beleza negra, no caso, a beleza das mulheres negras. Na terceira estrofe o renascimento significa o rompimento com os padrões estéticos dominantes e a metáfora da fênix mais uma vez é utilizada.

Renasci, qual fênix, carapinha trançada.
Dignidade em punho
De frente para o mundo

Hoje caminhos pelas ruas do nosso país
Cheios de orgulho negro
Colorindo esse nosso amor libertador
Nas paredes do mundo inteiro
Vivendo a nossa juventude

O poder de romper barreiras...

Tua coragem agora também é minha

Eu, Tua sacerdotisa negra

Livre! (SOBRAL, 2014, p. 70)

O empoderamento aparece nas últimas estrofes, o que pode ser percebido nos versos “Cheios de orgulho negro” e “O poder de romper barreiras” em que além de assumir a estética negra também adquiri uma consciência da identidade negra, resistindo também psicologicamente. No poema “Samba do amor” o tema é a separação, o fim do relacionamento doloroso é enfatizado no poema e na última estrofe a esperança de que há a possibilidade de ser reatada a relação.

Com lágrimas irei me consolar

Por isso não canso de chorar

Esperarei até o fim

Será que você vai voltar para mim? (SOBRAL, 2014, p.96)

Embora o samba, dança de origem africana, foi usado como metáfora das tentativas de se recuperação a relação, pouco é manifestado acerca da questão racial, pois o fim do amor é o tema central do poema. No poema “Amei” com palavras postas em sequência e que se iniciam com a vogal “a” ocorre um tipo de assonância, o poema também trata do fim do amor.

Amei

Antes

Agora

Agruras

Aliás

Agonizo

Ah

Amor

Ai! (SOBRAL, 2014, p.97)

O processo de dor após o fim do relacionamento pode ser percebido em todo poema em que a vogal inicial das palavras simboliza o gemido ou grito devido o sofrimento que o término causou. Outro poema que fala de amor é o poema “Tente me amar” em que o sujeito lírico feminino fornece motivos para que seja amado e no fim do poema através do verso “Tente me amar e consiga” (SOBRAL, 2014, p.100) observa-se o desejo de ser amado.

O poema “Útero da terra” há a personificação da terra enquanto mãe que acolhe a humanidade e o planeta. Na última estrofe a terra é colocada como a “Mãe das mães” que pare e ajuda parir.

Sou mãe grande
 Profunda
 Mãe das mães
 Sou mãe
 Sábia
 Parideira
 Mãe Parteira
 Que acolhe os frutos da humanidade
 Pra preservar a espécie. (SOBRAL, 2014, p.86)

Este é o único poema em que o sujeito lírico é fruto da personificação de um elemento natural e inanimado, a terra. Os poemas “O meu menino” e “Dom da multiplicação” tratam da questão da maternidade. No primeiro poema o sujeito lírico descreve a criação do filho sem a reprodução do sexismo.

O meu menino eu sempre tratei com cuidado
 Sem exageros nem privilégio de gênero
 Para resguardar no futuro homem a sua ternura
 A lágrima solta no olho sem vergonha
 A coragem de enfrentar as fraquezas na vida
 A capacidade somar forças (SOBRAL, 2014, p.91)

Na estrofe acima se pode observar a relação com discursos sobre a masculinidade que considera, por exemplo, que homens não choram ou que não podem ser frágeis. Nas últimas estrofes do poema outras características que o

sistema sexista define como sendo femininas são ensinadas ao “menino”, o sujeito lírico expressa que criou o filho para tudo.

O meu menino eu criei para tudo
 Da boneca aos carrinhos
 Da faxina ao expediente bancário
 Da cozinha ao sonho
 Mãos firmes para construir realidades
 Ouvidos sensíveis para apreciar a música

O meu menino eu coloquei diante da vida
 Olhos no futuro
 Pés no chão (SOBRAL, 2014, p.91)

A partir da subversão dos padrões de feminilidade e masculinidade a criação do filho é descrita. No final do poema é possível entender que o sujeito lírico ao educar o filho pensando a equidade de gênero a mesma seria algo futuro, subentendo as mazelas do presente diante disto. Outro poema, “Dom de multiplicação”, pode ser interpretado pela questão de gênero, principalmente sobre a noção da mulher enquanto reprodutora e mãe.

Uma mulher renasce a cada gestação
 De ideias
 Projetos
 Filhos
 Ou não?

Uma mulher deve ser feliz com sua decisão
 A alimentar seus sonhos com novos voos. (SOBRAL, 2014, p.93)

No poema o termo “gestação” é usado metaforicamente, tratando além do da maternidade ou da reprodução, apresentando o desenvolvimento da mulher no campo intelectual e profissional. Também a liberdade é apresentada como referente a possibilidade de não querer ter filhos, ideias ou projetos, sendo reconhecido o seu direito de decidir por si só o que promove sua realização.

As temáticas na obra “Só por hoje vou deixar meu cabelo” (2014) são política nacional, padrões estéticos, relacionamento amoroso, maternidade, racismo, relações de raciais e de gênero. Na maioria dos poemas a questão racial é apresentada no texto, mesmo que o poema vise debater o amor, a cor da pele negra se apresenta ou a simbologia das cores é contestada.

3.2 Ana Elisa Ribeiro: Entre “Cacos”, “estilhaços” há o “Anzol”.

A escritora mineira Ana Elisa Ribeiro publicou a sua primeira obra literária em 1997 intitulada *Poesinha*, livro de poemas. Também publicou as obras: *Perversa* (2002), *Fresta por onde olhar* (2008) e *Anzol de Pescar Infernos* (2013) do mesmo gênero literário que a obra inicial. Compõem o conjunto de obras da autora até o momento, além das obras já citadas, o livro infantil *Sua Mãe* (2011) e os livros de crônicas *Chicletes, Lambidinha e outras crônicas* (2011) e *Meus segredos com Capitu* (2012). Embora seja vasta a produção literária de Ribeiro poucos são os estudos que as abordem.

A partir das vivências representadas no texto literário, este capítulo visa analisar como se dá a representação do feminino na obra *Anzol de Pescar Infernos* (2013). Durante a análise dos poemas busca-se identificar quais são estes “infernos” que o título da obra se remete. De acordo com o Dicionário de sinônimos²¹ o termo “inferno” tem como sinônimos “abismo”, “profundo”, “martírio”, “desordem” e “sofrimento”. No primeiro poema, sem título em destaque, mas que a frase inicial do poema ocupa esta função no sumário da obra é “Aqui começam meus pés”, o poema é corporificado e ocorre a aproximação com o corpo da enunciadora. De modo não convencional, se inicia a descrição do “corpo” pelos pés, sendo que o esperado seria a descrição do rosto. O segundo verso do poema é “Estes dedos são arremedos” (RIBEIRO, 2013, p.15) apontando ao leitor que se trata de “dedos ficcionais”, indicando a metáfora corpo-poema.

²¹ Dicionário de sinônimos. Disponível em <https://www.sinonimos.com.br/inferno/> Acesso em 10 out.2017.

Aqui começam os meus pés

Estes dedos são arremedo.

Começa pelos calcanhares

Subirá até os joelhos –

roliços , mas quebradiços-

e de lá avistarás

um segredo profundo,

que contei para todo mundo. (RIBEIRO, 2013, p.15)

Há também um teor metalinguístico, isto é, o texto falando sobre si e também há a voz poética informando que corresponde a uma “imitação” o que será lido, permitindo lembrar a noção de mimesis em que a arte é uma forma de representação da realidade elaborada pela interferência da subjetividade de quem escreve (LIMA, 1980). No fim do poema observa o paradoxo “um segredo profundo que contei para todo mundo” (RIBEIRO, 2013, p.15), ao leitor fica a sugestão do que poderia ser este segredo: uma parte presente no corpo de quem enuncia.

Na apresentação da obra *Anzol de pescar infernos (2013)* a autora expõem sobre o seu processo de produção literária.

Não há grandes épicos, nem lutas sagazes; há dias simples de poesia quase escondida entre um café e outro, coisa fácil. Bom, mas eu levo 5 anos juntando esses cacos, estilhaços e peças de quebra – cabeça. Um dia eles viram livro, é o que quase todo escritor almeja. (Se bem que há uma outra parcela de gente que pensa: ‘um dia viram filme’. A maior parcela faz virar pó.(RIBEIRO,2013,p.11)

Neste trecho a autora refere-se aos seus poemas como “cacos”, “estilhaços” e “peças de quebra-cabeça” aludindo à ideia de “fragmentos”, que pode se referir às suas percepções acerca da realidade a qual vivencia. Também expressa sobre o que o autor espera ou faz com um livro, “filme” ou “pó”, sendo que o último termo pode remeter também a noção de irrelevância, o poema é colocado como uma espécie de resíduo. Ainda na apresentação da obra, também surge a metáfora do livro enquanto “anzol”, este que é segundo a autora produto de sua “pescaria” durante cinco anos, entretanto nesta parte do livro não se explica o que são os “infernos”.

No segundo poema, o título aparece demarcado “É um corpo, mas poderia ser um poema” (RIBEIRO, 2013, p.16), apresentando novamente a metalinguagem e há a recusa do texto como um poema e a afirmação dele enquanto corpo. Já a descrição corporal inicia-se de modo convencional, contrário ao primeiro poema, a cabeça é apresentada sem muito detalhes e um percurso rápido é feito pelo corpo, uma visão panorâmica do corpo, a partir da descrição que o poema oferece. As estrofes são formadas com quantidades diferentes de versos, sendo a primeira de um verso apenas, estruturalmente consegue-se perceber a projeção de um corpo, ao se descrever “os pés” são usados dois versos.

No terceiro poema, composto por três estrofes, o título vem embutido com o corpo do poema, assim como foi no primeiro:

Eu não tenho a alma de um corrimão

Eu sou mais do elo, da liga e do laço.

Respeito para mim é coisa fina

Assim como o abraço (RIBEIRO, 2013, p.17)

O primeiro verso permite lembrar do termo “mulher-corrimão”, gíria, que se refere a mulher que “todo mundo pega ou passa mão”, isto é, refere-se a ideia de “mulher fácil”, no poema ocorre um contra discurso acerca da objetificação da mulher que a coloca enquanto um corpo desprovido de alma . Na segunda estrofe é apresentado “Mais do que as transas e os beijos/ as mãos dadas me parecem mas sinceras” (RIBEIRO,2013.p.17), onde o relacionamento amoroso é considerado como sendo muito mais do que um ato sexual. E no fim do poema os seguintes versos são apresentados: “Tão ruins quanto as promessas são as esperas” (op.cit, p.17), ainda se referindo a questão de relação amorosa.

Na obra a presença constante do pronome pessoal “eu” possibilita considerá-la enquanto uma escrita de si. No livro *Escritas de si, escritas do Outro* (2012) a pesquisadora Diana Klinger expressa que:

A escrita como exercício pessoal, associada ao exercício de pensamento sobre si mesmo, constitui uma etapa essencial no processo para qual tende toda a askêsis: a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. De maneira que a escrita opera a transformação da verdade em ethos. (KINGLER, 2012, p.23)

Ao refletir esta escrita também se começa a pensar a categoria “Eu-lírico” que por muito tempo foi concebida como um “ser” que enuncia dentro do texto e que difere da/do escritora/ escritor enquanto sujeito social. Entretanto, na literatura contemporânea, o eu-lírico vem sendo compreendido como referente ao autor em muitas produções literárias. Em termos de discurso, o literário, embora tenha como característica a questão ficcional, não pode ser visto como um espaço discursivo neutro, através dele é possível ocorrer investimentos ideológicos, pois toda representação envolve a visão de mundo do autor que é repleta de crenças e valores adquiridos e internalizados pelas interações sociais.

Nos poemas já citados, o corpo é representado sem cor e o cabelo é um elemento que não é descrito na obra da autora mineira, diferente do que ocorre na obra de Cristiane Sobral em que o corpo é provido de pele cuja cor é negra e o cabelo crespo é tema dos poemas. Ao se pensar a relação literatura e sociedade sendo a ponte dessa dialética o simbólico, pode-se constatar que a racialização que permeia as relações sociais no Brasil pode ser percebida nos textos literários.

Em “Quem disse que eu pareço zangada” a estrutural textual não possui demarcação entre título e corpo do poema como ocorre em outros poemas da obra. A temática desse poema envolve a experiência da infância

Quem disse que eu pareço zangada

É por que não sofreu com histórias de bruxas

Falta infância aos que não sorriem direito

Falta tato, tino e tanto.

Minhas rugas são de mágoa

que não regenera

(feito raiva,

que rasga, talha e enerva,

mas não deixa gosto de “quem me dera”)

(RIBEIRO, 2013, p.18)

No fim do poema os sentimentos de raiva e mágoa são apresentados como algo que afetam o corpo: “Minhas rugas são de mágoas/que não regenera”. A raiva é

representada como um processo que “rasga, talha e enerva”, isto é, como capaz de moldar e modificar o sujeito que a sente.

Em outro poema, “Se eu fosse apenas cérebro”, pode-se observar a reflexão acerca da mulher enquanto ser pensante, o sujeito feminino se apresenta enquanto corpo e alma e demonstra que por ser assim recebe rejeição.

Se eu fosse apenas cérebro

eu seria máquina,

traste.

E onde iam me descartar? (RIBEIRO, 2013, p.19)

A objetificação da mulher é tema central do poema. O sexismo presente na sociedade brasileira desconsidera as capacidades intelectuais das mulheres. O sujeito lírico feminino expressa que independente do que seja o fato de ser mulher faz com que seja tratada como inferior.

Sendo corpo e alma

(mais mente)

me descarta

ainda mais.

E onde vão me guardar? (RIBEIRO, 2013, p.19)

No final do poema o discurso literário exprime o fato de quando o sujeito feminino é muito além do que a sociedade estabelece não deixa de ser alvo do processo social de inferiorização, sendo “mente”, “corpo” e “alma”, rompendo com a concepção sexista e machista que coloca as mulheres como meramente “corpo”. O poema demonstra também a incapacidade, dos homens e da sociedade em geral, de lidar com este perfil de mulher que não é determinado pela ordem falocêntrica.

A maioria dos poemas do livro *Anzol de pescar infernos (2013)* trata de relacionamentos amorosos. Em “Namorei atrás de arbustos” (RIBEIRO, 2013, p.21) é apresentado de modo memorialístico a questão dos namoros da juventude, o que pode ser percebido nos versos seguintes: “Quando eu era/ pouca mulher/ e muita menina” (op.cit, p.21). Em outro poema, “O irmão do velho da Taberna” o tema é o

amor que é denominado no poema como “coisa tosca e desafinada”, apresentando uma definição desromantizada do amor.

Oh, sim
 Vamos falar de amor,
 Essa coisa tosca e desafina
 Que quase nos retira
 da convivência dos amigos,
 dos pares
 e, mais importante
 dos bares (RIBEIRO, 2013, p.23)

Nestes versos se observa a representação do feminino a partir da subversão dos padrões de feminilidade impostos por uma sociedade sexista e patriarcal. No fim da estrofe, o espaço do “Bar”, ambiente considerado exclusivamente masculino, é apresentado como um espaço também ocupado pela mulher. Na segunda estrofe pode se observar os seguintes versos:

Calem-se por segundos
 e enrubesçam
 ao se lembrarem
 daquelas meninas,
 daquelas felinas,
 daquelas vaginas,
 das messalinas. (RIBEIRO, 2013, p.23)

O uso do verbo em terceira pessoa do plural possibilita a indeterminação do sujeito, o ato de se calar é solicitado sem ser apresentado diretamente a quem é dirigida a solicitação, entretanto pode-se constatar que seja referente aos homens. Os termos “Meninas”, “Felinas”, “vaginas” e “messalinas” são léxicos que se referem ao feminino, o termo “daquelas” promove a ideia de uma referência prévia do que se trata. O título possibilita lembrar a obra *Noite da Taverna (1855)* do escritor romântico Álvares de Azevedo em que os jovens personagens em uma noite de bebedeira falam sobre mulheres enquanto objetos dos desejos masculinos. O

poema de Ana Elisa Ribeiro pode ser visto pelo viés da intertextualidade, a qual a autora expressa na página final da obra que o referido poema foi inspirado em um poema cujo título não é apresentado do escritor Ronaldo Bressane, também se pode considerar que ocorre a interdiscursividade, relação entre discursos existentes na sociedade.

Um discurso traz, em sua constituição, outros discursos, é tecido por eles, seja pelos já ditos, em um dado lugar e momento histórico, seja por aqueles a serem ainda produzidos. Isso significa que não há discurso homogêneo, fechado em si mesmo e dotado de uma fonte única do dizer. Ao falarmos, nossos dizeres são atravessados por outras vozes, por outras fontes enunciativas. (SILVA, 2017).²²

A última estrofe expressa a ambiguidade do amor, “esse quase tudo/ esse quase nada” (RIBEIRO, 2013,p.24). A ideia apresentada na primeira estrofe é retomada, a questão do amor como “coisa tosca”. Entretanto, é possível considerar a presença da ironia, depois de pedir para que se “calem”, o sujeito lírico pede para que “bebam mais um gole/ imensa talagada”. Os verbos na segunda estrofe e na última aparecem também em modo imperativo, sendo que na primeira situação, o verbo “calem-se” permite ser compreendido diferentemente da segunda situação em que o verbo “bebam” expressa ironia.

No poema “Mulher que grita quando goza” o tema é o comportamento de mulheres durante o sexo, sobre isto a autora manifesta , “Só finge mais alto que as outras mulheres” (RIBEIRO, 2013, p.30), também de forma irônica traz a questão da satisfação sexual da mulher. Durante séculos o prazer feminino foi reprimido e o ato sexual considerado apenas para reprodução, com advento da revolução sexual da década de 1960 ocorreu mudanças de condutas sexuais e houve a popularização de anticoncepcionais.

Em “bom falar com você” o poema apresenta a exigência feminina de que o relacionamento também envolva o contato corporal:

²² SILVA, Jane Quintiliano G. Verbetes interdiscursividade. Glossário Ceale. Acesso em <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/interdiscursividade>>10. Nov. 2017

pôr fogo na roupa
 imitar gracejos
 fazer versos
 comer pão de queijo

mas nem um beijo? (RIBEIRO, 2013, p. 32)

A perspectiva feminina das relações amorosas é apresentada na obra em consonância com as concepções que moveram, e ainda movem as lutas feministas realizadas ao longo da história. Entretanto, neste trabalho não será considerada a escrita de Ana Elisa Ribeiro como sendo uma escrita feminista, o texto literário da autora estabelece interdiscursividade com o discurso feminista, especificamente com o discurso feminista branco, contudo, a representação literária se configura com criticidade em relação a este discurso.

O poema “O cão” apresenta o interlocutor masculino demarcado no texto e se percebe um tom de ironia sobre a conduta do mesmo:

Por onde anda aquela sua lima
 de alisar meninas?
 Tens mesmo um bico doce, querido.
 Delicinhas te acompanham nos eventos
 e pagas as contas dos restaurantes.
 Pois agora vamos ver quem é mais Cão.
 (RIBEIRO, 2013, p.36)

A ideia de vingança em relação a conduta masculina é manifestada no último verso. O uso do diminutivo ajuda a compor a ironia do poema, o termo “Delicinhas” pode ser considerado como uma referência a mulheres mais jovens. Outro poema, “Paquerinha”, o diminutivo é usado como título.

Ele piscava para todas as meninas
 Eu só piscava para ele.
 Nem todas as meninas correspondiam
 Mas algumas iam piscar na cama dele
 Até que eu resolvi acabar com a festa

E dei para ele um anzol de pescar infernos (RIBEIRO, 2013, p.37)

Neste poema há a menção ao título da obra em que está inserido o poema, ocorre um tipo de intratextualidade, na qual o texto estabelece diálogo com o conjunto, a obra. Desse modo é possível compreender como funcionalidade deste discurso literário uma provocação ao masculino. No processo enunciativo da obra em estudo observa-se a predominância de um direcionamento discursivo a figura masculina ao tratar de assuntos que envolvem relacionamentos heterossexuais a partir da perspectiva feminina.

A religiosidade também se manifesta na obra, neste poema que fala sobre lemanjá, orixá, entidade cultuada na umbanda e no candomblé.

lemanjá, minha musa.

Você me deu a vida de volta.

Era só aragem,

Nem precisava este furacão (RIBEIRO, 2013, p.38).

Este poema é o único que manifesta uma fé através do agradecimento pelo fato de lemanjá ter proporcionado uma mudança de vida. Outra temática que também aparece apenas uma vez é a idade. No poema “Estão me chamando de senhora” (RIBEIRO, 2013, p.68) refere-se ao modo como o sujeito lírico é percebido socialmente e também como reage a isto ao aceitar o envelhecimento: “E não faço esforço, não coloro, não descoloro, não escondo, não camufla, não distorço” (op.cit, p.68). Há uma aceitação de si e a recusa de disfarçar o que ocorre naturalmente em seu corpo no decorrer dos anos, ação contrária aos paradigmas sociais que promove a ideia de que o belo é a ocultação do processo natural de envelhecimento do corpo.

O poema “Afinal” expressa o fim do relacionamento.

Afinal,

sobrou-me uma casa com livros

Além disso, relva, vidros

E um cachorro de patas curtas.

Restou-me também um filho

mas isso já é luxo (RIBEIRO,2013,p.39)

A maternidade é vista como algo valioso, mais do que “casa com livros” ou “um cachorro de patas curtas”. Embora, o poema permita ser lido em tom de tristeza, o verbo “sobrou” deixa subentendido que ocorreu perdas, entretanto há no enunciado a valorização do que ficou, restou.

No poema “Embaixador 531” observa-se a construção metafórica de “beijos” como “iscas de pescar segredos” (RIBEIRO, 2013, p.41), a temática do poema também é o relacionamento. Na obra há a predominância de poemas que tratem acerca do relacionamento amoroso/sexual, através tanto da representação dos conflitos como da reciprocidade ou da harmonia. Em outro poema “Luto” o desejo de ter um amor é apresentado através da melancolia e da esperança, a primeira refere-se ao “instante” e à segunda a convicção de um futuro em que estará mais aberta para o amor: “eu vou querer um amor um dia” (RIBEIRO,2013,p.44). A noção de luto se apresenta latente na última estrofe do poema

Mas este instante

-minha chance-

é de expurgar as miudezas (RIBEIRO,2013,p.44)

O “instante” pode ser visto aqui como a própria construção poética, lembrando-se do título da obra, compreendo o anzol enquanto uma metáfora da obra, a escrita como possibilidade de “expurgar” envolvendo reflexão e desabafo. Em “Sem saída” é apresentada a impossibilidade de não se pensar na pessoa amada: Dias bonitos me lembram você/ dias feios me lembram/ que você gosta de dias bonitos (RIBEIRO,2013,p.45). No poema “Fico em pé” ocorre a referência ao desejo de se aproximar da pessoa amada através de um objeto que lhe pertença, no caso, uma guitarra. As nuances do relacionamento são representadas na obra: o amor e a decepção amorosa, a separação e um novo relacionamento, a lembrança de antigos relacionamentos, por exemplo. É possível compreender os “infernos” como sendo as reflexões acerca da experiência do sujeito feminino diante da recordação dos relacionamentos amorosos que teve.

No poema “Se eu chego antes” trata da iniciativa no começo de uma relação, o sujeito feminino exercendo uma postura ativa para a possível conquista amorosa:

Se eu chego antes.

Te pego com respeito demais;

Se eu chego atrasada;

te pego casado e pai;

Então eu chego agora,

pra ver se é boa hora (RIBEIRO,2013,p.49)

As concepções sexistas consideram esta postura ativa na investida amorosa como um comportamento não ideal às mulheres, a escritora realiza a representação literária da mulher que rompe com estas concepções. A desilusão amorosa quando é representada indica uma superação como é o caso dos poemas “Paquerinha”, “Luto” e “Conclusão de traída”.

Nos poemas “É o diabo, disse-me ele”, “Acordar você” e “Eu abro o portão” se observa o erotismo. No segundo poema ocorre através da brecha enunciativa para o subentendido que o ato de acordar o parceiro com “dois beijos leves/suaves/ no pescoço” (RIBEIRO, 2013, p.60) correspondia ao desejo inicial do sujeito lírico, entretanto no fim do poema o verbo “rendeu” expressa uma transitividade verbal que não é preenchida no nível da forma, mas que é sugerida no nível do conteúdo, deixando subentendido a ação.

Em “Eu abro o portão” a ambiguidade se manifesta na construção do erotismo:

Eu abro o portão

Abro a grade

Abro a porta

Abro a boca

E ele entra

Mais tarde

Entra de novo

Mais tarde
entra mais

E eu não gosto quando ele sai (RIBEIRO, 2013, p.60)

Os verbos “entrar” e “sai” são os elementos textuais que estabelecem a ambiguidade, no jogo de sentido entre a abertura de uma casa e a disposição do sujeito lírico ao ato sexual. No último verso “E eu não gosto quando ele sai” (RIBEIRO, 2013, p.56) a ambiguidade expressa o prazer pela presença do homem no mesmo ambiente como também no contato corporal com o sujeito lírico.

No poema “Só porque eu já tinha desistido” há a presença da intertextualidade em que é feita a referência ao primeiro livro da escritora, *Poesinha* (1997). Na primeira estrofe do poema é expresso que

Só porque eu já havia desistido

me aparece-

sem alarde-

um amor de olho verde. (RIBEIRO, 2013, p.55)

O sujeito amado é caracterizado como “um amor de olho verde”, sendo no decorrer da obra a única característica que se manifesta da pessoa amada, ou por quem se nutre algum desejo, são os olhos verdes. Embora haja o uso do corpo como metáfora do poema, a questão da pele não é manifestada, o que provoca a reflexão do por que na poesia produzida por escritores brancos e escritoras brancas não se ver manifestado esta característica mesmo quando o poema recebe a metáfora do próprio corpo de quem o escreve? O texto literário apresenta marcas enunciativas que expressam ideologias e crenças, através dele pode se observar as “tendências ideológicas” do contexto social em que o autor ou autora estão inseridos, não como um espelho, mas enquanto um prisma de perspectivas motivadas pelo modo como os sujeitos interagem socialmente.

No poema “Minha paz, meu segredo” o sujeito lírico declara seu amor e novamente os “olhos verdes” são apresentados como uma característica do sujeito amado.

Minha paz, meu segredo,

Antes que você feche a porta atrás de si
 Tocarei seu cabelo [gris]
 pra dizer que não posso mais
 ser sem você.

Minha vida anda lá
 Dentro desses olhos verdes
 que você também habita (RIBEIRO,2013,p.57)

Dentre as declarações de amor que aparecem em outros poemas da obra, o poema acima é mais intenso, o sujeito lírico demonstra que sua existência e vida são dependentes do que nutre pelo sujeito amado, o amor corresponde a uma entrega ao outro. Os olhos comumente são conhecidos como as janelas da alma, no poema são nos olhos, “olhos verdes”, do sujeito amado onde se ocorre o encontro da alma do sujeito lírico com o homem que ama.

No poema “Temperatura e meu eixo”, à mulher é dada a metáfora de território a ser demarcado.

Temperatura e meu eixo

na medida do seu beijo
 boca, cova, queixo
 gosto, mão, cheiro
 nas curvas, nos trechos

do que você precisa
 para fazer a marcação
 desta mulher de terra? (RIBEIRO,2013,p.58)

Neste poema observa-se uma postura submissa do sujeito lírico como forma de construção do erotismo, consistindo o único momento na obra em que isto ocorre. Entretanto, esta submissão pode ser vista como uma escolha se diferenciando da submissão coercitiva estipulada pelo sexismo.

O poema “Eu quero saber é do doce” (RIBEIRO, 2013, p.61) o sujeito lírico feminino classifica como “mel de engenho” o sujeito amado. Em “Eu quero encontrar

alguém” (op.cit, p.63) ocorre a idealização do sujeito que se quer amar “que não me chore, não me doa/ não destrata, não corra” (op.cit, p.63), mas no final do poema é manifestada a incerteza “O que é isso, então/que eu quero porra?” (op.cit, p.63).Nestes últimos versos pode perceber a característica incomum da escrita feminina que é o uso de palavra considerada de baixo calão, algo considerado inapropriado ao feminino pela lógica sexista da sociedade.

Os espaços turísticos também são temáticas de alguns poemas como “Estarei nas cidades” (RIBEIRO, 2013, p.31) que trata do entusiasmo em realizar uma viagem cuja rota é Buenos Aires, Porto Alegre e São Paulo e o poema “Serra do Rola Moça”, onde a paisagem linda é considerada como algo que possibilita a escrita criativa:

Serra do Rola Moça. Coisa inda, Dia de Sol. Crina
[da serra. E eu lá
Minhas impressões seriam poemas, não fossem tão rasgadas.

Como podem alguém viver sem escrever? (RIBEIRO, 2013, p.64)

A escrita é colocada como algo essencial a vida, entretanto é possível observar que o sujeito lírico ao expressar que as impressões que tem poderiam ser poemas caso não estivessem fragmentadas, “rasgadas”, pode ser visto como um bloqueio de escrita, em que por mais que se tenha o que dizer há a incapacidade de transpor as ideias no papel.

No poema “Esta cidade não me aguenta” (RIBEIRO, 2013, p.20) o sujeito lírico se encontra em crise consigo mesmo e com tudo ao redor, o desconforto atinge mais de uma esfera da vida, a melancolia também pode ser percebida no poema.

Esta cidade não me aguenta

como este corpo
não me sustenta;
como esta carne
não me contenta
como meu verso
não me apascenta,
como porrada
não me arrebenta

como minha mãe meu pai
 meus irmãos meus amigos
 todo mundo me lamenta. (RIBEIRO, 2013, p.20)

Na estrutura textual o encadeamento frasal possibilita uma interdependência entre as situações expressas no poema. Os verbos “aguenta”, “sustenta”, “contenta”, “apascenta”, “arrebenta” e “lamenta” além de fornecer ritmo ao poema, semanticamente fornece a sensação de que o sujeito lírico encontra-se em crise, sentimento de deslocamento e de não pertencimento.

No poema “Escrevo pouco texto” (RIBEIRO, 2013, p.22) observa-se a metalinguagem e também a definição do que é ser poeta: “Sou poeta/ só pego no tranco” (op.cit, p.22). Há a desmitificação do trabalho literário, o título da obra também possibilita este entendimento, o ato de criação literária é colocada como algo que surge através de alguma motivação, a “pescaria” seria o momento de escrita, o “anzol” pode ser visto como o instrumento de escrita (lápiz, a caneta ou teclado do computador) ou o próprio ato de escrever e os “infernos” talvez seja a própria poesia ou aquilo que origina.

Nos poemas “Eu faço as vezes de Penélope” e “Penélope revisited” pode-se observar a intertextualidade com a Odisseia de Homero, na qual Penélope, a esposa do protagonista, aguarda o retorno do marido por 20 anos, diante da dúvida se Odisseu estava vivo, surgem os pretendentes, exigindo que a mulher escolhesse um novo marido, para ganhar tempo, a mesma justificou que só poderia fazer a escolha após terminar de tecer uma mortalha para o sogro, durante o dia tecia e a noite desmanchava, assim adiava a decisão. No primeiro poema, a figura de Penélope aparece associada ao de uma aranha, a viúva negra, cuja história é de que após o acasalamento mata e devora o macho:

Eu faço as vezes de Penélope

quando vejo o adiantado da hora
 e ele não chegou para dormir
 e não se enredou no meu fio de tecedeira
 aracnídea, que come depois mata (RIBEIRO,2013,p.25)

No poema acima “Penélope” surge como metáfora da espera, o sujeito lírico se coloca como quem espera e o termo “come”, enquanto conotação sexual, normalmente compõe o vocabulário masculino. A paródia que se faz da ação como aracnídea promove certo humor ao poema. No segundo poema, “Penélope Revisited” a espera agora é de dois sujeitos, representado pelos termos “ele” e “você”:

Esta espera tinha tons de vermelho fosco
 E durante as noites as lágrimas vertidas,
 Escondi muitos bilhetes na memória,
 Mas amanhecia e ele não passava

Mas amanhecia e você não passava.
 E eu puxava fios cada vez mais longínquos
 deste desenredo (RIBEIRO,2013,p.26)

A expressão “esta espera tinha tons de vermelho fosco” (RIBEIRO, 2013, p.26) pode ser compreendida como metáfora da sensualidade. Penélope é uma personagem da mitologia grega marcada pela integridade e fidelidade ao esposo, no poema acima ocorre uma reversão e choque de perfis femininos, o de Penélope e o do sujeito lírico, além da espera envolver duas pessoas, o desfecho no final do poema corresponde a uma dúvida de quem chegará primeiro ou se chegarão juntos. E no verso “E eu puxava fios cada vez mais longínquos deste desenredo” (RIBEIRO, 2013, p.26) ocorre o contrário do que ocorre em a Odisseia, isto é, não se anseia o desfecho da espera.

O poema “corrupção” a temática é a relação de gênero dentro do espaço familiar.

O pai punha a mesa
 a mãe tirava

O pai fazia a cama
 a mãe atrapalhava

O pai acendia a chama

a mãe soprava

um dia,

o pai passou a amar

apenas o filho (RIBEIRO,2013,p.33)

A relação apresentada no poema é uma inversão do que ocorre comumente na realidade social, na primeira estrofe, a noção que se passa é de igualdade na realização de uma tarefa no ambiente doméstico, a partir da segunda estrofe o tom de conflito se manifesta entre a figura paterna e materna, homem e mulher, e no fim o rompimento, mesmo que expresso indiretamente, entre ambos.

No poema “Queira Deus que eu não veja o pai” (RIBEIRO, 2013, p.40) a temática é o desejo do sujeito lírico feminino de que o filho não se pareça com o pai no que tange o modo objetificado como que o mesmo trata as mulheres. Em “Desde que eu engravidei” há a reflexão acerca da maternidade que é apresentada também de forma desromantizada:

Desde que eu engravidei

Venho planejando não ter mais filhos

Porque filhos dão trabalho e são caros

Porque filhos são herdeiros de quê?

Porque filhos são uma sina e uma saga

(não diria uma praga).

Porque filhos nos roubam a alma

Que vai junto com elas às baladas,

aos cinemas e às namoradas

Então eu achei – ingênuas!-

que podia viver só comigo

que era menos perigo. (RIBEIRO, 2013, p.51)

No poema a experiência da maternidade envolve receios e preocupações, nenhuma dádiva e paradoxalmente também é considerada como nenhuma maldição. A última estrofe pode ser vista como a lembrança de um pensamento anterior a gravidez, a ausência de interesse do sujeito lírico em ser mãe.

Em “Foram pingados umas estrelas no céu preto” (RIBEIRO, 2013, p.35) aborda sobre o declínio da relação amorosa que é expresso com mais ênfase nos versos “Uns desassossegos, entreveros/ você, o abismo e eu” (op.cit,p.35). E no poema “Não sou só carne e osso” o sujeito lírico se descreve de modo inesperado e recusando a padronização acerca do feminino:

Não sou só carne e osso

Sou miséria e pescoço

Sou pane e aorta

Sou alma patrocinada pelo fígado,

Inspiração e mazela [...] (RIBEIRO, 2013, p.34)

A expressão “carne e osso” refere-se à presença física, o que é visto, entretanto a partir do segundo verso se percebe o jogo entre o visível e o invisível, o superficial e o interno, em que palavras ditas como abstratas como “miséria”, “pane”(no sentido de falha) ,“alma” e “inspiração aparecem enquanto complementares de palavras que representam o corpóreo como “pescoço”, “aorta”²³, “fígado” e “mazela”. Ainda percebe-se que a interdiscursividade ocorre na parte final do poema.

Estômago e intestino

Cabeça e ombros em desalinho

Por que meu lado forte é migratório

O lado fraco gosta de se esconder

Mas é ele que me impressiona.

Fosse eu só carne e osso

Teria feito você me comer

E morrer engasgado. (RIBEIRO, 2013, p.34)

²³ Segundo a médica Marcela da Cunha Sales a “aorta, a maior artéria do organismo, conduz todo o sangue bombeado pelo coração para as demais artérias”. Definição Disponível em <<http://doutorcoracao.com.br>> Acesso em 12 nov.2017.

O discurso de fragilidade sobre a mulher recebe no poema um contra discurso: “Porque meu lado forte é migratório/ O lado fraco gosta de se esconder” (RIBEIRO, 2013, p.34). O sujeito lírico apresenta que é composto por um lado fraco e um lado forte que não são fáceis de serem definidos. Também se pode observar o contra discurso em relação ao discurso que estipula como deveria ser a postura corporal da mulher: “Cabeça e ombros em desalinho” (op.cit, p.34). A representação do feminino na obra rompe com os paradigmas sociais acerca do que seria o feminino, confronta os esquemas mentais acerca da questão feminina que estão presentes no imaginário social.

No discurso literário da obra em estudo pode observar a presença das figuras masculinas, companheiros amorosos e a figura paterna. No poema “Papai nunca me mandou” (RIBEIRO, 2013, p.27) trata-se da memória acerca da infância e do modo como foi realizada a criação em que o pai não exercia o controle nas escolhas da filha. Há também os poemas cuja temática é a vida, a existência, com suas decepções, alegrias e desejos. O poema “Não cozinho mais nada em fogo brando” expressa a mudança de conduta do sujeito lírico no intuito de provocar uma reação no outro.

Não cozinho mais nada em fogo brando

Encorajo o destempero e a sede insuportável.

Exagero nos picantes

Misturo água e óleo,

Explodo meu laboratório,

Só pra ver você na danação da torradeira. (RIBEIRO, 2013, p.42)

A metáfora do texto poético é construída a partir de elementos do universo da cozinha e do próprio ato de cozinhar, atividade doméstica comumente associada à figura feminina. A partir da utilização de palavras que remetem a atividade culinária é representado o preparo da subjetividade do sujeito lírico que consiste em experimentar diferentes coisas que talvez a combinação não dê certo, o que pode ser observado pela metáfora de laboratório que corresponde ao corpo.

O poema “Eu me arrependo de todos os dias” (RIBEIRO, 2013, p.43) o tema é o arrependimento. O passado e o presente, “Os antes e os durante”, são os motivos de desgosto, no fim do poema há a esperança de dias melhores

manifestado nos versos: “Só não me arrependo dos depois/ porque são eles que prometem/ qualquer alívio” (op. cit, p.43). Em outro poema, sem título, a metáfora da luta é usada para representar o fim relação amorosa.

Meu pulso ameaçado

Pelo seu olhar

Blindado

Escápula de quem soca –

Pela fresta da boca-

um não. (RIBEIRO, 2013, p.53)

Através do uso das palavras “ameaçado”, “soca”, “blindado” o poema pode ser considerada como a representação do fim doloroso da relação amorosa que para o sujeito lírico feminino se assemelha a uma espécie de violência. A utilização de “metáforas físicas” para representar sentimentos é feita em outros poemas da obra *Anzol de pescar infernos (2013)*, o que permite ser comparado com o verso de Camões acerca do amor, “é fogo que arde sem se ver”, isto é, algo que é sentido, abstrato, mas que provoca sensações concretas.

Os poemas A tree I e A tree II o tema é a lembrança do sujeito lírico de uma árvore que plantou com a ajuda do pai. No primeiro poema, a lembrança é motivada por uma quebra do galho da árvore que fez com que o sujeito lírico se lembrasse de que ao soterrar a muda da planta alguns pedidos foram feitos, entretanto não se lembrava quais foram e no final do poema expressa que “E sei que eles se perderam enterrados com aquelas raízes (RIBEIRO, 2013,p.28). No segundo poema, a árvore é lembrada como lugar onde sapatos estragaram devido as raízes expostas e que foi o lugar que o sujeito lírico chorava os fins de namoro: “Chorei uns fins de namoro recostada em seu tronco, junto com os sacos de lixo”(RIBEIRO,2013,p.29). A árvore exerce um papel simbólico de confidente e esconderijo.

Há poemas em que a temática são livros e música. Em “meu repertório é modesto” (RIBEIRO, 2013, p.47) o sujeito lírico apresenta que a música apenas aumenta a sua tristeza. Em “Todos os livros das minhas estantes” são atribuídas sensações humanas a objetos:

Todos os livros das minhas estantes

Estão com medo de que eu os devore

E eu finjo um amor sereno

De que eu não sou capaz (RIBEIRO, 2013, p.52)

Os livros são representados como capazes de sentir. E o sujeito lírico feminino é como quem provoca o medo dos livros de serem devorados, entretanto de forma dissimulada ocorre o fingimento do “amor sereno” de não ser capaz de cometer o ato de devorar. Em “O pão com castanha tritura” (RIBEIRO, 2013, p.67) se apresenta o que causa alegria ao sujeito lírico: livros, cheiro de canela no café, noite sem lua e um pouco fria, por exemplo.

O último poema da obra corresponde a despedida:

a gente vai dizendo adeus

e vai ficando

mesmo assim

e o tempo vai terminando

e não tem improviso

não tem refrão

é fim. É não. (RIBEIRO, 2013, p.69)

No primeiro poema da obra ocorreu a indicação de que o início correspondia também a descrição de um corpo-poema, entretanto no final da obra a ideia de corpo não é retomada. O tempo representado no poema é o tempo da vida, embora inicialmente permita compreender que é também o tempo da leitura. O tempo não ficcional não possibilita improviso ou refrão (repetir o que foi vivido) e possui fim e recusas. A metáfora do corpo-poema evidencia que os poemas da obra são feitos a partir das sensações e sentimentos, que talvez sejam os “infernos” que a obra “pescou”.

3.3 O Eu-lírico racializado: Do invisível ao visível

O discurso é um dos momentos da prática social e estabelece articulação com outros momentos: fenômeno mental, relações sociais e mundo material (RESENDE&RAMALHO, 2011, p.16) e também é um “modo particular de representar parte do mundo” (op.cit, p.17). O teor ficcional do discurso literário não anula a presença dos outros momentos da prática social, apenas o especifica em relação ao seu propósito enunciativo, entretanto não pode ser visto como desprovido de investimentos ideológicos. A partir disto é possível interpelar sobre a categoria “eu-lírico”: Na poesia contemporânea seria possível considerar a referida categoria como configurada pela questão racial? Com base na tessitura poética é possível perceber qual é a identidade racial de quem escreve?

Analisando comparativamente o modo como o eu-lírico é configurado nos poemas de Cristiane Sobral e Ana Elisa Ribeiro é possível perceber que a identidade racial é perceptível através do modo como o sujeito lírico é representado. As metáforas do corpo presente nas obras das escritoras possibilitam observar que o “Eu” em Sobral possui pele negra e cabelo crespo, já em Ribeiro, o “eu” se configura sem indicações de características fenotípicas. As escritoras enquanto sujeitos sociais distintos possuem diferentes sistemas de representações, isto é, “em uma sociedade com oportunidades sócio-econômicas e culturais desiguais, não há um único, mas inúmeros sistemas de representações” (LIMA, 1980, p.70). Por meio destes sistemas crenças e valores são sociabilizados, podendo ocorrer à difusão ideológica, direta ou indireta, de estereótipos acerca de grupos sociais ou o reforço simbólico do controle social das ideologias hegemônicas. O “eu” em Ribeiro é apresentado a partir do sistema de representação da branquitude, pois dentre as problemáticas do “eu” a questão racial não é relevante, indicando que o sujeito lírico se encontra na esfera do hegemônico, não é posto em tensão, embora a temática do gênero esteja presente.

Quando se observa o tema “amor” nas obras das escritoras o racial também se apresenta. O “Eu” de Sobral expressa que o sujeito amado possui a pele negra e o “Eu” de Ribeiro apresenta o amado ou quem se deseja como alguém com “olhos verdes”, entretanto sem dizer nada referente à pele. Em termos estruturais ambas as obras mobilizam recursos de linguagem como a metáfora e a ironia, sendo que a utilização se dá de modo diferente dos mesmos, na obra *Anzol de pescar infernos*

(2013) a ironia é realizado no poema “Cão” (op.cit, p.36) em tom de sarcasmo diante da infidelidade do companheiro. Em *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz* (2014), a ironia, também em tom sarcástico, é mobilizada em muitos poemas, entretanto o poema “Manual Melanina (Leia com ironia)” (op.cit,p.30-31) é realizada em todo o poema, com a junção com da metalinguagem ao expressar o modo como leitor deve ler o poema, a ironia se configura na negação do próprio enunciado literário e no jogo de dizer o oposto do que se acredita.

Em “Fazer, a poesia” (2013) Jean-Luc Nancy expressa que o “sentido de “poesia” é um sentido sempre por fazer (op.cit, p.416) o que possibilita pensarmos se todas as categorias de análise da poesia estão fechadas em suas definições e se outras categorias são possíveis de surgirem para se ter um entendimento mais profundo da poesia. A categoria “eu-lírico” é considerada dissociada da figura do autor, embora seja possível pensar a construção poético de um sujeito dentro do texto, o imaginário do sujeito que escreve se manifesta no “eu” o qual se cria, além de ser a linguagem uma forma de transmitir crenças e ideologias sócio-historicamente produzidas. Em *O arco e a Lira* (1982) Octavio Paz faz a seguinte consideração:

O poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta. (PAZ, 1982, p.225-226)

O eu-lírico e a própria voz do autor não estão isentos da realidade que lhe emana, o primeiro é construído pelo segundo por meio de palavras estas que já em si tem seus sentidos configurados pelo imaginário social. A história e a comunidade são como diz Paz o que alimenta o poema e que por ele são alimentadas, o que possibilita entender que o poema emana sentidos que são produtos também do dialogismo desses fatores. Ainda o crítico literário explicita que “O poeta consagra sempre uma experiência histórica, que pode ser pessoal, social ou ambas as coisas ao mesmo tempo” (PAZ, 1982, p.233). O sujeito poético e sujeito autor são parte da mesma moeda, o discurso, sendo que as ideologias que os textos são passíveis de mobilizar correspondem também a

parte do processo de criação poética, onde os sistemas de representação se relacionam dialeticamente com os imaginários sociais.

O eu-lírico também pode ser dissociado da figura da(o) autora/autor como ocorre no poema “útero da terra” (SOBRAL, 2014, p.86) em que a terra é personificada e enuncia sobre a própria existência a partir do sentimento maternal. Entretanto, mesmo simulando outro lugar de fala, nem sempre se consegue mobilizar outros esquemas de pensamento e percepção diferente do que se está habituado, principalmente quando se envolve um lugar de fala cuja identidade racial não é a mesma de quem escreve o texto literário.

O “eu” de Ana Elisa Ribeiro é feminino e branco e o discurso literário de sua obra não reproduz estereótipos raciais e nem de gênero, ao realizar a metáfora do corpo a única questão que fica bem clara é que se trata de um corpo feminino, lembrando a questão do “feminino universal” veiculado por algumas mulheres brancas que produzem teorias feministas, um exemplo, é a entrevista recente “A história contada no corpo” da historiadora Mary Del Priore, organizadora do livro *História das Mulheres no Brasil (2004)*, em que a mesma traz uma abordagem generalista acerca da trajetória política da mulher no Brasil e também desconsiderando a questão racial como capaz de intervir nas experiências femininas em nossa sociedade racista.

Na obra de Cristiane Sobral o “eu” é feminino e negro, a temática do cabelo e a cor estão presentes relacionados com outras temáticas como amor, maternidade, relacionamentos, por exemplo. Em sua metáfora do corpo a pele está presente, a questão de gênero atrelada ao racial. Embora, a discussão da interseccionalidade exista ainda se observam discursos feministas em que a temática racial é colocada como secundária.

Ambas são escritoras brasileiras cujas identidades raciais são diferentes, enquanto sujeitos sociais realizam suas produções literárias em contato com o imaginário social, coletivo e individual, pelo qual foram (e são) sociabilizadas e experimentam a desigualdade de gênero, porém a desigualdade racial fornece privilégios a uma em detrimento da outra. Dialeticamente, as representações do feminino de Cristiane Sobral e Ana Elisa Ribeiro possibilitam que se compreenda que “ser mulher” envolve muitas perspectivas e que as vozes de mulheres são polifônicas e que precisam ser reconhecidas e ouvidas na mesma proporção de sua pluralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escritas literárias contemporâneas produzidas por mulheres reproduzem as conquistas das lutas feministas aos longos dos anos, como também, no caso das mulheres negras, expressam também as conquistas da luta negra. Esta escrita também possibilita a reflexão também de que cada mulher independente dos segmentos sociais que faz parte possui sua subjetividade a qual dialeticamente se relaciona com a coletividade onde está inserida. A literatura de mulheres ainda tem pouco reconhecimento em nossa sociedade, embora muito se tenha avançado, mas ainda se vê preponderante no espaço literário o reconhecimento de homens, brancos, ricos e heterossexuais, o que é sintomático de que as relações de poder determinam o campo artístico literário, não só que tange a figura do escritor como também a figura do crítico.

A obra *Anzol de pescar infernos (2013)*, composta por 53 poemas, de Ana Elisa Ribeiro expressa uma perspectiva do feminino de modo que consegue despertar ao leitor o interesse por aquilo que enuncia. Ana Elisa cria a tessitura poética sem a manifestação de ideologias que corroborem os sistemas de segregação da sociedade brasileira, como o racismo, por exemplo. De modo humorístico e também sensível expressou a poética de uma experiência feminina rompendo com os padrões de feminilidade ou até mesmo com o discurso que busque determinar como uma mulher deve se comportar. Ao pensar a obra com o livro *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*, pode-se concluir que cada uma das autoras, mulheres, dão uma funcionalidade específica a literatura e os métodos estéticos são mobilizados para isto.

A obra de Cristiane Sobral, *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz (2014)*, é composta por 105 poemas que fornece uma perspectiva do feminino, diferente da perspectiva de Ana Elisa, mas que possui semelhanças. Na obra a questão racial é representada, entretanto não é temática restrita da obra. Cristiane desperta no leitor certo “estranhamento” caso o mesmo não esteja acostumado com a enunciação literária manifestando questões raciais ou mesmo denunciando as sutilezas no discurso comum de ideologias racistas. Ao leitor cuja identidade racial seja negra, o processo de catarse ocorre juntamente com a identificação com quem enuncia, as experiências do leitor e da autora se encontram nos versos lidos. A

representação expressando a representatividade, a possibilidade de alguma estudante ou estudante cuja identidade racial seja negra poder se ver no texto como os demais colegas se veem. A palavra literária enquanto enfrentamento e também fortalecimento psíquico e humano de quem a lê. Através de distintos artifícios estéticos como a ironia e o paradoxo, Cristiane, cria uma poética que brinca de forma inteligente com a própria linguagem.

Embora existam escritores e escritoras negras que optam por não tratar da temática ou tratá-la de modo menos visível e com isto conseguem adentrar o mercado editorial mais facilmente, pois um poema que mostre a pele de quem lê a pele de quem escreve não obtém fácil adesão, pois também faz parte dos discursos sociais a recusa de enxergar que a sociedade é racializada e racista, além dos tabus sobre o que deve a literatura falar ou não falar. Tabus que não são apenas raciais, mas também de gênero.

Ao observar o modo como se configura o sujeito lírico na obra de cada autora é possível percebê-lo a partir da racialização, embora a identidade racial, diferente do gênero, não seja aceita na crítica literária enquanto categoria analítica, principalmente no que se refere a identidade racial branca. Nesta pesquisa a categoria racial é utilizada para se pensar tanto a obra de Cristiane Sobral como a de Ana Elisa Ribeiro, sendo possível compreender que o lugar enunciativo no texto literário também é um lugar racial. A experiência racial dos sujeitos em uma sociedade racista não tem como ser ignorada, mesmo que seja repleta de privilégios em detrimento de outras identidades raciais, como é o caso do branco, ou, constitua uma experiência estereotipada e seja alvo do racismo em nível estrutural e epistêmico como é o caso da população negra e de outras populações não brancas.

A literatura brasileira ainda está se configurando. A literatura contemporânea, como expressou a pesquisadora Regina Dalcastagnè, consiste em um “território contestado”, pois ainda é excludente, seguindo a ideia machadiana, ainda não é real, embora podemos considerar que seja oficial, já que o oficial segue uma lógica hegemônica. A literatura se desenvolverá a partir do momento que a sociedade se desenvolver, enquanto os muros universais do imaginário social não forem destruídos, a literatura será mais privilégio do que bem comum.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura brasileira contemporânea*. Belo Horizonte, Nandyala, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, José D'Assunção. *A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *Branqueamento e branquitude no Brasil*. In Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p.25 – 57
- BOSI, Alfredo. *As flechas opostas do sagrado*. In: Dialética da Colonização. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras: 1992. p.64-93.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade, diferenciação*. Cadernos Pagu, 2006, n.26, pp.329-376.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. Tese. Salvador, 2012.
- CARDOSO, Lourenço. Retratos do branco racista e anti-racista. Revista reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul. v.18.n.1. p.46-76, 2010.
- CASTORIADIS, Cornélius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 1982.
- CHRISTIAN, Barbara. *A disputa das teorias*. Tradução de Liane Schneider Revisão de Claudia de Lima Costa. Revista estudos feministas .vol.10.n.1. Florianópolis. Jan.2002.
- CORTAZZO, Uruguay. *Racismo y crítica literária*. CADERNOS DE LETRAS, Pelotas, N.25.p.141 – p.153, 2015. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003
- CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*. Estudos de literatura brasileira contemporânea, v. 31, p. 87-110, 2008.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: Uerj, 2012.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

Dicionário de sinônimos. Disponível em <https://www.sinonimos.com.br/inferno/>
Acesso em 10 out.2017.

DINIZ, Débora. *Feminismo: modos de ver e mover-se*. In: O que é feminismo? Lisboa: Escolar Editora, 2015.p.47-60.

DIOGO, Rosália. *Negros feminismos*. In: O que é feminismo? Lisboa: Escolar Editora, 2015.p.85-103.

DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil*. Estudos avançados. v.17.n.49, 2003

DUARTE, Eduardo de Assis. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. In: DUARTE, Eduardo de Assis. FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p.376-403

DUARTE, Vera. *O poder da palavra: representações na literatura de autoria feminina: escrevo, logo existo*. CERRADOS, Brasília, ano 20. N.32, 2011. p.377-p.387

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética da nossa afrobrasilidade*. .SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Ed. UNB, 2001

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org e trad de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e Escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

GILROY, Paul. *Entre campos: nações, culturas e o fascínio das raças*. Tradução Célia Maria Marinho de Azevedo. São Paulo: Annablume, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: Ciências Sociais Hoje, 2 Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e Outros Estudos ANPOCS, 1984

GUIMARÃES, Sérgio Antônio Alfredo. *Raça, cor e outros conceitos analíticos*. In: SANSONE, Livio; PINHO, Osmundo Araújo. *Raça: Novas perspectivas antropológicas*. 2. ed.rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA.2008, p.63-82.

hooks,bell. *Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo* (2014). Tradução livre disponibilizada pela plataforma gueto. Disponível em <<https://plataformagueto.wordpress.com/2014/12/10/traducao--aint-i-a-woman-black-woman-and-feminism/>> Acesso em 20 out.2017.

HUIJG, Dieuwertje Dyi. *Feministas brancas... tirando a máscara? A expressão da branquitude feminina*. Amsterdam, 2007.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. 2.ed.Rio de Janeiro: EdUERJ,2013.

MARTINS, Leda. *A fina lâmina da palavra*. In: DUARTE, Eduardo de Assis. FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p.279-307

NORONHA, Jovita. M. G.; FIGUEIREDO, Eurídice. *Identidade Nacional e Identidade cultural*. In: Eurídice Figueiredo. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora - Niterói: Editora UFJF - EdUFF, 2005, v. , p. 189-206.

OLIVEIRA, George. *Afroconveniência no Brasil*. Correio Nagô. Disponível em <<http://correionago.ning.com/profiles/blogs/a-afroconveni-ncia-que-incomoda-por-george-oliveira>> Acesso em 10 dez.2017.

Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

PEREIRA, Therezinha Maria Scher. *Imagens de nação e povo na literatura brasileira*. In: NASCIMENTO, E.; OLIVEIRA, M.C.C.; SILVA, T. V.Z. (org) *Literatura em perspectiva*. Juiz de Fora. Eduffj, 2003.

RAMALHO, Viviane. RESENDE, Viviane Melo. *Análise do Discurso (para a) Crítica: O texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Anzol de pescar infernos*. São Paulo: Patuá, 2013.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*.3.ed.São Paulo: Companhia das letras, 1995.

ROCHA, Luiz Carlos Moreira da. *Literature and its role in the formation of the nations*. Revista Literatura e Sociedade.USP. N.22.2016.p.68-77.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Tradução Denise Bottman. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOBRAL, Cristiane. *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Brasília. Edição do autor, 2014.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.